• ANAIS •

XXIII SEMANA DE GEOGRAFIA
UEPG

Múltiplos Espaços

XXIII SEMANA DA GEOGRAFIA

XVII JORNADA CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA

X ENCONTRO DO SABER ESCOLAR E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

V SEMANA DO ENSINO À DISTÂNCIA DA UEPG

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PONTA GROSSA

02 A 06 DE DEZEMBRO DE 2016

• ANAIS •

XXIII Semana da Geografia - "Múltiplos Espaços"

XVII Jornada Científica da Geografia

X Encontro do Saber Escolar e Conhecimento Geográfico

V Semana do Ensino à Distância da UEPG

ISSN 2317-9759

Ponta Grossa

2016

Capa

Guilherme Scheid

Projeto gráfico e diagramação

Samara Moleta Alessi e Antonio Liccardo

Comissão Técnico-Científica

Prof. Dr. Almir Nabozny

Prof.ª Dr.ª Ana Paula Aparecida Ferreira Alves

Prof.ª Dr.ª Andrea Tedesco

Prof. Dr. Antonio Liccardo

Prof. Dr. Celbo Antonio Fonseca Rosas

Prof.ª Dr.ª Cicilian Luiza Löwen Sahr

Prof. Dr. Elvio Pinto Bosetti

Prof. Dr. Gilson Campos Ferreira da Cruz

Prof.ª Dr.ª Joseli Maria Silva

Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

Prof. Dr. Marcio Ornat

Prof.ª Dr.ª. Maria Ligia Cassol Pinto

Prof. Dr. Mário Sérgio de Melo

Prof.ª Dr.ª Naomi Burda

Prof. Dr. Paulo Rogerio Moro

Prof.ª Dr.ª Selma Aranha Ribeiro

Prof.ª Dr.ª Silvia Méri Carvalho

Comissão Organizadora

Docentes

Prof. Dr. Almir Nabozny

Prof. Dr. Antonio Liccardo

Prof. Dr. Elvio Pinto Bosetti

Prof. Dr. Gilson Ferreira da Cruz (Nutead)

Prof.ª Dr.ª Maria Ligia Cassol Pinto

Discentes

Adriano Tavares

Bruna Teixeira

Guilherme Scheid

Janaína Rodrigues

Kleverson Gonçalves Maieski

Rafael Follmann dos Santos

Samara Moleta Alessi

Vivian Loreny Guido

Secretaria

Prof.ª Beatriz de Almeida

Prof.ª Dr.ª. Jeanninny Carla Comniskey

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Reitor

Carlos Luciano Sant´Ana Vargas

Vice-Reitor

Gisele Alves de Sá Quimelli

SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS

Diretor

Luiz Alexandre Gonçalves Cunha

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

Chefe

Celbo Antonio Ramos da Fonseca Rosas

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Coordenação

Adriana Salviato Uller

CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

Coordenação

Mário Sérgio de Melo

• SUMÁRIO •

RESUMOS

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL: O EXEMPLO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA 8
Cassiano William Farias; Jaine Lima; Janaine Rodrigues; Luiz Felipe Przybyloviecz; Diego Osni Fernandes e Joelma Aparecida Krepel

PARÂMETROS PALEOECOLÓGICOS INFERIDOS A PARTIR DE UMA ANÁLISE ICNOLÓGICA: UM EXEMPLO PARA O EMSIANO (DEVONIANO) DA BACIA DO PARANÁ 9
Daniel Sedorko e Elvio Pinto Bosetti

CONVERSANDO SOBRE A "TERRA ENCANTADA": NARRATIVAS DA TERRA E GEOPOÉTICA DO LUGAR 10
Everton Miranda; Adelita Staniski; Juliano Strachulsk e Nicolas Floriani

PIBID NO ENSINO DA GEOGRAFIA: OPORTUNIDADE E MUDANÇA 11
Jaine de Lima; Janaine Rodrigues; Luiz Felipe Przybyloviecz; Weliton Janelso de Lima e Joelma Aparecida Krepel

LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS ATUAIS DOS TERRENOS NÃO EDIFICADOS NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS ARROIOS LAGEADO GRANDE E PILÃO DE PEDRA – PONTA GROSSA PR 12
Larissa Viana da Cruz; Kleidiane Ap. Souza Moreira; Carlos A. Rogoski; Maria Ligia Cassol Pinto e Vivian L. Guido

O USO DE CHARGES COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA 13
Alison Diego Leajanski; Camila Ghion da Silva Francisco e Willian Samuel Santana da Roza

GEOPROCESSAMENTO E O ATLAS ELETRÔNICO DO ANTIGO COMPLEXO FERROVIÁRIO/HIDROVIÁRIO DO PARANÁ TRADICIONAL 14
Carlos Alexandre Rogoski; Adriana Aparecida de Andrade; Leonel Brizolla Monastirsky e Naomi Anaue Burda

NOVA SEÇÃO DE AFLORAMENTOS DEVONIANOS NA BORDA LESTE DA BACIA DO PARANÁ – SEÇÃO CEEP, ARAPOTI, PARANÁ, BRASIL 15
Elvio Pinto Bosetti e Lucinei José Myszynski Junior

A PAISAGEM DA PRAÇA E DO PARQUE: LUGARES PATRIMONIALIZADOS ENTRE PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS 16
Everton Miranda e Edson Belo Clemente de Souza

SUSTENTABILIDADE SÓCIOAMBIENTAL NO APROVEITAMENTO GEMOLÓGIO DE SEDIMENTOS DO RIO TIBAGI, PR 17
Samara Moleta Alessi e Antonio Liccardo

MAPEAMENTO DA ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS EM QUATRO BAIRROS DE PONTA GROSSA-PR COM O USO DE IMAGEM DE ALTA RESOLUÇÃO 18
Silvia Méri Carvalho; Jéssica Liziane Gadotti e Gabriela Kostrzewycz Pereira

A UTILIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM AMBIENTAL DO ARROIO DE OLARIAS, PONTA GROSSA-PR 19
Jaine de Lima; Adriana Aparecida de Andrade; Dilmara Rodrigues; Elaine Orlovski e Thiago Della Torres

RESUMOS EXPANDIDOS

GEOGRAFIA DOS SUPER-HERÓIS: A UTILIZAÇÃO DE HQS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO 21
Adriana Aparecida Andrade; Carla Silvia Pimentel e João Paulo Camargo

O DISCURSO FUNDAMENTALISTA RELIGIOSO ENQUANTO INSTRUMENTO DE OPRESSÃO NO ESPAÇO ESCOLA PARA AS PESSOAS FREQUENTADORAS DA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA DE MARINGÁ 26
Adriana Gelinski

A IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA E A IDENTIDADE CRISTÃ DE GRUPOS LGBT DA CIDADE DE MARINGÁ 30
Adriana Gelinski

O LOCAL TEM VALOR 34
Alberto Alves da Rocha

PATRIMÔNIO CULTURAL DA EXTINTA HIDROVIA DO RIO IGUAÇU (PR): ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CIDADES DE UNIÃO DA VITÓRIA, SÃO MATEUS DO SUL E PORTO AMAZONAS 39
Amanda Thalia Miranda e Leonel Brizolla Monastirsky

O PATRIMÔNIO CULTURAL DA EXTINTA HIDROVIA DO RIO IGUAÇU (PR) E A MEMÓRIA DOS IDOSOS 42
Ana Claudia da Silva

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915) 48
Ana Regina Praxedes Fernandes

SOCIEDADE E FUTEBOL: O CLUBE VERDE DE PONTA GROSSA-PR 53
KaíkeTozetto de Souza

O TRABALHO DE CAMPO E A PESQUISA QUALITATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTENSIDADE 57
Leandro Lemos de Jesus e Almir Nabozny

NOVOS OLHARES SOBRE A PALEONTOLOGIA NO MUNICÍPIO DE TERESINA, ESTADO DO PIAUÍ 62
Willian Mikio Kurita Matsumura; Naide de Lucas da Silva; Nadia Lavinha de Sousa Frazão;

Marco Antônio Fonseca Ferreira; Elvio Pinto Bosetti

EDIFÍCIOS DE USO MISTO (COMERCIAL E RESIDENCIAL) NA REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA/PR 66
Ramon de Oliveira Bieco Braga; Ana Paula Benato e Stefany Pontes de Freitas

AS ESPACIALIDADES INTERACIONAIS DAS 'CAPELINHAS VISITADORAS DE LARES': O CASO DO CONJUNTO RESIDENCIAL RAUL PINHEIRO MACHADO 72
Sandro Murilo Pedrozo e Cicilian Luiza Löwen Sahr

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DE PROJETOS - A BACIA DO ARROIO OLARIAS EM PONTA GROSSA-PR 76
Silvia Méri Carvalho

A CRIMINALIDADE E A SEGURANÇA PÚBLICA EM CIDADES FRONTEIRIÇAS: O CASO DE GUAÍRA (BR) E SALTO DEL GUAIRÁ (PY) 81
Arnaldo José da Luz

CARACTERIZAÇÃO GEO-CARTOGRÁFICA DA AREA DISTRITAL DE ITAIACOCA E PRINCIPAIS PONTOS TURISTICOS 87
Evelyn Stocco e John Lenon de Goes

NA PAISAGEM TEMOS LUGAR, NO LUGAR TEMOS PAISAGEM: RELATOS EPISTEMOLÓGICOS INICIAIS 91
Everton Miranda

UTILIZAÇÃO DE DADOS DE SENSORIAMENTO REMOTO OBTIDOS POR AERONAVE REMOTAMENTE PILOTADA PARA MODELAGEM DE SUPERFÍCIE 96
Joel Zubek da Rosa; Selma Regina Aranha Ribeiro; Alaine Margarete Guimaraes; Neyde Fabiola Balarezo Giarolla e Carlos Hugo Rocha

DENSIDADE DE GEOSSÍTIOS NA ESCARPA DEVONIANA A PARTIR DO LEVANTAMENTO DA ROTA DOS TROPEIROS 102
Marianne Oliveira; Selma Regina Aranha Ribeiro e Antonio Liccardo

O USO DO NDVI E ANÁLISE ORIENTADA A OBJETO GEOGRÁFICO PARA RECONHECIMENTO E EXTRAÇÃO DA VEGETAÇÃO EM IMAGENS DIGITAIS DE ALTA RESOLUÇÃO EM DOIS BAIRROS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR 107
Murilo Henrique de Brito e Selma Regina Aranha Ribeiro

HIDROGRAFIA URBANA E DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL: OCUPAÇÃO IRREGULAR ÀS MARGENS DO CÓRREGO LAJEADINHO– PONTA GROSSA – PR 112
Nisiane Madalozzo

EXPEDIÇÃO 'GEODIVERSIDADE NO BRASIL MERIDIONAL' 119
Camila Priotto Mendes; Mariane Louro de Lima; Mauro Antonio Gonçalves Filho; Samara Moleta Alessi; Kleverson Gonçalves Maieski e Antonio Liccardo

TERRITORIALIDADES EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA EM PROJETOS DE ASSENTAMENTO NA AMAZÔNIA ACREANA E NOS CAMPOS GERAIS NO PARANÁ* 126
Alexsande de Oliveira Franco; Andressa Mª Woytowicz Ferrari; Maira Alejandra Amaris Buelvas; Celbo Rosas

DINÂMICA DO USO E APROPRIAÇÃO DA PRAÇA PE. ANTÔNIO F. CABALLERO EM PONTA GROSSA-PR 130
Thaís Samanta De Lima; Angela Stasievski Rochinski; Silvia Méri Carvalho

RESUMOS

A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL: O EXEMPLO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

Cassiano William Farias
Jaine Lima
Janaine Rodrigues
Luiz Felipe Przybyloviecz
Diego Osni Fernandes
Joelma Aparecida Krepel

Palavras-chave: Prática de campo. Conscientização. Preservação da natureza

A realização da prática de campo no ensino fundamental objetivou evidenciar a importância sobre a conscientização ambiental no Parque Estadual de Vila Velha, Paraná. Nesta abordagem, a atividade programada foi sobre o projeto cultura da paz, tema relacionado com o mês do Junho Verde, que visa conscientizar osalunos do 6º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Professor Meneleu de Almeida Torres. A realização da saída técnica foi feita no Parque Estadual de Vila Velha, local de importante destaque e preservação da natureza. Esta,teve como intuito proporcionar o contato com anatureza e relacionar o que foi exposto na saída com assuntos trabalhados nas aulas de Geografia.Como atividade pedagógica complementar foram propostas atividades com folders, onde neste constavam atividades como questionário e caça-palavras. Esta atividade incluiu bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID, programa que coloca o estudante da licenciatura em práticas docentes. Durante a prática foi abordado pelo profissional responsável do Parque Estadual de Vila velha, questões sobre a importância da preservação das matas, fauna e flora da região dos Campos Gerais, além da observação através das trilhas existentes por dentro do Parque, proporcionando aos alunos uma outra visão sobre o meio ambiente de forma a desconstruir o que vem passado de forma simplista nos meios midiáticos e outros sobre o parque. Além de proporcionar o aprofundamento do conhecimento em sala de aula, os alunos obtiveram o prazer em nesta aula passeio, sair do tradicionalismo escolar, cujo método de sala de aula vem sendo reforçado com pesquisas relacionadas a educação ambiental e o projeto cultura da paz, figurando entre o contato de reforço a cidadania dos alunos e a proximidade com a natureza ao seu redor espacial.

PARÂMETROS PALEOECOLÓGICOS INFERIDOS A PARTIR DE UMA ANÁLISE ICNOLÓGICA: UM EXEMPLO PARA O EMSIANO (DEVONIANO) DA BACIA DO PARANÁ

Daniel Sedorko
Elvio Pinto Bosetti

Palavras-chave: Icnofácies Cruziana. Inferências Paleoambientais. Icnofósseis.

As camadas devonianas da Bacia do Paraná são amplamente conhecidas devido ao seu rico conteúdo fossilífero, com fósseis do Domínio Malvinocáfrico. Em contrapartida, as estruturas sedimentares biogênicas, ou icnofósseis, receberam pouco enfoque na literatura, predominando estudos de cunho icnotaxonômico ou apenas registros de ocorrências. Este estudo almeja inferir os parâmetros paleocológicos que condicionaram a colonização do substrato em umaseção do Emsiano (Formação Ponta Grossa, Arapoti – PR,S24º16'36.808", O50º8'0.474"). Este afloramento possui 7,5 m de espessura,onde na base ocorrem 2 m de siltito arenoso, cinza claro a escuro, sem estrutura sedimentar primária visível (homogeinizado pela bioturbação)os quais gradam para arenito muito fino (0,4 m), cinza claro a amarelo, com acamadamento ondulado. Em contato erosivo ocorrem 5,1 m de diamictitos desestruturados, de matriz arenosa e clastos angulosos de até 12 cm (Grupo Itararé). O nível basal apresenta grau de bioturbação (GB) 5-6 (em uma escala que varia de 0 – sem bioturbação, a 6 –homogeinizado) e é composto pela icnofábrica de*Asterosma – Teichichnus*, com os acessórios *Chondrites, Taenidium, Halopoa, Planolites, Palaeophycus, Rhizocorallium, Diplocraterion, Skolithos, Cylindrichnus, Arenicolites, Helminthopsis, Helminthoidichnites, Arenicolites* e *Zoophycos*. A fácies arenosa possui GB 4, apresentando a mesma icnofábrica, porém com menos acessórios (*Palaeophycus, Cylindrichnus, Rhizocorallium, Taenidium, Cylindrichnus, Skolithos, Arenicolites, Diplocraterion* e *Chondrites*). O diamictitopossui GB 0. Nas camadas basais predominam escavações horizontalizadas, em elevada densidade e icnodiversidade, com predomínio de hábitos detritívoros sobre ossuspensívoros.Gradualmente diminui a densidade e icnodiversidade para as camadas arenosas, permanecendo preferencialmentebioturbações de ambiente relativamente mais energético. Este padrão permite identificar condições de ótima oxigenação no substrato, em ambiente estritamente marinho, com baixo a moderado índice de energia hidrodinâmica e com suprimento alimentar predominantemente dentro do substrato, posicionado no *offshore* transicional.

Apoio: Prosup/Capes; CNPq.

CONVERSANDO SOBRE A "TERRA ENCANTADA": NARRATIVAS DA TERRA E GEOPOÉTICA DO LUGAR

Everton Miranda[1]
Adelita Staniski[2]
Juliano Strachulski[3]
Nicolas Floriani[4]

[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG, email: miranda13em@gmail.com
[2]Mestre em Gestão do Território, email: adelitasta@hotmail.com
[3]Dutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG, email: julianomundogeo@gmail.com
[4]Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, email: florianico@gmail.com

Palavras-chave: Narrativas da terra. Geopoética do lugar. Sujeitos. Pertencimento.

Os sujeitos gravam suas geograficidades na terra dando a terra uma importância além de seus atributos físicos-biológicos, reconhecendo-a como parte (i) material da sua existência. Assim, temos escrituras sobre a terra, à geopoética do lugar como base das narrativas da terra, base da gente do lugar e suas essências. No relacionamento entre o homem e a terra formam-se lugares, ao habitar a Terra construímos um lar – um lugar que estabelecemos relações afetivas e de pertencimento pelas experiências e memórias. A vinculação afetiva, como diz Tuan (2012) a topofilia, entre a pessoa e o ambiente se dão por meio aos sentimentos de grupo e no apego ao lugar. Vê-se assim, o lugar como reunião (RELPH, 2012), o lugar como um local de experiências e pertencimento, onde o sujeito se reconhece, tem enraizamento e vivência. Um lugar que é o espaço vivido, o "mundo da vida" que possui marcas e identidades. As percepções do/no lugar e suas particularidades dão base ao sentimento de pertencimento ao próprio lugar da vida. O sentimento de pertencimento é uma construção subjetiva que une o indivíduo ao seu lugar de vivência, a sua terra. De acordo com Santos (1999, p.65) "o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos". Os indivíduos pensam em si mesmos e em sua coletividade, seu grupo, e assim constroem símbolos que expressam suas geograficidades existenciais mediante seu ser-com-a-terra e ser-com-o-outro-na-terra. Nos ambientes rurais temos as relações entre os sujeitos e a terra (o lugar), diversas narrativas da terra e geopoéticas do habitar implicadas com o sentimento de pertença a sua geograficidade e as ruralidades. As quais podem ser expressas em florestas, rios, campos, montanhas, plantações, plantas alimentares, lugares, paisagens, etc. Tendo a construção de uma "terra encantada" por meio da ruralidade, pela essência e sentido do lugar e da própria terra. Essa "terra encantada" está sustentada nas ruralidades, na gente do lugar e em suas memórias, e no modo de vida do campo. A conversa sobre a "terra encantada" perpassa por uma narrativa da terra e pelas geograficidades existenciais da(s) gente(s) do(s) lugar(s), levando a terra como marca e matriz, o cotidiano da vivência do/no lugar, o ser-no-lugar, e a sensação de pertencer a tal lugar e tal lugar nos pertencer.

PIBIDNO ENSINO DA GEOGRAFIA: OPORTUNIDADE E MUDANÇA

Jaine de Lima
Janaine Rodrigues
Luiz Felipe Przybyloviecz
Weliton Janelso de Lima
Joelma Aparecida Krepel

Palavras-chave: Experiência Pibidiana. Vivencia Escolar/Universitária. Ensino diferenciado.

Quando falamos em PIBID, destacamos a parte que consiste na melhoria do acadêmico como profissional. A importância do projeto é notado por muitos dos envolvidos, de forma que os acadêmicos participantes se introduzem no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. Os futuros docentes, já podem estar envolvidos no cotidiano escolar desde o primeiro ano acadêmico, contribuindo muito para sua formação e para saírem mais preparados para atuação. A problemática deste trabalho pauta-se na indagação: Qual a visão dos diferentes sujeitos da comunidade escolar e universitária com relação aos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência? Quais as mudanças no aprendizado dos alunos participantes do projeto? Houve melhoria no ensino? Traçou-se como objetivo geral investigar como os diferentes sujeitos vêem o bolsista pibidiano e sua interação com as atividades escolares, para poder identificar apontamentos sobre o que consideram ser produtivo e as situações de críticas com relação ao Programa. Como procedimento metodológico da pesquisa, foram utilizados mecanismos de observação direta, aplicação de questionários para os alunos no qual era pesquisado sobre o ensino de antes e depois do projeto e também através de registro de experiências. Os resultados apontam a relevante importância do projeto nas escolas de forma que é claramente notado que com o auxilio que os professores participantes recebem, oportunizam e proporcionam um ensino diferente, mais dinâmico com mais aulas praticas, oficinas, jogos, etc. Com isso, notando-se maior curiosidade e interesse dos alunos com a matéria, com olhares que traduzem o grau de envolvimento e participação de cada um. Devido esse ensino mais dinâmico, desperta também curiosidade entre as turmas não participantes do PIBID.

LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS ATUAIS DOS TERRENOS NÃO EDIFICADOS NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS ARROIOS LAGEADO GRANDE E PILÃO DE PEDRA – PONTA GROSSA PR.

Larissa Viana da Cruz
Kleidiane Ap. Souza Moreira
Carlos A. Rogoski
Maria Ligia Cassol Pinto
Vivian L. Guido

Palavras-chave: Saneamento ambiental. Geomorfologia urbana. Saúde pública.

O saneamento ambiental vincula-se diretamente à gestão ambiental pela salubridade urbana, sendo item chave no estabelecimento do estado de bem-estar das populações, pois se constitui de múltiplas inter-relações imediatas com a saúde humana. A inexistência ou falta dele produzem, por si só, precariedades às condições socioambientais de qualquer lugar. Precariedade, que tem marcado a baixa qualidade de saúde da população urbana brasileira. Por força da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Cidade, Art. 14 (2001), compete ao município/cidadão fazer a gestão ambiental urbana. O objetivo deste trabalho visa identificar possíveis vetores de riscos à saúde pública a partir da caracterização dos terrenos não edificados, no bairro Jardim Carvalho, localizado nas Bacias dos Arroios Lajeado Grande e Pilão de Pedra, porção NNW-NNE de Ponta Grossa. A revisão bibliográfica permitiu o entendimento sobre as ações e serviços relativos ao saneamento ambiental urbano; as relações entre resíduos sólidos domésticos/vetores e proliferação de doenças; no trabalho de campo se fez a localização/condições dos terrenos não edificados com o registro fotográfico; em gabinete foram feitas a tabulação dos dados e análise dos resultados. **Este trabalho apresenta resultados preliminares, correspondente a FASE I.** Foram verificados 28 quarteirões e neles encontrados 19 terrenos não edificados; destes, **05** sem cercamento adequado; 10 com calçada sem acessibilidade; 17 com presença de entulhos; 03 com presença de lamina de água e, 10 com depósitos de madeiras e pneus com água. A realidade observada, não se enquadra no destacado do Art. 13§ II, do Plano Diretor Participativo Municipal *"... a preservação da qualidade do ambiente urbano e natural e com a segurança, bem estar e saúde dos seus moradores, usuários e vizinhos."*. Bem como denota a inexistência de manutenção e fiscalização da qualidade urbana.

O USO DE CHARGES COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Alison Diego Leajanski
Camila Ghion da Silva Francisco
Willian Samuel Santana da Roza

Palavras-chave: Problemas urbanos. Ensino fundamental. Prática pedagógica.

Os problemas urbanos, na maioria das vezes, são decorrentes do crescimento desordenado das cidades, pois com o aumento de habitantes há a necessidade de uma rede de serviços e infraestruturas, que são insuficientes para atender toda a população. É possível abordar os problemas urbanos em sala de aula, por meio de charges, as quais são ilustrações humorísticas que possuem a finalidade de criticar algum acontecimento da atualidade. Portanto, este trabalho teve como objetivo discutir os problemas urbanos, por meio da análise e produção de charges. As docências do presente trabalho foram ministradas pelos acadêmicos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e tiveram como tema principal: problemas urbanos socioambientais. Realizaram-se no mês de outubro, com a participação de sessenta e cinco estudantes, de duas turmas de 7º ano do ensino fundamental, no Colégio Estadual 31 de Março (Ponta Grossa-PR). A primeira etapa iniciou-se com a apresentação do gênero textual charge e suas variações. Em seguida, trabalharam-se, por meio de slides e charges temáticas, os problemas urbanos como segregação espacial, violência, desemprego, ilhas de calor, inversão térmica, chuva ácida, enchentes e alguns tipos de poluição. Na segunda etapa, os alunos formaram duplas e analisaram algumas charges, após responderam as questões propostas. Na última etapa do trabalho, os alunos realizaram, em dupla, a produção de uma charge, utilizando como tema um problema urbano socioambiental, observado no bairro, cidade ou no país em que vivem. Após, a correção das atividades e das charges produzidas, observou-se que a utilização de charges como complementação do conteúdo foi relevante, uma vez que, envolveu humor, estimulou a participação e visão crítica dos estudantes e tornou as aulas de Geografia mais interessantes.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

GEOPROCESSAMENTO E O ATLAS ELETRÔNICO DO ANTIGO COMPLEXO FERROVIÁRIO/HIDROVIÁRIO DO PARANÁ TRADICIONAL

Carlos Alexandre Rogoski
Adriana Aparecida de Andrade
Leonel Brizolla Monastirsky
Naomi Anaue Burda

Palavras chave: Geoprocessamento. Atlas eletrônico. Paraná.

A organização do "Atlas eletrônico do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná Tradicional", projeto de pesquisa (CNPq/UEPG), contém dois grupos de trabalhos associados: a coleta de dados do patrimônio cultural da região e a organização do atlas por meio de Geoprocessamento. Diferente dos atlas impressos, um atlas eletrônico permite ao usuário formas diferentes de manuseio, o que não é possível nos mapas tradicionais. É uma base de dados disponível em ambiente digital, mediante uma plataforma virtual. Assim, o atlas eletrônico buscará fornecer interatividade e integração com os elementos representados, apresentando com maiores detalhes e recursos tais como fotos, informações e rotas turísticas, tabelas, som, vídeo etc. O principal objetivo do projeto é construir um atlas eletrônico para auxiliar o estudo, a análise e o (re) conhecimento do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná tradicional. A partir de trabalhos de campo fez-se a localização, entrevistas, registros fotográficos e coleta dos pontos turísticos via GPS. O passo seguinte é a exportação dos dados para o programa *ARC GIS* 10.4, onde é criado uma tabela com as informações de cada município e pontos turísticos. Posteriormente, é realizada a vinculação do material cartográfico ao programa *ARC GIS ONLINE*. Para o levantamento desses dados é necessário também um estudo das áreas em questão e *download* de mapas disponibilizados pelo IBGE e pelo ITCG. Os resultados preliminares são mapas elaborados com as rotas turísticas, entrevistas e fotografias dos seguintes municípios: Porto Amazonas, Palmeira, São Mateus do Sul, União da Vitória, e Porto Vitória. Espera-se que o Atlas eletrônico venha a contribuir na educação e com o ensino da geografia, com o turismo local, e com a preservação patrimonial. Espera-se também que estas informações sejam transmitidas de forma acessível, rápida, eficiente e atualizada, sobre a região, a cidade, o patrimônio cultural, turismo, economia etc., e com fácil acesso para qualquer pessoa.

NOVA SEÇÃO DE AFLORAMENTOS DEVONIANOS NA BORDA LESTE DA BACIA DO PARANÁ – SEÇÃO CEEP, ARAPOTI, PARANÁ, BRASIL.

Elvio Pinto Bosetti[1]
Lucinei José Myszynski Junior[2]

[1]UEPG, Ponta Grossa, PR, Brasil;
[2]UEPG, Ponta Grossa, PR, Brasil / IFPR, Jaguariaíva, PR, Brasil

A história deposicional do Devoniano do Estado do Paraná é relativamente bem conhecida nos municípios de Ponta Grossa, Jaguariaíva e Tibagi, entretanto, para o município de Arapoti, os trabalhos ainda são escassos. A nova seção de afloramentos localiza-se nas proximidades do Colégio Estadual de Educação Profissional (CEEP), em Arapoti, Paraná, é representada por um pacote de aproximadamente 70 metros de espessura, a qual foi descrita a partir da observação e integração de atributos tafonômicos, estratigráficos e sedimentológicos sob metodologia de coleta de alta resolução tafonômica. A base é composta por 7 metros de arenitos médios, quartzosos, mal selecionados, intercalados por camadas de arenito maciço e por vezes apresentando laminação plano-paralela. O pacote apresenta estruturas sedimentares do tipo wavy e cruzadas de baixo ângulo, evidenciando deposição em ambientes de energia moderada a forte. O conteúdo fóssil é composto por Orbiculoidea e Lingulídeos infaunais em aparente posição de vida. A coluna segue com pacotes de arenitos finos a médios intercalados com finas camadas de argilitos a siltitos médios apresentando laminação *wavy*, indicando ainda ambientes proximais. Nestas camadas registrou-se Lingulídeos infaunais, *Orbiculoidea* e *Australospirifer*, todos desarticulados e paralelos ao plano de acamamento. Acima destas predominam argilitos intercalados por siltitos finos e uma fina camada de arenitos. A partir do 35° metro a seção passa a apresentar siltitos e folhelhos com um aumento significativo tanto na quantidade e na diversidade de *taxa*, mantendo-se a coluna, abundantemente fossilífera até o topo da seção. O grau de bioturbação (GB) também é mais elevado nas camadas superiores, foram identificados 10 icnogêneros em toda a seção, com predomínio de *Palaeophycus* isp. Em todos os níveis é possível observar bioclastos (*Australocoelia* sp., *Derbyina* sp. Lingulídeos infaunais) em posição oblíqua ou perpendiculares ao acamamento. São encontrados associados a bioclastos desarticulados e/ou fragmentados paralelos ao acamamento, tal informação contribuiu para inferir à fauna um caráter autóctone/parautóctone, onde a geração do registro fossilífero foi fortemente controlada pela ação de ondas de tempestade que originaram depósitos de sufocamento. As características taxonômicas (presença da fauna Malvinocáfrica clímax) e de correlação estratigráfica em sítios já datados, em regiões adjacentes, sugerem uma associação de idade Emsiana, entretanto a análise palinológica em andamento confirmará essa assertiva.

Apoio: CAPES e IFPR.

A PAISAGEM DA PRAÇA E DO PARQUE: LUGARES PATRIMONIALIZADOS ENTRE PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS

Everton Miranda[1]
Edson Belo Clemente de Souza[2]
[1]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG, email: miranda13em@gmail.com
[2]Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, email: ebelo2003@yahoo.com.br

Palavras-chave: Paisagem. Percepção. Memória. Patrimônio.

O objetivo deste resumo, derivado da dissertação de mestrado em andamento, é esboçar a paisagem enquanto patrimônio, levando em consideração os cenários que essa se formam. Trata-se de um conjunto que visa tanto à questão material quanto a imaterial. Essas paisagens patrimônios que estamos nos referindo são: a paisagem da Praça Barão do Rio Branco e a paisagem do Parque Ambiental. Tais lugares estão localizados no centro da cidade de Ponta Grossa/PR e fazem parte do cotidiano das pessoas. A marca representativa dessas são suas formas simbólicas, e suas matrizes são as percepções, memórias, os símbolos e as linguagens patrimoniais. A paisagem tem assim sua marca e matriz, moldando o mundo vivido e a essência dos sujeitos envolvidos com essas paisagens. Essas paisagens se tornam um patrimônio para quem a experiencia e vivencia, mas, este patrimônio tem suas materialidades nas formas simbólicas, e suas imaterialidades nas percepções, memórias e símbolos. A metodologia se constitui nas abordagens da hermenêutica e da pesquisa de campo qualitativa. Tanto a hermenêutica quanto a pesquisa de campo qualitativa se preocupam com os (con)textos e visões de mundo, mediante os processos de percepções e significação do mundo vivido e da paisagem. Sendo assim, levamos em consideração as percepções das pessoas que frequentam a praça e o parque sobre a paisagem de ambos, e também suas memórias. Para ajudar a entender essas paisagens patrimonializadas dos lugares utilizou-se também as técnicas de entrevistas, de observação e o registro de paisagens através de fotografias. As narrativas que as pessoas relatam sobre estas paisagens são que, ambos os lugares contêm um pedaço da história da cidade, mas também, um pedaço das suas vivências, das suas experiências no mundo. Elas são paisagens que expressam sentimentos de pertencimentos, símbolos, marcas que expressam as essências dos sujeitos. Os entrevistados discorrem sobre os seus sentimentos topofílicos para com estas paisagens. A nostalgia que as paisagens emanam para eles, fazendo com que se sentissem pertencente às paisagens, e que as paisagens fazem parte deles. Essas paisagens tem uma materialidade, mas também representações simbólicas. São paisagens revestidas de códigos simbólicos e de um conjunto de narrativas. Logo, enquanto resultado até aqui observado, a paisagem patrimonializada dentro do mundo vivido está sustentada pelas experiências, percepções e memórias, no qual, a paisagem está vista sob o prisma do ser-no-mundo.

SUSTENTABILIDADE SÓCIOAMBIENTAL NO APROVEITAMENTO GEMOLÓGIO DE SEDIMENTOS DO RIO TIBAGI, PR.

Samara Moleta Alessi
Antonio Liccardo

Palavras-chave: Garimpo. Aproveitamento Gemológico. Sustentabilidade.

A geodiversidade encontrada em diferentes localidades frequentemente traz pistas sobre a cultura do seu povo. Em Tibagi, cidade localizada no Segundo Planalto Paranaense, isto não é diferente, pois o garimpo de diamantes foi e ainda é peça fundamental de sua história, entrelaçando a comunidade ao rio, que é homônimo. Correndo sobre rochas areníticas e conglomeráticas do Grupo Itararé, o Tibagi tem mais de dois séculos em relatos de uma mineração que, como tantas outras, apresenta entraves ambientais e gera toneladas de materiais de rejeito. Entre estes materiais encontram-se diferentes minerais, alguns com qualidade para aproveitamento gemológico, como calcedônias ou safiras, que apresentam boas características estéticas de cor e brilho, dureza elevada e uma caracterização por análises laboratoriais, além de um especial fator de origem, ressaltando a tradição garimpeira da cidade. Estes aspectos apontam para um potencial de aproveitamento em artesanato ou joalheria de arte, que poderiam ser fomentados entre os grupos ribeirinhos que têm suas economias baseadas no rio, aproveitando como clientela os turistas que já movimentam a cidade ao longo do ano. A distribuição de renda, o uso de materiais que já estão acumulados e, principalmente, a inclusão dos grupos ribeirinhos para receberem orientações adequadas poderiam gerar uma sensibilização ecológica de suas práticas. Este tipo de iniciativa não se proporia a causar uma mudança drástica no modo de trabalho destes grupos, muito menos torná-los ecologicamente corretos, mas incitaria uma mudança gradual, baseada nas limitações e natural lentidão de uma real sensibilização. Isto poderia fornecer as bases para uma conscientização e, principalmente, seria válido na criação de uma sustentabilidade realista e alcançável para aqueles que ainda dependem da prática da mineração, melhorando também seu acesso à renda, com ajuda de projetos ou programas preparados para tal. Desenvolver um artesanato ou uma joalheria neste sentido fortaleceria também a identidade cultural e territorial, o que contribuiria para consolidar a sustentabilidade social e ambiental.

MAPEAMENTO DA ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS EM QUATRO BAIRROS DE PONTA GROSSA-PR COM O USO DE IMAGEM DE ALTA RESOLUÇÃO

Silvia Méri Carvalho
Jéssica Liziane Gadotti
Gabriela Kostrzewycz Pereira

Palavras-chave: Arborização de vias públicas. Inventário. Plêiades.

A arborização de vias públicas está incluída dentro do contexto da arborização urbana como sendo aquela que acompanha as vias públicas, estando em calçadas, canteiros centrais, rotatórias e trevos de conversão (CAVALHEIRO e DEL PICCHIA, 1992). Planejar a arborização de ruas requer o uso de critérios técnico-científicos considerando, as condições ambientais do meio urbano, as funções, a seleção e composição de espécies, a implantação, manutenção e monitoramento (BIONDI e ALTHAUS, 2005). Para a área urbana de Ponta Grossa levantamentos sistemáticos têm sido realizados desde 2005 por meio de pesquisas desenvolvidas, sobretudo junto ao Laboratório de Estudos Socioambientais. Várias orientações foram realizadas em nível de Iniciação Científica, Trabalhos de Graduação, Especialização, além de Dissertações de Mestrado e Tese de Doutorado. Até o momento foram realizados levantamentos em sete bairros, inicialmente por meio de inventários por censo total e mais recentemente utilizando o Sensoriamento Remoto. Este trabalho teve como objetivo identificar a distribuição espacial das árvores de vias públicas de quatro bairros de Ponta Grossa. O mapeamento foi realizado com vetorização em tela a partir da imagem multiespectral Plêiades, fusionada, com resolução de 0,5m com emprego do software *Arc*GIS10.3, do Laboratório de Geoprocessamento do Departamento de Geociências. Além disso foi utilizada a base cartográfica da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa com informações relativas ao perímetro urbano, bairros e quadras. Foram mapeadas 5.876 árvores, sendo 2.408 em Uvaranas, 1.623 no Jardim Carvalho, 1.138 no bairro Órfãs e 807 na área central. Foi necessário o uso do Google Earth para sanar as dúvidas em relação à posição das árvores, principalmente as que se encontravam próximas aos muros e no preenchimento da tabela de atributos, como por exemplo o nome das vias públicas. Como suporte aos futuros trabalhos de campo foram plotados mapas em duas configurações: apenas com dados vetoriais e mapas com dados vetoriais sobre a imagem.

A UTILIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM AMBIENTAL DO ARROIO DE OLARIAS, PONTA GROSSA-PR.

Jaine de Lima
Adriana Aparecida de Andrade
Dilmara Rodrigues
Elaine Orlovski
Thiago Della Torres

Palavras-chave: Fotografias. Ensino. Arroio de Olarias.

Esse trabalho apresenta a fotografia como uma alternativa em potencial para a discussão da questão ambiental nas aulas de Geografia e a contribuição da mesma para ampliar a discussão e reflexão sobre o Arroio de Olarias que é um dos principais arroios de Ponta Grossa, que de acordo com Rogalski "a bacia hidrográfica do Arroio de Olarias possui uma área de 2.711,77 ha, com uma população aproximada de 70.099 habitantes segundo senso demográfico do IBGE (2000)". No curso desse arroio, existe uma proposta da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa de construção de cinco lagos distribuídos em áreas especificas da bacia hidrográfica do Arroio Olarias, que será destinado ao lazer da comunidade pontagrossense. Nessa proposta de oficina há 58 registros fotográficos separados em 5 categorias de analise, são elas: habitações irregulares próximas ao arroio, valorização imobiliária, questão de resíduos no arroio e em suas margens, degradação do solo e sensibilização da população. A oficina tem como objetivo proporcionar aos alunos uma visão crítica em relação ao crescimento urbano da cidade de Ponta Grossa que afeta diretamente o meio natural e seus recursos, demonstrar que a prefeitura investe em atividades e locais de lazer como é o caso do projeto "Lago de Olarias", entretanto, com a análise dessas fotografias de todo o percurso do arroio desde suas cabeceiras até a construção dos lagos, pode se notar os principais descuidos de preservação da bacia do Arroio de Olarias tanto da parte da população quanto da parte da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa que ambos têm seus interesses sobre o local, mas a questão ambiental parece estar esquecida.

RESUMOS EXPANDIDOS

GEOGRAFIA DOS SUPER-HERÓIS: A UTILIZAÇÃO DE HQS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Adriana Aparecida Andrade[1]
Carla Silvia Pimentel[2]
João Paulo Camargo[3]

[1]Aluna de licenciatura em Geografia, DEGEO/UEPG, andrade.aaa3@gmail.com
[2] Profª Dra. de Estágio Curricular Supervisionado, DEGEO/UEPG, cpimentel@uepg.br
[3]Prof. Ms João Paulo Camargo, professor do Colégio Meneleu de Almeida Torres, prof_jpc@hotmail.com

Palavras-chave: Estágio curricular. Geografia. Super-heróis.

As proposições teórico-práticas da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I buscam desenvolver a profissionalidade docente dos alunos do curso de licenciatura em Geografia/UEPG em contato direto com as escolas do Ensino Fundamental II. Dentre as ações realizadas no 1º semestre de 2016 descrevemos neste trabalho o projeto de um minicurso realizado com uma turma de 9º ano do Colégio Estadual Meneleu de Almeida Torres, em Ponta Grossa-PR. Para ensinar alguns acontecimentos sociopolíticos, como a Crise de 1929, a II Guerra Mundial, a Guerra Fria e a crise ambiental de 1990, optou-se por estudar o contexto de criação e de vida de diferentes super-heróis, tais como: Superman, Batman, Capitão América, Quarteto Fantástico, o incrível Hulk, Homem Aranha, Quebra Queixo, Velta, Lagarto Negro e Papo Amarelo. A estratégia utilizada foi o preenchimento de um álbum de figurinhas elaborado especialmente para o minicurso. Além das imagens dos super-heróis (reproduzidas em figurinhas), o álbum apresentava questões sobre os acontecimentos sociopolíticos de cada evento, as quais os alunos deveriam responder. Organizados em grupos, eles criaram um super-herói considerando os seguintes critérios: escolha de poderes, com indicação de como os adquiriram e como se desenvolviam; escolha das fragilidades; definição de personalidade; nome; aparência; uniforme e simbologia para representá-lo, além da proposição de um arqui-inimigo. Esta proposta foi integrada ao "Projeto Menaltor" que é desenvolvido pelo professor de Geografia da turma. Foram criados seis super-heróis pelo grupo de alunos e preenchidos os álbuns individualmente. Os alunos perceberam que os personagens eram permeados de histórias sobre a sua criação, o que causou interesse. Considerando a participação deles nas atividades, conclui-se que a utilização de histórias em quadrinhos em aulas de Geografia apresenta um potencial de aprendizado muito elevado, pois os alunos aprenderam de uma forma divertida, criativa e reflexiva. O uso de diferentes recursos e linguagens em sala demonstra que a Geografia pode ser ensinada de várias formas e cabe ao professor apresentar essa pluralidade aos seus alunos.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento pedagógico da disciplina de Geografia traz como referência os sujeitos da atualidade, com suas práticas, valores, linguagens e propósitos. Neste processo o ensino de Geografia foi se adaptando e se renovando, com novas formas de ensinar, novas linguagens e reflexões epistemológicas cada vez mais abrangentes e condizentes com as necessidades sociais. Partindo dessas premissas apresentamos neste trabalho uma experiência didática que utilizou uma linguagem do cotidiano dos jovens como recurso na aprendizagem de temas da Geografia.

A atividade foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I, que busca desenvolver a profissionalidade docente dos alunos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG com proposições teórico-práticas em escolas do Ensino Fundamental II. No 1º semestre de 2016 realizamos um minicurso com alunos de 9º ano do Colégio Estadual Meneleu de Almeida Torres, em Ponta Grossa-PR. A temática do trabalho envolveu alguns acontecimentos sociopolíticos, como a Crise de 1929, a II Guerra Mundial, a Guerra Fria e a crise ambiental de 1990, que foram tratados a partir do contexto de criação e de vida de diferentes super-heróis.

A indústria cultural oferta materiais que podem ser utilizados em sala de aula, tais como filmes, fotografias, músicas, charges, imagens etc, mas sua utilização vai depender do projeto pedagógico de cada profissional.

É importante ressaltar que ensinar é um processo que requer muita pesquisa e preparação, o professor pode inovar em conteúdos e métodos de ensino para que haja uma maior interação com o aluno em sala de aula, além de promover maior conexão entre o que se aprende na escola e o cotidiano dos alunos.

Neste trabalho defendemos o uso de histórias em quadrinhos e de personagens que fazem parte do imaginário de crianças e jovens, como mediadores para ensinar Geografia.

DESENVOLVIMENTO

O minicurso foi pensado após o período de estágio de observação junto a uma turma 9º ano do Colégio Estadual Meneleu de Almeida Torres, Ponta Grossa/PR. Nesse período notou-se que os alunos em questão apresentavam grande interesse por personagens americanos de filmes, desenhos e da literatura em geral. A escolha das histórias em quadrinhos (HQs) como linguagem de ensino de Geografia foi motivada por esse interesse. Além disso, houve grande preocupação com o processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido nesta etapa. O tema foi proposto pelo professor da turma, mas a linguagem, materiais e dinâmicas fizeram parte do projeto de estágio, que contemplou os objetivos conceituais indicados pelo professor e as características da turma. Segundo Pontuschka; Paganelli e Cacete (2007, 216),

> cada uma das linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professores e alunos para maior compreensão daquelas a ser trabalhadas com conteúdos geográficos [...]. Existe uma relação íntima entre linguagens e as representações que necessita ser analisada criticamente na sala de aula.

A preocupação exposta pelas autoras esteve presente em cada uma das quatro aulas/etapas do trabalho desenvolvido com o grupo, pois além do conteúdo geográfico o processo de criação dos super-heróis foi tema de trabalho e estudo em sala de aula.

As histórias em quadrinhos apresentam acontecimentos que são ilustrados e narrados, mas muitas vezes dispensam os textos, se configurando em narrativas visuais, que acabam por estimular a imaginação do leitor na cena apresentada. Eisner(1989, p. 07), destaca que as histórias em quadrinhos utilizam "da experiência visual comum ao criador e ao público",

estrutura importante para atrair seus leitores e estratégia válida para o minicurso na medida em que os alunos apresentavam naturalmente esse interesse.

A opção pelo uso de HQs como linguagem para ensinar a temática proposta pelo professor da turma coaduna com a defesa apresentada por Silva (2010, p.14), que destaca:

> Os quadrinhos motivam a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo. Além disso, a linguagem desse produto cultural é capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico.

Desta forma, para ensinar alguns acontecimentos sociopolíticos, como a Crise de 1929, a II Guerra Mundial, a Guerra Fria e a crise ambiental de 1990, optou-se por estudar o contexto de criação e de vida de diferentes super-heróis, tais como: Superman, Batman, Capitão América, Quarteto Fantástico, o incrível Hulk, Homem Aranha, Quebra Queixo, Velta, Lagarto Negro e Papo Amarelo.

Em cada aula foram apresentados três super-heróis, com informações sobre seu surgimento, o contexto sociopolítico em que estavam envolvidos e os motivos de sua criação.

Podemos citar como exemplo o primeiro super-herói criado, o Superman. Esse personagem surge em 1935, mas só foi publicado em 1938. Nesse período o EUA acabava de passar por uma das maiores crises econômicas, o desemprego estava elevado e as pessoas sofriam com a falta de comida. Nessa época dois jovens amigos Jerry Siegel e Joe Shuster, um amante da literatura e o outro hábil na arte de desenhar, uniram aptidões e criaram o Superman. Esse super-herói veio com o objetivo de salvar o povo americano da crise, era um homem incomum com super-poderes, força inestimada, podia voar demonstrando à população que estava sempre alerta e seu uniforme estampava o nacionalismo americano com as cores azul, branco, vermelho e amarelo (que simbolizava o ouro). Apesar de ser ficção esse personagem dava ânimo às pessoas, que passavam por um momento tão crítico, assim, passaram a acompanhar fielmente sua história pelas edições das revistas. Esse interesse, ao longo dos anos, provocou o surgimento de outros super-heróis.

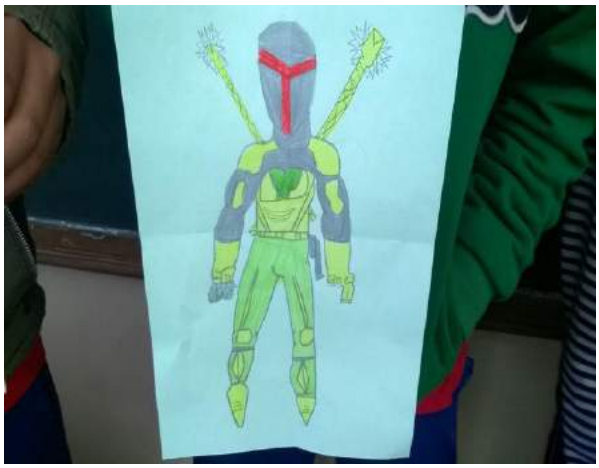
A estratégia utilizada em cada aula foi o preenchimento de um álbum de figurinhas elaborado especialmente para o minicurso, como resgate e valorização de práticas, antes comum nas atividades lúdicas dos jovens.

No álbum, além das imagens dos super-heróis (reproduzidas em figurinhas), haviam questões sobre os acontecimentos sociopolíticos de cada evento, que os alunos deveriam responder no decorrer da apresentação do super-herói. Os conteúdos foram sendo trabalhados junto ao contexto de criação de cada um dos super-heróis.

Figura 1 e 2: álbum de figurinhas elaborado para o minicurso.

Outro ponto que damos destaque no desenvolvimento do minicurso foi a apresentação dos super-heróis brasileiros. Os alunos demonstraram grande surpresa ao saber que existem personagens como o Lagarto Negro, o super-herói que luta contra o crime organizado do Rio de Janeiro, contra a corrupção policial e possui grande conhecimento nas artes marciais, condições que cercam o cotidiano dos alunos e são manchetes de jornais com frequência.

Como atividade complementar e buscando promover uma compreensão mais aprofundada da linguagem das HQs, os alunos, organizados em grupos, criaram um super-herói considerando os seguintes critérios: escolha de poderes, com indicação de como os adquiriu e como se desenvolvem; escolha das fragilidades; definição de personalidade; nome; aparência; uniforme e simbologia para representá-lo, além da proposição de um arqui-inimigo. Esta proposta foi inserida no Projeto Menaltor que é desenvolvido pelo professor de Geografia da turma. Foram criados seis super-heróis pelo grupo de alunos e preenchidos os álbuns individualmente. O minicurso finalizou com a apresentação dos personagens e do contexto de criação de cada um pelos grupos.



Figuras 3, 4, 5 e 6: Super-heróis criados pelos alunos.

As representações gráficas também são recursos didáticos importantes na construção do conhecimento geográfico pelos alunos. Diferenciam-se da linguagem escrita e permitem o desenvolvimento de habilidades e compreensões diferenciadas sobre o espaço e sobre fenômenos. Muitas são as representações clássicas utilizadas em aulas de Geografia: o desenho de trajetos, de edificações, de paisagens, do território, de croquis, de cartas e mapas mentais. Então, por que não a criação de super-heróis?

CONCLUSÕES

Os alunos perceberam que os personagens eram permeados de histórias sobre a sua criação, o que causou interesse por investigar novos super-heróis. Considerando a participação deles nas atividades, conclui-se que a utilização de histórias em quadrinhos nas aulas de Geografia apresenta potencial de aprendizado elevado, pois houve aprendizado de conteúdos e o alcance dos objetivos pedagógicos do minicurso, de forma divertida, criativa e reflexiva. O uso de diferentes recursos e linguagens em sala demonstra que a Geografia pode ser ensinada de várias formas e cabe ao professor apresentar essa pluralidade aos seus alunos.

REFERÊNCIAS

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Seqüencial.** São Paulo: Martins Fontes, 1989, 154 p.

PONTUSCHKA, N. N., PAGANELLI, T. I., CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

SILVA, E. I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: Charges e quadrinhos no usa da cidade.** Goiânia: UFG, 2010.

O DISCURSO FUNDAMENTALISTA RELIGIOSO ENQUANTO INSTRUMENTO DE OPRESSÃO NO ESPAÇO ESCOLA PARA AS PESSOAS FREQUENTADORAS DA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA DE MARINGÁ.

Adriana Gelinski[1]

[1]Mestranda em Gestão em Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR. Email: drycagelinski@gmail.com

O presente ensaio objetiva: Compreender o discurso não seria fundamentalista religioso enquanto instrumento de opressão no espaço escolar para as pessoas frequentadoras da Igreja da Comunidade Metropolitana de Maringá. A partir desta questão, que estabelece o fio condutor deste ensaio, faz-se necessário estabelecer diálogo com Massey (2008), que afirma que o espaço é resultante das relações sociais, esfera de multiplicidades e está em constante construção, ou seja, é dinâmico.

Visto que a escola, casa da família e igreja podem ser entendido como um espaço, o qual produz experiências, vivencias, simbolismos positivos e negativos, como sentimentos de controle, divisão e desconforto. O espaço escolar, assim como os demais espaços, está envolto por múltiplos discursos, sendo um deles o discurso fundamentalista religioso, cuja matriz norteadora se concentra na crença de uma 'verdade divina'.

Neste caminho, afirmando que o espaço religioso e escolar propõe uma vivência e está presente por diversos anos na vida dos seres humanos, contribuindo para a formação dos mesmos como sujeitos sociais. Nota-se que este espaço é de grande relevância na formação sócio-espacial, podendo deixar marcas positivas como negativas na vida das pessoas. Destarte, este ensaio concentra-se na busca de evidenciar o fato de que as práticas homofóbicas não apenas são elementos subjetivos do espaço escolar, como também, são grandes responsáveis pela marginalização de determinados sujeitos.

Por outro lado, buscando romper com o discurso fundamentalista há espaços inclusivos como é o caso da ICM Maringá. A escolha das pessoas frequentadoras da ICM Maringá deve-se ao fato desta igreja ser "inclusiva radicalmente". E pode ser inscrita na "luta pelos direitos humanos" como evidenciados no campo exploratório. Tal inclusão está relacionada ao acolhimento de grupos sociais com práticas de gênero e sexualidades não orientadas a linearidade constituinte do ocidente, referente ao sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2003). Esses grupos que não seguem a linearidade dos padrões heteronormativos, grupos/pessoas que não seguem a 'norma heterossexual' são vistos como 'desviantes'. No entanto o grupo que nos incitou é justamente um grupo que questiona a 'norma heterossexual', e busca romper com o discurso fundamentalista e neofundamentalista.

As imaginações geográficas foram proporcionadas pelo acesso a estrutura da ICM Maringá, bem como vivências e dez entrevistas seguindo roteiro semiestruturado nos possibilitou evidenciar que a ICM Maringá constitui-se enquanto uma possibilidade de vivência cotidiana das pessoas frequentadoras. Além disso, a ICM pode ser entendida como um espaço de vivências e práticas que proporciona alívio na relação com um conjunto de exclusões sociais e interdições espaciais (SILVA, 2013).

RESULTADO E DISCUSSÃO

O campo exploratório evidenciou que a maioria das pessoas frequentadoras da ICM Maringá eram fiéis de outras denominações em sua maioria com discurso religioso fundamentalista. Como nos casos da Assembleia de Deus, Presbiteriana, Quadrangular, e da igreja católica. O paradoxo desta configuração espacial esta relacionado a dois elementos: 1º as igrejas, protestantes ou católicas, formalmente são tidas como um local de alívio, frente às mazelas da vida. Todavia, simultaneamente, configuram-se enquanto espaços de opressão para grupos sociais que não enquadram-se naquilo que é tido por cada denominação enquanto o 'correto de vivência social'; 2º mesmo que o cristianismo institucional hegemônico (igrejas protestantes ou católicas) apregoem a compreensão do mundo a partir de dois polos, masculino e feminino, e que compreenda a existência de pessoas com sexualidades dissidentes como algo pecaminoso, doença, manifestação do mal, heresia, a ICM Maringá realiza uma leitura alternativa dos textos bíblicos.

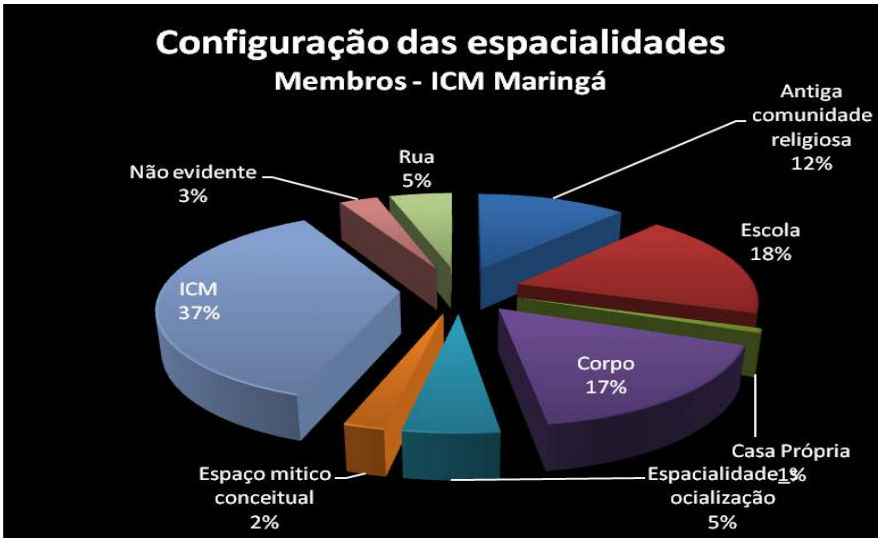
Diante do exposto vale ressaltar que no Brasil a ICM a ganhar corpo na década de 1990, atualmente são 17 ICMs e esta organizada sob a bandeira LGBT lutando por questões aos direitos humanos. Na cidade de Maringá a ICM teve inicio no ano de 2010, com iniciativa da atual Diaconisa Paula e do reverendo Célio. "Em Maringá ela surgiu em 2010, quando eu recebi o convite da Paula que é transexual, e ela dizia assim eu preciso de uma igreja que me acolha sendo quem eu sou". (Entrevista realizada com Reverendo da ICM, Maringá em Maringá, PR no dia 04 de abril de 2014)

Desta forma, a ICM busca romper com a concepção e discurso fundamentalista, o qual busca reproduzir e manter o mecanismo de gênero fundamentado no binarismo homem x mulher apenas. Assim, uma pessoa que se feche em uma única verdade, não se abrindo para o diálogo e para novas compreensões e construções de identidade pode ser entendida como fundamentalista. (Panasiewicz, 2008) Além disso, tais verdades não podem ser debatidas ou contrariadas, pois estão fundadas na verdade divina – Deus. Logo, a bíblia existe devido a inspiração por Deus e qualquer questionamento para os fundamentalistas é tido como uma ofensa.

No entanto, este discurso fundamentalista não se restringe apenas ao espaço igreja, mas transcorre todos os espaços influenciando assim as relações sociais como o espaço escolar. Assim a escola tem o papel de ensino – aprendizagem, bem como um espaço que produz experiências diferenças e desigualdades. Na escola as pessoas que não seguem a norma ou são distintos das/dos demais alunas (os) experienciam determinadas divisões e restrições.

Atualmente esta forma de agir e pensar de maneira fundamentalista se articula com a política, Panasiewicz (2008) comenta que os discursos religiosos fundamentalista juntamente com a política buscam se unir para fazer valer os valores cristãos por meio de suas concepções teológicas. O discurso neofundamentalista busca repor o que eles pensam que seja a moral e os bons costumes das pessoas por meio da ação política. Além da utilização das massas midiáticas e de uma linguagem moderna reproduzem discursos que vão além do espaço igreja, perpassando pelos mais variados espaços cotidianos. No entanto, há de se ter cuidado com generalizações acerca do fundamentalismo, pois como disserta Panasiewicz, (2008, p. 02) "é imprescindível que esse termo seja usado no plural. Sua origem histórica encontra-se no universo religioso". Pois, a abrangência do termo fundamentalismo extrapola o universo religioso e ocupa tanto espaço da política, da economia, da educação e da socialização.

Percebe-se assim que o espaço escolar está envolto pelo discurso não somente religioso, mas também atualmente o neofundamentalismo embasado em uma verdade divina, a qual através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização determina práticas para 'alimentar' a norma. A escola além de criar códigos e vários sentidos para as pessoas, 'dita' o que cada pessoa pode ou não pode, os espaços, os modelos a serem seguidos. Como por exemplo, as formas de falar, passagens bíblicas, as santas, crucifixos e ritos presentes até os dias atuais em algumas escolas. Ademais é no espaço escolar que passamos uma boa parte da nossa infância e juventude, podendo ser lembrada positivamente ou negativamente. Assim a escola foi o terceiro espaço mais evocado nesta pesquisa, como segue o gráfico.



Fonte: A autora

Para Louro (2004) algumas marcas que as pessoas carregam em seus corpos contribuem para inclusão ou exclusão de espaços, sendo respeitados, tolerados ou rejeitados. Por exemplo, o corpo de Arcturus enquanto estava como homem gay (não assumido) foi tolerado, mas como *Dragqueen*/travesti foi privada de vivenciar espaços como casa da família, escola e igreja. Passando por constrangimentos de olhares, julgamentos, situações desconfortáveis criando assim limites na vivência sócio-espacial.

Sendo assim, Louro (2004) relata que socialmente e culturalmente essas formas de pensar sexo e sexualidade são constantemente inseridas em nosso cotidiano, através de práticas e de discursos envoltos de tradicionalismos e frequentemente fundamentado em uma única verdade. E corpos que não seguem a 'verdade' ou não estão inseridos na normalidade são vistos como pecadores e desviantes não sendo merecedores de estar e ocupar determinados espaços como a escola, igreja e casa de familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como fio condutor compreender como o fundamentalismo religioso judaico-cristão utilizado enquanto instrumento de discurso, pode reforçar a opressão sofrida pelo grupo de Travestis nos espaços das escolas municipais de Ponta Grossa – PR. Neste sentido a escola pode ser entendida como um espaço de múltiplas experiências e sentimentos, os quais podem ser levados para a formação de cada pessoa.

Neste contexto, a relação entre gênero, sexualidade e discurso fundamentalista religioso é um importante caminho para compreender determinadas opressões vivenciadas por corpos que não são passiveis de luto, os quais não são reconhecidos como pessoas e não estão inseridos na normalidade.

De tal modo, discurso religioso fundamentalista contribui para reproduzir e manter o mecanismo de gênero fundamentado no binarismo homem x mulher apenas. Além disso, esta fundamentada em uma crença da verdade divina, a qual para os fundamentalistas cristãos é indiscutível. Sendo assim, normalmente há uma recusa por parte dos fundamentalistas em dialogar sobre questões biológicas, da física, antropológicas e identitárias entre outras. Visto que considera a bíblia a única verdade, afirmando que o livro do Gênesis é cientificamente.

Nesse mar de pensamentos, construções sociais, e ideais, a escola baseia-se em discursos e representações de uma conduta generificada em que as pessoas que não seguem a linearidade sexo, gênero e desejo (Butler, 2008), ou seja, não seguem a heteronormatividade são focos fundamentais de estigmas, olhares, piadas, agressões físicas e verbais. Quando nascem já são motivadas a desenvolver determinadas praticas, as quais correspondem à norma heterossexual, sutilmente nas brincadeiras, cores e roupas ditas femininas ou masculinas. Assim, desde crianças até a vida adulta são alvo de discursos normatizadores que domesticam seus corpos conforme a norma heterossexual e binária, normalmente esse discurso é fundamentado em um discurso religioso fundamentalista judaico-cristão e ultrapassando o espaço igreja e permeando os mais variados espaços cotidianos.

Portanto, é fundamental a imaginação geográfica que estabelece conexões entre espacialidades, pois as significações que se fazem na vivência e praticas que tem a escola como seu principal lócus se relaciona com outras espacialidades, acontecendo de forma complexa, podendo ser harmoniosas ou conflituosas.

REFERENCIAS

BUTLER, JUDITH. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236 p.

HANKE, Willian; ORNAT, Marcio José. Espaços e vivência interseccional de homens gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná. In: **IV Simpósio Internacional de Educação Sexual:** Feminismos, identidades e políticas públicas. 2015, Maringá. Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho:** Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço:** uma nova política da espacialidade, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Fundamentalismo religioso:** história e presencia no cristianismo. In. ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos (Org.) Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – "Migrações e Imigrações das Religiões". Assis: ABHR, 2008.

A IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA E A IDENTIDADE CRISTÃ DE GRUPOS LGBT DA CIDADE DE MARINGÁ

Adriana Gelinski[1]

[1]Mestranda em Gestão em Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR
drycagelinski@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente reflexão tem como objetivo compreender como se elabora uma identidade cristã de grupos LGBT da cidade de Maringá, através do cotidiano da Igreja da Comunidade Metropolitana em Maringá, Paraná. A partir dos caminhos de reflexão traçados nessa pesquisa, buscou-se compreender as características identitárias, as relações sociais cotidianas nas espacialidades e como se elabora uma identidade cristã através do cotidiano da ICM-Maringá. As imaginações geográficas que foram proporcionadas ao acesso à ICM-Maringá, levaram-nos à construção do recorte do grupo de pessoas LGBT e frequentadoras da ICM-Maringá. Segundo o mesmo campo e as entrevistas, a ICM-Maringá constitui-se enquanto uma possibilidade de vivências e práticas inclusivas.

A ICM-Maringá pode ser compreendida como um espaço que é vivenciado no cotidiano de pessoas que comungam uma determinada forma de ver, significar e entender o mundo, essas buscam se reunir em espaços como igrejas, casas de amigos e familiares, bares, boates, praças e ruas. Espaços estes que proporcionam inúmeros sentimentos, experiências e vivências, as quais podem contribuir para a constituição de identidades como é o caso da ICM-Maringá, a qual não segue o discurso heteronormativo ou a linearidade de corpos, sexo, gênero, prática sexual e desejo. A construção da identidade "é um processo que não tem fim ou destino, e no qual os objetivos se transformam antes mesmo de serem alcançados", (...) "o corpo do construtor de identidade deve ser flexível, e suas atitudes sempre mutáveis e readaptáveis" (BAUMAN, 2005, p. 50).

Desta forma, a identidade pode ser entendida como uma busca individual, mas também uma forma de entender, vivenciar costumes do grupo, no caso desta pesquisa da ICM-Maringá. Evidenciou-se a partir das falas das pessoas, foco desta pesquisa, intersecções entre os elementos identitários: a faixa etária, etnias, escolaridade, classe social, religião. As vivências, as representações e as experiências contribuem para a constituição das identidades das pessoas.

Sendo assim, as intersecções não podem ser olhadas meramente de forma somatória, mas de modo a entender que as "identidades são ações sem fim" (ORNAT, 2012, p. 57). E as combinações de diferentes identidades possibilitam diferentes experiências. Pois como afirma Ornat (2012, p. 58), "o entrecruzamento das várias facetas identitárias dos sujeitos demandam formas de se pensar a interseccionalidade a partir de encontros fluídos e instáveis".

METODOLOGIA

Para responder as questões propostas foi necessário algumas etapas, entre elas: a coleta de dados qualitativos através de entrevistas semiestruturada, vivencias com o grupo pesquisado e diário de campo. As entrevistas foram realizadas a partir de roteiro semi-

estruturado.

Foram realizadas dez entrevistas com as/os frequentadores da ICM Maringá. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas mediante análise de discurso (BARDIN, 1977). A partir disso, as entrevistas com o grupo pesquisado depois de gravadas totalizaram 9 horas e 42 minutos e foram transcritas resultando em um total de 122 páginas. Assim, a sistematização dos dados contribui para a construção de um quadro referente ao perfil identitário das pessoas focos desta pesquisa. Como também depois de transcritas as entrevistas gravadas, os dados serão inseridos no banco de dados e posteriormente serão analisados e sistematizados, os quais geraram os gráficos.

Para tanto a análise das informações considerou-se o discurso das informantes, e para analisar este discurso utilizamos Bardin (1977). Com este método é possível identificar e analisar os conteúdos que emergem nas falas das pessoas focos desta pesquisa.

O contato com as pessoas foco desta pesquisa deu-se mediante a indicação de participantes iniciais para novos participantes e assim por diante. Esta técnica proposta por Baldin e Munhoz (2011) é denominada como “snowball” ou “bola de neve”. As entrevistas com as pessoas focos desta pesquisa e com o Reverendo da ICM Maringá contribuíram para a construção deste projeto de pesquisa, bem como nos possibilitou tecer alguns resultados preliminares como já comentado no campo exploratório. Além das entrevistas, foram e serão realizadas vivências e observações sistemáticas que resultaram em relatos de diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

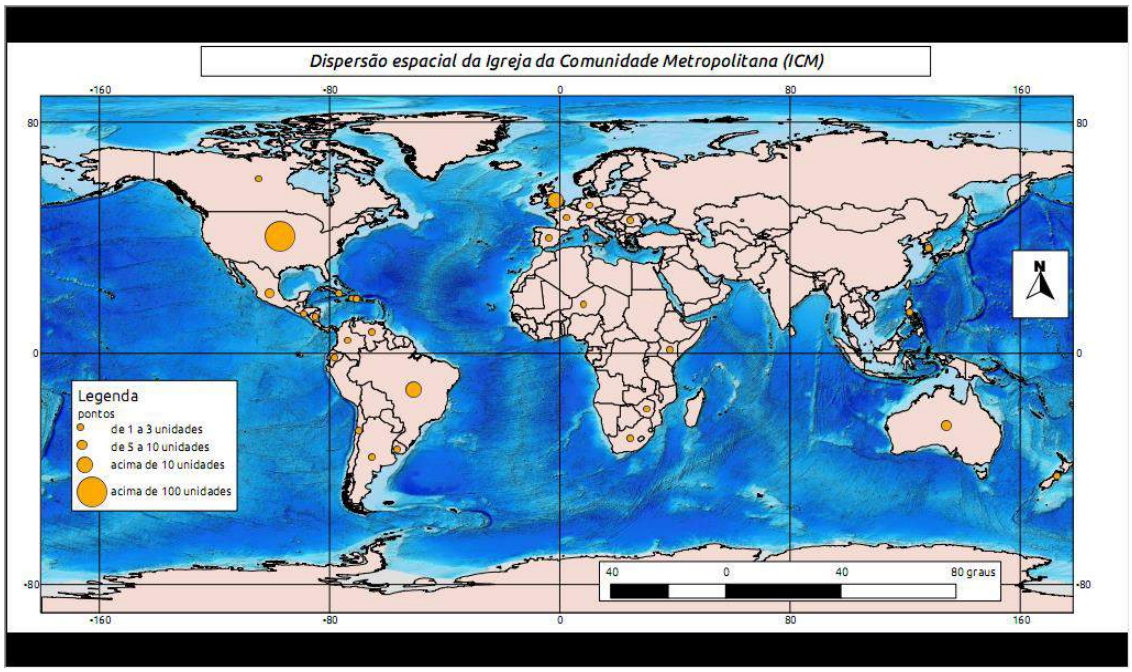
O campo exploratório evidenciou que a maioria das pessoas frequentadoras da ICM Maringá eram fiéis de outras denominações protestantes, como nos casos da Assembleia de Deus, Presbiteriana, Quadrangular, e da igreja católica. O paradoxo desta configuração espacial esta relacionado a dois elementos: 1º as igrejas, protestantes ou católicas, formalmente são tidas como um local de alívio, frente às mazelas da vida. Todavia, simultaneamente, configuram-se enquanto espaços de opressão para grupos sociais que não enquadram-se naquilo que é tido por cada denominação enquanto o 'correto de vivência social'; 2º mesmo que o cristianismo institucional hegemônico (igrejas protestantes ou católicas) apregoem a compreensão do mundo a partir de dois polos, masculino e feminino, e que compreenda a existência de pessoas com sexualidades dissidentes como algo pecaminoso, doença, manifestação do mal, heresia, a ICM Maringá realiza uma leitura alternativa dos textos bíblicos.

Se mundo o campo exploratório, a ICM propõe uma hermenêutica dos textos bíblicos, bem como tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra. Além disso, trata-se de amenizar as feridas deixadas por discursos fundamentalistas, os quais “condenam” a homossexualidade como pecado.

Por outro lado, bispos e teólogos da ICM afirmam que de forma alguma a bíblia condena a homossexualidade. Segundo a fala do reverendo da ICM Maringá, o cristianismo institucional hegemônico utiliza-se de perícope da bíblia, trechos, pedaços, recortes isolados do texto. Segundo esta fala, a reflexão sobre esta perícope é descontextualizada. Não existe uma exegese, uma hermenêutica, buscando compreender o sentido interpretativo profundo da perícope.

Desta forma, a ICM vai de encontro com a teologia gay, a qual faz uma releitura das tradições e dos textos bíblicos. Ela busca romper com a "noção de pecado como exercício da sexualidade e identifica o no sistema heterossexista e homofóbico que culpabiliza as sexualidades desviantes". (MUSSKOPF, p. 134, 2003) Há grupos que tencionam tais discursos e estratégias políticas, um deles é a ICM, a qual surgiu no ano de 1968 em Los Angeles por iniciativa de Troy Perry, ativista pelos direitos humanos. E o que começou com uma reunião de 12 pessoas em 1968, dispersou-se ao redor do mundo com aproximadamente 172 igrejas como é possível ver no cartograma de dispersão espacial da ICM.

No Brasil a ICM a ganhar corpo na década de 1990, atualmente são 11 ICMs e esta organizada sob a bandeira LGBT lutando por questões aos direitos humanos. Na cidade de Maringá a ICM teve inicio no ano de 2010, com iniciativa da atual Diaconisa Paula e do reverendo Célio. "Em Maringá ela surgiu em 2010, quando eu recebi o convite da Paula que é transexual, e ela dizia assim eu preciso de uma igreja que me acolha sendo quem eu sou". (Entrevista realizada com Reverendo da ICM, Maringá em Maringá, PR no dia 04 de abril de 2014).



Autor: Almeida, João Paulo Leandro, 2014

Portanto o foco desta pesquisa foi compreender como o espaço da ICM Maringá constitui identidades cristã LGBT em Maringá, Paraná. Visto que muitas pessoas vivenciaram experiências de opressão devido à tradição bíblica e dogmática de Igrejas Cristãs Fundamentalistas, bem como espaços do cotidiano como a escola, casa da família, trabalho, os quais frequentemente reafirmam tais discursos. A ICM pode ser entendida como uma possibilidade para as pessoas partilharem suas histórias, vivencias e experiências contribuindo assim para a construção da comunidade, bem como são adotados novos valores distintos da cultura e discurso dominante (símbolos, linguagem, roupas e estilos de vida), ou seja, contribui para identidades tanto cristãs como LGBT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Igrejas inclusivas como a ICM-Maringá buscam legitimar discursos e práticas não heteronormativas, buscando re-significar discursos, meditações e textos bíblicos de acordo com as vivencias e experiências de pessoas não heterossexuais (Musskopf, 2008), portanto, atuando de maneira inclusiva no campo religioso. Resistindo aos discursos fundamentalistas focados normalmente em apenas alguns trechos bíblicos. Segundo a fala do reverendo da ICM Maringá, o cristianismo institucional hegemônico e mais especificamente alguns segmentos fundamentalistas utiliza-se de perícope da bíblia, trechos, recortes isolados do texto. Segundo esta fala, a reflexão sobre esta perícope é descontextualizada. Não existe uma exegese, uma hermenêutica, buscando compreender o sentido interpretativo profundo da perícope.

Desta forma, buscou-se evidenciar como as relações entre espaço, gênero, sexualidade, bem como as vivências, experiências e práticas das pessoas frequentadoras da ICM elaboram uma identidade cristã LGBT. Visto que a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim, pode ser entendida como readaptável, constituída por um feixe de categorias identitárias em movimento no tempo e espaço. Logo, determinadas categorias identitárias podem ou não contribuir para o sentimento de pertencimento e autodefinição, bem como uma categoria identitária, como o gênero ou a sexualidade, não a exclui de ter uma vivência e experiência religiosa ou o sentimento de pertença a uma comunidade religiosa como a ICM Maringá.

Portanto, as entrevistas e vivências com a comunidade ICM Maringá nos possibilita pensar a relação destes fatos/exemplos com os conceitos até aqui abordados. Corrobora para a conclusão de que práticas sociais não se desprendem de espacialidades, ou seja, são carregadas de culturalidades e de valores tangentes a determinados grupos. É assim que podemos estabelecer uma conclusão através da hipótese de que a exclusão de discussões tangentes a particularidades representacionais/identitárias, em torno de espaços como a Igreja, apenas corrobora para a marginalização de pessoas que culturalmente são enquadrados enquanto corpos abjetos (BUTLER, 2003).

REFERÊNCIA

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Cuerpos que Importan – Sobre los Límites Materiales y Discursivos Del 'Sexo'. Buenos Aires Aires: Paidós, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade na Pós-Modernidade**. 11º Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

O LOCAL TEM VALOR

Alberto Alves da Rocha

INTRODUÇÃO

Em Geografia o conceito de lugar trata do mais profundo relacionamento do indivíduo com o espaço, onde criamos o nosso mundo e nos dispomos para o outro a nossa individualidade, a partir do momento que compartilhamos nossas experiências de vida. É um conceito relevante, porém não cabe dizer ser o mais importante e tão pouco ordená-lo em uma hierarquia de conceitos da Geografia. Mas, para nós geógrafos, o lugar é o espaço transformado que afeta a pessoa a partir do seu primeiro momento de vida e continua impactando-a ao longo da sua permanência no mundo.

OBJETIVOS

Trata-se de um ensaio das diferentes aplicações e significados das categorias, lugar e local na abrangência da Geografia. Visto ser o lugar, um conceito que define a relação sentimental entre a pessoa e um espaço determinado geograficamente; o local usado como um sinônimo de lugar não pode ser entendido como tal. Local é um termo que define e quantifica o valor econômico de um espaço determinado geograficamente. Talvez não seja a razão de estudar o saber científico, trata somente de entender a diferença de lugar e local, este tem as características de ser uma categoria de definição econômica da relação entre pessoas e espaços geográficos determinados. O espaço quando vivido e sentido é o lugar. O espaço quando racional é o espaço medido, quantificado e tangível, é o local que está no chão e sobre ele se edifica os bens econômicos que o singulariza no mundo. Sendo o lugar um espaço de uso e vivência, o local é um espaço de consumo e passagem que apresenta afinidades na economia regional. Embora, os termos local e lugar, possam parecer apresentar um mesmo significado, no entanto eles se diferem quando representam fenômenos no espaço.

CONSIDERAÇÕES

O local não é uma categoria, de definição de uso do espaço, exclusiva desta ou daquela ciência que estuda a espacialidade dos fenômenos, em todas elas o local assume uma definição casual diante do tema em que é tratado. O local, nem mesmo é tomado como um conceito, é utilizado como um termo dentro do conceito lugar. Isso faz com que aconteça ambiguação na utilização da palavra local.

O fato é que "local" é uma palavra polissêmica, utilizada como simples termo de sentido comum, um apontamento espacial para o fenômeno, sem muita especificidade, utilizada como sinonímia ou quase-sinonímia de lugar, destituída de significados e simbologias.

Acordamos com a definição de conceito feito por Lencioni (2011) que trata assim: conceito só existe se definido e define algo que é real através das palavras. O conceito só é bem definido, se o real é bem conhecido. Sendo o real, mesmo que concreto, interpretado de

maneiras diferentes pelo sujeito, o conceito apresenta uma realidade subjetiva, porém, deve captar o essencial para sua formulação. Para Lencioni (2011, p. 83) o conceito, que é definido em palavras, e as palavras podem ter vários significados, elas devem definir um único significado do conceito.

Entender o local significa entender as relações que se dá entre um espaço único e delimitado frente a um espaço amplo e transformador, necessárias e importantes para o planejamento do desenvolvimento econômico local. Cujas estratégias construídas para melhorar as interações necessárias entre empresas e governo, entre mercado local e mercado global, entre fornecedor, consumidor e empresários e mercado, são as ferramentas para aperfeiçoar os mercados através das facilidades da comunicação, e efetivamente tornar-se competitivo com diferentes recursos econômicos em um ambiente altamente competitivo.

Partindo do pressuposto que todo conhecimento científico é, por definição, provisório, visto a constante evolução do conhecimento humano sobre todas as coisas e sobre si mesmo. Esta abordagem está para levantar as distinções relevantes entre os termos local e lugar, acerca do que definem, pois não servem para designar a mesma utilização do espaço, porque apresentam definições diferentes e designam usos diferentes do espaço. O lugar está ancorado no tempo passado, é algo que foi vivido e faz parte da história de alguém, enquanto o local é o espaço da expectativa de algo que possa vir a ser.

A palavra "espaço" é de uso do senso comum e de diversas ciências associada a diferentes escalas, global, continental, regional, urbana (cidade, bairro, rua, casa, cômodo), pessoal, serve para descrever os locais de relação do ser humano com o seu entorno. Tecnicamente, o espaço só se configura quando ocorre a interação entre o homem e o meio em que vive através das transformações das suas características. As configurações do espaço são construídas e modificadas constantemente, com maior ou menor intensidade, medidas pela capacidade de intervenção da sociedade.

A produção do local transforma a paisagem e interfere na sociedade que faz uso desse espaço, A interferência se dá de forma indireta através da pressão exercida sobre os agentes transformadores, que analisam o risco de produzir e manter os fenômenos, e sendo ou não conveniente e necessário, podem ou não mudar o local para outro espaço. Ele se diferencia e se distancia dos demais locais pela fricção da distância física, é um espaço produzido pelo resultado das relações econômicas ou políticas que ocorrem entre os agentes transformadores posicionados. As relações podem ser impositivas ou consensuais dependendo da complexidade e da amplitude das transações.

A gentrificação inicia quando o intermediário empreendedor entende que a amplitude entre o preço a ser pago e o valor a ser vendido, é suficientemente ampla para obter lucro de modo rápido. O empresário compra as estruturas a custo baixo, paga os custos da construção e transformação e vende o produto final a um preço com retorno satisfatório. Desta forma, toda a renda da terra, ou uma grande parte dela, está agora capitalizada; a vizinhança é "reciclada" e começa um novo ciclo de utilização.

O processo da gentrificação, é puramente econômico, elimina o patrimônio não-monumental e imaterial na modificação do espaço, transforma o lugar "empobrecido" em local "valorizado", mas não destitui a identidade do lugar para o indivíduo e para a sociedade defenestrada. A ação do agente intermediador, na transformação, é fundamental para a aquisição e "destruição" do lugar e sobre esse espaço construir o local, aumentando o valor de troca. Seguindo por esse caminho, pode-se dizer que a gentrificação é o processo de

transformação do lugar em local, na possibilidade desse local vir a tornar-se lugar ao longo do tempo.

É um produto numérico, concreto, financeiro, econômico, tangível e comercializável, pode ser definido matematicamente, e de modo algum se opõe ou confronta o global. A proposta do local é inserir-se, contribuir e lucrar com as ações globalizantes, estabelecendo-se como a materialização do capital no espaço. Um ponto comercial é um local de negócios do empresário, cessando suas atividades pode-se comercializar a localização para a instalação de outro comércio. O local edificado é o espaço transformado, que possui valor de troca.

Para a oposição e confronto com as ações globalizantes há o lugar, que é salutar para a manutenção, continuidade e diversificação da cultura, se constituindo na espacialização fenomenológica do sentimento a partir da vivência e da relação social. Diferente do local, "compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações: subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico (MOREIRA, HESPANHOL, 2007, p. 49).

Para atingir o seu climax produtivo, ser economicamente interessante e se manter, em um contexto onde as relações de trabalho e produção são flexíveis, o local deve se especializar em uma atividade; pelas inovações nos modelos de produção e desenho estrutural das fábricas, influência das lutas sindicais, métodos de prestação de serviço, formal, terceirizado e temporário. Cujo volume da produção necessita de infraestrutura de transporte para reduzir a fricção da distância geográfica.

Pode-se entender que o local é mensurável, pode ser a representação gráfica de uma posição espacial, apontado por coordenadas geográficas – latitude e longitude, dimensionado pela escala que o fenômeno atinge e medido sua intensidade pelos dados georreferenciados.

Desta forma, o estudo do local parte do conceito que se tem do global, sabendo que este é um mosaico formado por dezenas, milhares, milhões daqueles, nas suas mais diversas formatações.

A localidade ou localização está relacionado ao espaço produtivo, matemático, à cartografia, à escala cartográfica, ao sentido exato de apontar onde o fenômeno acontece. Essa nova realidade do local exige expandir o que se entende de espaço, já que o mundo se encontra em toda parte, ainda que seja difícil "separar" as escalas, porque, na realidade, elas estão articuladas em uma construção multiescalar em constante reescalonamento, a apreensão dos fatos observados e a exposição do pensamento ainda obedece e procura observá-los segundo uma hierarquia escalar que faz a relação local – global.

Trata-se da expressão do que é específico, mesmo que uniformizado, padronizado, sempre terá características físicas que lhes são únicas e outras não. Por outro lado, não importa o quanto diferente o local pode parecer, para Tatsch (2013), ele sempre compartilhará algumas características comuns a tantos outros locais e esses tipos de semelhanças criam as qualidades excepcionais e significados para o local, visto que o local estará sempre implicado com a produção do global, numa relação de participação e transformação. Mesmo entendendo que local é um produto do lugar.

Porém, Massey (2012, p. 151) entende que o que está em jogo não é a forma espacial do que é local ou do que é global e sim o "conteúdo das relações através das quais o espaço é construído". Para a autora (2012, p. 152) os "lugares locais" nem sempre são as vítimas do

global e cabe uma reflexão mais ampla sobre a proposta, visto que alguns locais são os geradores das posições homogeneizantes do global, são nos locais de maior influência onde as posições econômicas são construídas e distribuídas. A globalização é produzida por situações locais que ao se desenvolver atingem um patamar de escala mundial que se torna homogeneizante a partir de um ponto.

Para Myrdal (1957, p.11), essas transformações podem ocorrer nas duas direções, tanto positivas quanto negativas, aumentando as diferenças entre as regiões, porque não existem forças econômicas de regulagem automática de um ponto de equilíbrio no sistema social. Visto o desenvolvimento ocorrer de maneira desigual e tender a se concentrar espacialmente em torno do local onde se inicia.

O sentimento cria o lugar no espaço e mesmo que esse espaço seja transformado, o lugar não deixa de existir. No entanto, o que cria o local são os fenômenos. Os locais não se perpetuam no espaço em que os fenômenos acontecem, eles existem e existiram no espaço enquanto são construídos e mantidos pelas relações desses fenômenos. Visto assim, os locais não estão e não devem ser ancorados ao espaço que ocupam, sua ancora está no tempo (período) em que as relações que o criaram são praticadas. Desfazendo-se as relações, dar-se-á ao espaço condições de criar outros locais com outras relações.

Nenhum lugar é igual a outro, ou seja, nenhum lugar tem um similar, visto que as relações são muito mais complexas, com ramificações que se tornam incompletas ou não se repetem, ora devido as necessidades das relações, ora devido ao tempo e ora devido ao espaço utilizado.

O sentimento cria o lugar no espaço e no tempo, se o espaço for transformado, o lugar se se mantém nesse espaço e no tempo em que foi criado. No entanto, o que cria o local são os fenômenos; os locais não se perpetuam no espaço em que os fenômenos acontecem, eles existem e existiram no espaço enquanto são construídos e mantidos pelas relações desses fenômenos. Visto assim, os locais estão e são ancorados no tempo (período) em que as relações que o criaram são praticadas. Desfazendo-se as relações, dar-se-á ao espaço condições de criar outros locais com outras relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o lugar está para a sociedade e para as ciências da espacialidade assim como o local está para a economia, trata-se de espaços onde as relações acontecem, sejam elas sociais, políticas ou econômicas, são espaços imbricados que respondem mais precisamente para a construção dos momentos históricos das condições que lhes são exigidas. Conquanto o lugar é o resultado das ações da humanidade sobre um espaço específico, não se pode dizer que esse espaço é o local, visto que o local é uma posição cartográfica que indica as relações políticas e econômicas em um espaço específico.

Sobre os poucos estudos direcionados e acanhados para a diferenciação desses dois termos, vimos que se buscou na literatura proposições que amparam a proposta e mais, propostas de diferenciação mostram a necessidade de fazê-las. Visto que os termos são tratados como sinônimos, tanto na literatura brasileira quanto na literatura americana que muito tem servido de base para os estudos de espacialização e regionalização da economia.

Entendemos que o lugar está para a sociedade e para as ciências sociais assim como o local está para a economia, geoeconomia e geoprocessamento, trata-se de espaços onde as relações acontecem, sejam elas sociais, políticas ou econômicas, são espaços imbricados que respondem mais precisamente para a construção dos momentos históricos das condições que lhes são exigidas. Conquanto o lugar é o resultado das ações da humanidade sobre um espaço específico, não se pode dizer que esse espaço é o local, visto que o local é uma posição cartográfica que indica as relações políticas e econômicas em um espaço específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LENCIONI, Sandra. Algumas observações sobre a construção de conceitos e os conceitos de cidade e urbano. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SUZUKI, Júlio César; MARAFON, Glaucio José (org). **Territorialidades e diversidades nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, nº14, volume2, pp. 48-60, 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf>. Acesso em: 31 out. 2016.

MYRDAL, Gunnar. Economic theory and under-developed regions. Gerald Duckworth & CO. LTD: London, 1957.

TATSCH, Ana Lúcia. A relevância do local: convergências e divergências entre as abordagens sobre aglomerações. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 2 (48), p. 457-482, ago. 2013. Disponível em: <http://www3.eco.unicamp.br/publicações>. Acesso em: 31 out. 2016.

PATRIMÔNIO CULTURAL DA EXTINTA HIDROVIA DO RIO IGUAÇU (PR): ANALISE COMPARATIVA ENTRE AS CIDADES DE UNIÃO DA VITÓRIA, SÃO MATEUS DO SUL E PORTO AMAZONAS

Amanda Thalia Miranda
Leonel Brizolla Monastirsky

INTRODUÇÃO

Na região de abrangência do sul do Paraná e norte de Santa Catarina, durante o final do século XIX e início do século XX, houve a exploração econômica da hidrovia do rio Iguaçu, quando Amazonas de Araújo Marcondes lançou as águas o primeiro vapor: o Cruzeiro, no Porto das Laranjeiras, que se destinava inicialmente ao transporte de mercadorias, assim como o segundo vapor, nomeado de Visconde de Guarapuava, em 1889. Com o êxito desse processo logo foram surgindo várias embarcações ao longo do Rio Iguaçu. (BACH, 2006).

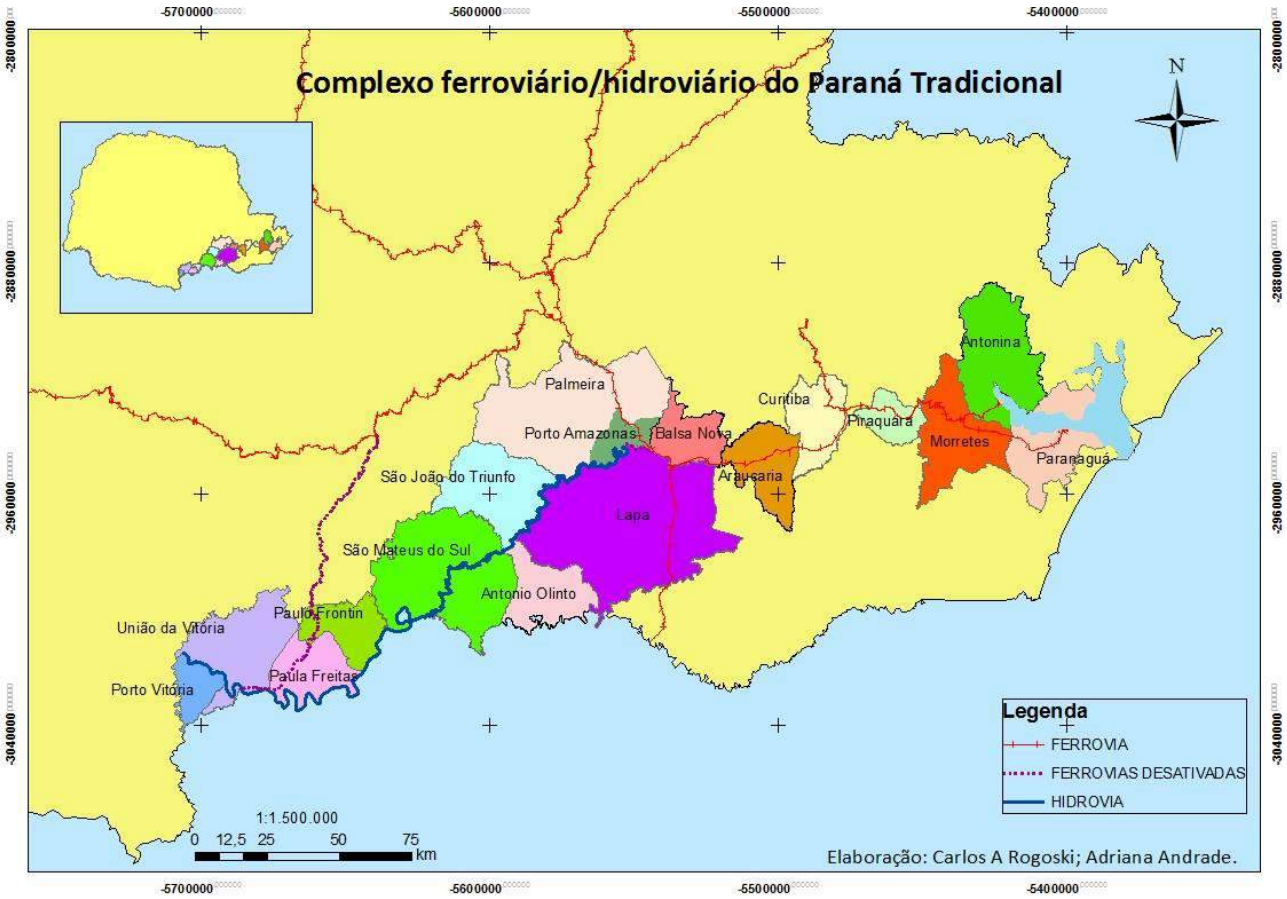


Figura 1: Complexo ferroviário hidroviário do Paraná Tradicional. 2015

A influência sócio-econômica exercida pela hidrovia fez com que surgisse uma configuração singular na região e nas localidades ao longo do seu curso, contribuindo para a

formação de um patrimônio cultural específico no espaço dessas cidades. A hidrovia "...que ao longo da história contribuiu com a formação do patrimônio cultural dessas cidades, permanecendo nos suportes materiais e na memória social da população". (GUIMARÃES, 2015, p,78).

Os municípios que formaram a rede de navegação do rio Iguaçu são: Porto Vitória, União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontim, Antonio Olinto, São Mateus do Sul, São João do Triunfo, Palmeira e Porto Amazonas. Dessas cidades, três se destacaram por apresentarem participação maior no transporte fluvial: União da Vitória, São Mateus do Sul e Porto Amazonas. Nessas cidades havia maior movimentação de mercadorias e passageiros, havia maior infraestrutura para o funcionamento da hidrovia (portos, armazéns, estaleiros de barcos e lanchas e os escritórios e demais instalações das principais empresas envolvidas com o transporte: serrarias, madeireiras, empresas de erva-mate etc).

Com a extinção da hidrovia, todo o acervo dessa estrutura e desse período histórico importante para o Paraná ficou sob responsabilidade dos poderes públicos locais, Como não houve a preocupação de preservar esse patrimônio e como não houve qualquer ação de organizativa do governo do Estado do Paraná (através da Secretaria de Cultura) e do governo Federal (através do IPHAN), cada prefeitura local cuidou isoladamente dos seu acervos.

Assim, as discussões propostas nesta pesquisa são de comparar as ações dos poderes públicos locais dessas três cidades escolhidas e realizar um comparativo entre elas sobre o processo de atenção ao patrimônio cultural e memória social que abrange quatro fases: escolha do patrimônio, preservação, manutenção e uso. Essa análise também colabora com o projeto de pesquisa intitulado "Atlas Eletrônico do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná Tradicional", realizado pelo Grupo de Pesquisa "Geografia e História: Patrimônio Cultural e Memória Social", que trabalha na confecção de um Atlas Eletrônico sobre o patrimônio cultural do extinto canal exportador do Paraná Tradicional formado pela conexão da hidrovia do rio Iguaçu e a ferrovia (Porto Amazonas/Paranaguá). no qual fazem parte professores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

OBJETIVOS

O Objetivo principal da pesquisa visa analisar as ações, do poder público municipal e sociedade (organizada ou não) sobre o patrimônio cultural da extinta hidrovia do rio Iguaçu (PR) através de um comparativo envolvendo três cidades da região – União da Vitória, São Mateus do Sul e Porto União.

Porto União e União da Vitória são chamadas de gêmeas do Iguaçu, devido a separação de terras entre Santa Catarina e Paraná, o nome surgiu com muita força, tendo em vista também que as cidades são separadas geograficamente pelo Rio Iguaçu se desenvolveram as suas margens. (MELO JUNIOR, 2001). Já o município de São Mateus do Sul primeiramente povoado por imigrante, e tendo sua atividade econômica baseada na agricultura a partir da navegação no Rio Iguaçu tornou-se um dos principais portos ao longo do rio.

METODOLOGIA

A Metodologia empregada para chegar ao objetivo da pesquisa foi elaborada em três etapas de ações principais:

- ➔ Revisão bibliográfica e fundamentação teórica a respeito da extinta hidrovia e do patrimônio cultural material e imaterial (livros, artigos científicos e portais digitais). Nesta etapa também será feita observação do patrimônio cultural e da memória social, em campos feitos nos locais e com o uso de material fotográfico – tanto as fotografias antigas, quanto aquelas realizadas nas visitas às cidades.

- ➔ Serão aplicados questionários e entrevistas qualitativos com a população e o poder público das respectivas cidades, identificando as medidas que já foram e serão tomadas pelo poder público com relação ao patrimônio cultural e memória social da hidrovia;

- ➔ A última etapa trata da tabulação, análise e discussão dos dados e informações levantadas a partir da revisão bibliográfica e dos questionários aplicados, com a apresentação dos resultados obtidos.

RESULTADOS ESPERADOS

Através da aplicação de questionários e da realização de entrevistas qualitativas em campo, espera-se compreender se cidadãos e o poder público dessas cidades contribuem para a preservação do patrimônio da extinta hidrovia. Pois tratando-se de patrimônio "é necessário anteriormente entender o patrimônio como uma oportunidade de identificação de cidadania, (re)conhecimento, continuidade histórica, possibilidade de vários olhares e várias interpretações" (MONASTIRSKY, 2009, p. 327).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se contribuir para o conhecimento e valorização do patrimônio nas cidades, para a divulgação dessa história e para o desenvolvimento de estratégias de preservação e desenvolvimento do patrimônio cultural de cada cidade. Tendo em vista que as informações coletadas farão parte do banco de dados do projeto *Atlas eletrônico do antigo complexo ferroviário / hidroviário do Paraná Tradicional*, espera-se colaborar com a educação e com o desenvolvimento econômico por meio da divulgação desse patrimônio e do fomento ao turismo, além de colaborar também com a formulação de estratégias de preservação desse patrimônio pelas instituições públicas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, SIMONE, K; MIRANDA, AMANDA, T; MONASTIRSKY, LEONEL. B; O (Re)conhecimento do Patrimônio Cultural Hidrroviário pela população da cidade de Porto Amazonas (PR). In: Anais Semana de Geografia. Volume 1, Número 1. Ponta Grossa: UEPG, 2015.

MELO JUNIOR, Cordovan F de; Porto União da Vitória: um rio em minha vida. 1. ed. União da Vitória. FACE, 2001.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Espaço Urbano: memória social e patrimônio Cultural. Ponta Grossa: Terr@ Plural, 2009, p. 323-334.

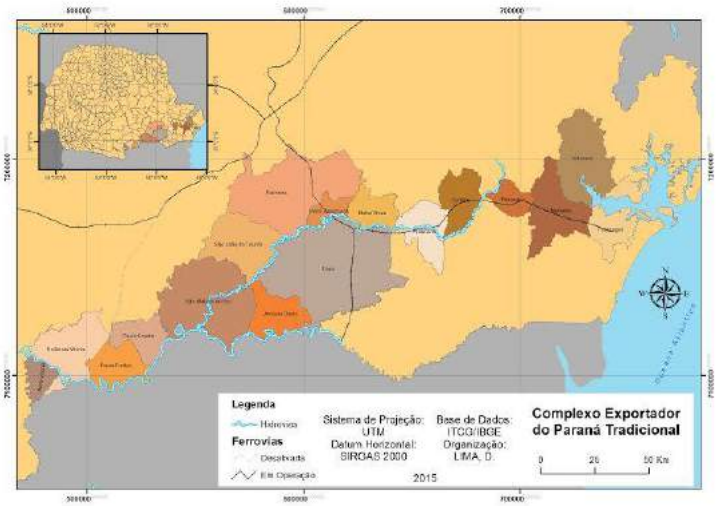
O PATRIMÔNIO CULTURAL DA EXTINTA HIDROVIA DO RIO IGUAÇU (PR) E A MEMÓRIA DOS IDOSOS.

Ana Claudia da Silva

INTRODUÇÃO

Na região do Paraná Tradicional, entre o final do século XIX e início do XX, foi implementada a hidrovia do rio Iguaçu, que trouxe progresso para as cidades envolvidas com o transporte fluvial. Foi aproximadamente entre os anos de 1882 e 1952, quando a hidrovia surgiu como uma forma alternativa de transporte, ligando os municípios de Porto Vitória, União da Vitória, Paula Freitas, Paulo Frontin, São Mateus do Sul, São João do Triunfo, Antônio Olinto, Palmeira e Porto Amazonas - nesta última havia a conexão da hidrovia com a ferrovia. A conexão entre hidrovia e ferrovia formou o complexo exportador do Paraná, que se estendia, via férrea, até a Lapa, Balsa Nova, Araucária, Curitiba, Piraquara, Morretes e Paranaguá onde a produção, principalmente de madeira e erva-mate era exportada. Com isso, o Rio Iguaçu é considerado o principal protagonista para o desenvolvimento econômico, social e cultural das cidades do centro sul do Paraná. Além da facilitação do transporte da produção, tanto a hidrovia quanto a ferrovia possibilitaram a muitas pessoas viagens mais rápidas e confortáveis, frente aos meios de transporte da época. Porém, com a ampliação da ferrovia e o melhoramento das rodovias, o transporte fluvial perdeu em eficiência, e a hidrovia entrou em decadência e extinção.

Figura 1- Localização de Porto Amazonas no Complexo Exportador do Paraná Tradicional



Muitas pessoas utilizaram e trabalharam nesse complexo de transporte: viajantes, comerciantes, ferroviários, marinheiros, trabalhadores indiretos etc. - e são justamente essas pessoas que podem relatar os acontecimentos da época da navegação através das suas vivências, das suas memórias. Desta forma, este trabalho visa buscar as memórias das pessoas idosas relacionadas com a hidrovia do Rio Iguaçu, ex-trabalhadores, usuários da navegação, familiares dessas pessoas, ou aqueles que simplesmente foram contemporâneos à hidrovia.

Seus depoimentos são importantes para a melhor compreensão das atividades exercidas na época e para a percepção das mudanças sofridas pelo patrimônio e pela memória ao longo do tempo. É a associação entre as memórias individuais de cada entrevistado com a memória social construída nessas cidades portuárias.

O objetivo da pesquisa – que compõe o projeto "Atlas Eletrônico do Paraná Tradicional - é saber sobre o patrimônio cultural da extinta hidrovia do rio Iguaçu através da memória dos idosos e, consequentemente, colaborar com a divulgação desse patrimônio, bem como a sua valorização através da preservação. "Manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares" (LEMOS, 2010, p.29), tanto nas coisas tangíveis: as edificações, equipamentos, utensílios, ferramentas, vestimentas, objetos pessoais etc que contam a história e marcaram a vida das pessoas nessa determinada época. Mas também nas coisas imateriais, a memória de um povo, suas práticas, costumes, hábitos, tradições, lendas etc.

Segundo Ecléa Bosi "a função do velho é lembrar", e levar o idoso a temática que lhe é tão cara e que lhe dá liberdade para contar dessas lembranças e compartilhar com ele que a sua memória contribui com a luta pela preservação da memória e patrimônio cultural ligados a ele tem grande importância, tanto para o pesquisador que enriquece sua pesquisa, quanto para a sociedade - do ponto de vista que chama maior atenção ao passado tão marcante dessas cidades. Além disso, a manutenção do patrimônio cultural mantém viva a memória social e isso é determinante para a qualidade de vidas das pessoas idosas em qualquer lugar, pois o idoso que se vê reconhecido, e percebe que existem interesses de preservar a sua memória, afirmando o que Henry Lefebvre aponta como "o direito a cidade", enaltecendo que de responsabilidade do Poder Público e da própria sociedade oferecer à população idosa (que será toda a sociedade, em algum tempo) essa condição.

E como já mencionado, a pesquisa contribuirá para a elaboração do projeto *Atlas Eletrônico do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná Tradicional (CNPq/UEPG)*, que se propõe a levantar, sistematizar e divulgar as informações obtidas acerca do patrimônio cultural da área de abrangência da hidrovia/ferrovia, voltadas a três frentes: Educação, Turismo e Gestão, criando roteiros turísticos, que incluem informações a respeito dos atrativos turísticos, bem como hospedagem, restaurantes, ou outras informações adicionais que sejam relevantes ao turista. Voltando-se para a parte educacional, pretende-se uma pesquisa direcionada às características próprias dessas cidades, com dados que sejam interessantes para o âmbito escolar. Por fim, a proposta interessante à gestão, é de além de coletar as informações do governo, economia, desenvolvimento em geral, questionar a relação da hidrovia com o desenvolvimento econômico, social e cultural das cidades. Com isso, nota-se uma forte possibilidade de o projeto estimular a procura por essas cidades a partir da divulgação e valorização das mesmas, e com isso acabem buscando cada vez mais melhorias para os habitantes, e os possíveis turistas.

OBJETIVOS

Essa pesquisa busca entender o patrimônio cultural da extinta hidrovia do Rio Iguaçu através dos contados de idosos e a partir das suas memórias. Com isso então perceber a influência causada por essa cultura nas cidades estudadas, além de possibilitar um comparativo entre o que existe hoje de patrimônio cultural ligado a hidrovia nas cidades, em relação ao que existia na época. O trabalho propõe também questionar a contribuição trazida

pela hidrovia para o desenvolvimento econômico, social e cultural das cidades de abrangência da hidrovia.

Outra função do trabalho é contribuir para o Projeto Atlas Eletrônico do antigo complexo hidroviário/ferroviário do Paraná Tradicional, a fim de enriquecer o trabalho, valorizar o patrimônio cultural das cidades envolvidas com esse complexo exportador, e chamar atenção para sua preservação.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos esperados estão sendo realizados os seguintes procedimentos metodológicos: Revisão bibliográfica e fundamentação teórica sobre a extinta hidrovia do rio Iguaçu (PR), sobre a ferrovia paranaense, sobre os conceitos de patrimônio cultural, memória social, população idosa, lugar, paisagem; Aplicação de entrevistas com idosos que fizeram parte do período de funcionamento da hidrovia/ferrovia através do método de pesquisa qualitativa, avançando na história oral como metodologia; aplicação de entrevistas aos amigos e/ou familiares dos idosos; observação do patrimônio cultural hidroviário/ferroviário na cidade de Porto Amazonas (com o uso de registros fotográficos).

Os relatos já apresentados foram obtidos através de entrevistas conseguidas em saídas de campo realizadas em Porto Amazonas no dia 18 de setembro de 2015, e em São Mateus do Sul no dia 26 de setembro de 2016, em conjunto com outras coletas de dados realizadas pelos integrantes do projeto de pesquisa *Atlas Eletrônico do antigo complexo ferroviário/hidroviário do Paraná Tradicional.*

As entrevistas em Porto Amazonas foram realizadas com dois moradores da cidade, sendo um ex-trabalhador do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN), e outro o irmão de um apreciador do rio Iguaçu que participou do resgate dos resquícios do Vapor Tibagy, um dos poucos vapores ainda existentes. As duas entrevistas foram gravadas com auxílio de gravador digital e posteriormente foram transcritas para que se pudesse realizar a análise qualitativa das informações apontadas.

A metodologia da entrevista realizada em São Mateus do Sul foi semelhante ao realizada em Porto Amazonas, porém contou com a presença do filho e sobrinho de comandante de embarcação, de uma professora de história e a funcionária da casa da memória de São Mateus do Sul, que contribuíram para a compreensão do funcionamento e da história da hidrovia e do seu papel para o desenvolvimento da cidade e região.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os relatos obtidos demonstram o prazer das pessoas falarem das suas memórias, da história da cidade e da hidrovia; também a vontade de manterem vivas as memórias e as histórias da hidrovia e da ferrovia. E essa vontade pode ser notada em algumas iniciativas que os entrevistados nos contaram, como por exemplo, o seu Otávio de Melo que nos construiu uma réplica do vapor onde trabalhou, feita por ele mesmo, com o objetivo de mostrar como eram as embarcações, contar as histórias da hidrovia e repassar essa memória para a seus netos e gerações mais jovens.

Fotografia 2 – Otávio de Melo e a réplica de um vapor

Autor: BATISTA, Martha R. S., 2015.

Ele também nos contou sobre a saudade sentida, se referindo ao som dos apitos do trem e do vapor: "... eu lembro e tenho saudade, eu lembro que escutava o apito do trem e do vapor, e o povo conhecia os apitos dos vapores todos" (Otávio de Melo, 2015). Ainda sobre os apitos, Nelson Chaves de Souza nos contou que em São Mateus do Sul a população também reconhecia os diferentes apitos e que era um momento importante na rotina dos moradores ouvir os vapores chegando.

Fotografia 3 – Entrevista com Nelson Chaves de Souza na casa da memória em São Mateus do Sul

Autor: BATISTA, Martha R. S., 2015.

Em Porto Amazonas também a equipe pode ter acesso a um acervo pessoal de fotografias das diferentes fases da hidrovia; Raul Scarante, irmão do proprietário do acervo, ainda nos contou algumas histórias da navegação e de sua desativação, como a retirada do vapor Tibagy que por tempos estava naufragado no rio Iguaçu. Por iniciativas próprias, seu irmão (Renato Scarante) e um amigo (Tito) resgataram e remontaram o vapor nas margens do rio, onde permanece hoje.

Fotografia 4 – Vapor Tibagy remontado nas margens do rio Iguaçu

Autor: BATISTA, Martha R. S., 2015.

A partir dos resultados alcançados espera-se compreender melhor a relação do passado das cidades englobadas pela hidrovia do Rio Iguaçu, com o patrimônio cultural existente atualmente nessas cidades, visando ressaltar a importância desse patrimônio para a constituição do seu espaço geográfico, bem como o valor desse patrimônio na memória das pessoas que tiveram contato com ele, além de colaborar com o desenvolvimento econômico desta região através da educação e do turismo.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto isso, é intenção desta pesquisa promover a história do complexo de transporte hidroviário e ferroviário do Paraná, primeiramente para os habitantes locais para que passam ter um (re)conhecimento sobre a história de sua cidade, que muitas vezes são esquecidas e/ou ignoradas pela própria sociedade e pelos poderes públicos – nesse sentido dar voz a essas pessoas que viveram os bons tempos da hidrovia é importante, bem como a organização de museus e lugares de memórias; para os governantes, para subsidiar informações para que possam ter uma melhor visão do importante acervo histórico e mnemônico que a região e as suas cidades possuem e, com isso, perceber as demandas da população com relação ao patrimônio da cidade, visando iniciativas de preservação e divulgação (turismo) desse patrimônio; para os idosos que esses possam compartilhar suas memórias, divulgando o

patrimônio cultural da extinta hidrovia, e dessa forma, sentirem pertencentes à cidade e à sociedade e, com isso, terem o direito à cidade e qualidade de vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

JEUDY, H.P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)[1]

Ana Regina Praxedes Fernandes[2]

[1]O presente resumo expandido refere-se a comunicação oral inserida no eixo temático Geografia, Gênero, Racialidade, Etnicidade e Sexualidade da XXIII Semana de Geografia da UEPG. Esse estudo é decorrente da pesquisa iniciação científica desenvolvida entre 2015 e 2016 com subsídio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e orientação do professor Marco Antonio Stancik (DEHIS – UEPG).
[2]Graduanda do bacharelado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

INTRODUÇÃO

Na *Belle Époque*, dada entre os séculos XIX e XX, a ascensão feminina para novas posições sociais a partir da emancipação e inserção abrangente no mercado de trabalho, que eclodiram na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), contrastava com os modelos tradicionais da mulher idealizada enquanto mãe, esposa e dona-de-casa e disposta entre flores, vestidos e atividades repletas de referenciais aristocráticos de delicadeza, etiqueta e bons costumes (JARDIM & D'ÁVILA NETO, 2010). Neste contexto ambíguo, o prestigiado estúdio parisiense Reutlinger veiculou tais representações por intermédio de retratos fotográficos de atrizes, cantoras, dançarinas e jovens senhoras de elite.

Considerando gênero uma construção social variável, os retratos fotográficos de mulheres do estúdio parisiense Reutlinger são representações dos ideais de feminilidade vigentes durante a *Belle Époque* e vias de acesso aos artifícios empregados na construção do feminino. Assim, o presente estudo pretende analisar iconológica e iconograficamente tais imagens a fim de compreender os estereótipos criados a respeito das mulheres no referido contexto.

Deste modo, a problemática da pesquisa delimita-se segundo a indagação sobre como o feminino tendeu a ser representado nas produções imagéticas do referido estúdio no contexto da França entre 1900 e 1915, tanto no formato de retratos produzidos pelo Estúdio Reutlinger, como no seu emprego para a produção de cartões-postais. Para ter acesso a tais representações, buscou-se ter em vista e analisar elementos tais como a composição do cenário, a disposição espacial das modelos, sua linguagem corporal e gestual, pose e postura, vestimenta e ornamentos, as quais apresentam a feminilidade a partir de um paralelo entre a esfera social e mental, o pensado e o vivido (STANCIK, 2014; CHARTIER, 1990).

OBJETIVOS

Os objetivos da pesquisa são desconstruir as representações do feminino veiculadas por intermédio dos retratos fotográficos do estúdio Reutlinger no contexto da *Belle Époque* e apresentar perspectivas de abordagem e recursos para o emprego das imagens nos estudos de História. Assim sendo, pretende-se contribuir para discussão historiográfica sobre a temática gênero e aprofundar o debate sobre as fontes históricas, em particular as imagéticas. A significância e finalidade da pesquisa é proporcionar a discussão da temática gênero através de fontes de comunicação não-verbal, as quais possibilitam o acesso a discursos engendrados e perpetuados no imaginário social de uma forma singular. A relevância também está na desnaturalização dos discursos acerca da feminilidade, pois o "tornar-se mulher"

(BEAUVOIR, 1967, p. 9) é explícito no arranjo de diversos artifícios presentes nos retratos fotográficos. Neste sentido, tal estudo permite um diálogo interdisciplinar ao dar suporte histórico sobre a representação do feminino para a Geografia desbravar e discutir o panorama atual da mulher e da construção social de sua imagem.

METODOLOGIA

Os retratos fotográficos do Estúdio Reutlinger, fontes históricas da pesquisa, estão sob guarda da Biblioteca Nacional da França e têm sua visualização disponível no *site* da instituição em diversos álbuns[3]. Também foram utilizados cartões-postais pertencentes ao acervo particular do orientador do presente estudo, os quais foram empregados para o estabelecimento de paralelos entre os retratos originais produzidos pelo Estúdio Reutlinger e sua veiculação no formato de postais. O ateliê surgiu em 1850 com Charles Reutlinger (1816 – 1880) e esteve ativo até 1937, ganhando fama com o fotógrafo Leopold Reutlinger e seus retratos de personalidades que eram matéria-prima para cartões-postais, jornais, revistas e anúncios publicitários. Para produção dos postais, Leopold firmou contrato com a *Société Industrielle de Photographie* (SIP), de Paris, e a *Neue Photographische Gesellschaft* (NPG), de Berlim (STANCIK, 2014).

A operacionalização do estudo alinha pesquisa, leitura e discussão do referencial bibliográfico ao levantamento e seleção de fontes na já referida instituição para estabelecer-se a análise imagética, que segue as abordagens iconográfica e iconológica. Tal metodologia consiste na a descrição dos temas apresentados nas imagens segundo suas características e elementos componentes e na análise dos discursos construídos nas imagens em articulação ao contexto espaço-temporal em que foram produzidas, considerando a composição da imagem como uma linguagem que pode ser vista e/ou lida, um enunciado acerca das relações e construções de gênero (KOSSOY, 2001). Considerando esse processo, convém ressaltar que retratos fotográficos são:

> [...] uma dimensão sobre a realidade onde está presente não apenas o instante da experiência, mas também os significados culturais contidos nas imagens, assim como as formas pelas quais a produção e leituras dessas imagens são mediadas. [...] De acordo com Aumont (1995), "(...) cada período histórico teve "sua" perspectiva, isto é, uma forma simbólica da apreensão do espaço, adequada a uma concepção do visível e do mundo". Por isso, cada perspectiva explica-se com referência ao contexto social, político, ideológico e cultural que lhes deu origem. Por meio das imagens em postais podemos recuperar informações sobre a história da mulher, seu comportamento e inserção na vida social. (JARDIM & D'AVILA NETO, 2010, p. 2).

[3]Foi feito *download* de quatro álbuns (volumes 1, 9, 18 e 21) que traziam os retratos fotográficos originais presentes nos cartões-postais analisados. Cada álbum traz vários retratos de determinadas celebridades, sendo cada um devidamente numerado e cujos nomes das retratadas são listados no final. Para consultar os álbuns, acessar: http://gallica.bnf.fr/.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estúdio Reutlinger retratou diversas personalidades ao longo dos anos em que esteve em atividade, mas Lina Cavalieri (1874 – 1944) foi uma de suas modelos mais notáveis entre os anos de 1900 e 1915. Italiana de origem modesta, foi vendedora de flores na infância

e por volta dos 14 anos começou a receber aulas de canto de um maestro, sendo direcionada aos cafés-concerto de Nápoles, Roma e depois o cabaré *Folies-Bergère* de Paris, capital cultural da *Belle Époque.* (STANCIK, 2014) Cavalieri conseguiu ser uma bailarina de grande sucesso e atuar em outras cidades européias mesmo que diante de si houvessem poucas e mal remuneradas opções de trabalho para as mulheres. Jardim e D'Ávila Neto (2010, p. 7) detalham esse contexto:

> As mulheres estiveram por um longo tempo confinadas no espaço doméstico, privado e familiar, a saída de casa deu-se através de profissões consideradas tipicamente femininas, novas tarefas imbuídas por velhas concepções relativas à essência do que se dizia das mulheres: o cuidado, a sensibilidade, o amor e a vigilância. Assim, os novos papéis exercidos no espaço público representaram uma extensão daquelas tarefas já então habituais no cotidiano doméstico, por isso, pode-se dizer que são profissões que estão no limiar entre o público e o privado. Como costureiras, enfermeiras, professoras e secretárias, as mulheres tiveram a oportunidade de expandir seus horizontes, mesmo tendo ainda que cumprirem com as obrigações do lar, gerando acumulo e sobrecarga de tarefas. Além disso, as mulheres ocuparam os cargos pior remunerados e tiveram sempre como superior um homem, executando tarefas assistenciais e subordinadas a ele.

Em São Petersburgo Cavalieri conheceu e relacionou-se com o príncipe russo Alexander Bariatinsky (1870-1910), afastando-se dos palcos, inserindo-se na nobreza enquanto cortesã e iniciando na ópera a partir do estudo de canto lírico. Essa ascensão e reconhecimento social proporcionou a divulgação mundial de sua imagem em retratos fotográficos que eram matéria-prima para cartões-postais, revistas, jornais e anúncios publicitários. Os cartões-postais, em específico, estavam no auge de sua popularidade, transitando em diferentes lugares pelo mundo, em distintas classes sociais e entre ambos os sexos. Para tanto, a modelo retratada precisava enfatizar em sua teatralização para câmera as virtudes femininas estimadas no início do século XX, como a modéstia, a beleza, a inteligência e o talento. Marco Stancik (2014, p. 452) afirma que:

> Para fixar tais características nos seus retratos e transmiti-las, Cavalieri não apenas teve que se expor diante das objetivas de câmeras fotográficas, mas também se comunicar de forma não-verbal. Ou seja, teve que interpretar, dramatizar, incorporar tais características que a ela eram associadas. Cavalieri, em outras palavras, buscava atender a determinadas expectativas que eram as dos consumidores daquele tipo de imagens, servindo-se, para tal, de suas habilidades conjugadas àquelas dos produtores dos seus retratos fotográficos, posteriormente transformados em singelos cartões-postais.

Figura 1. Reutlinger Paris e SIP. Cartão-postal n. 170/13. *Cavaliéri*. Manuscrito pelo remetente em 30 de jul. de 1904 e postado em 31 de jul. de 1904. No álbum Reutlinger vol. 21 corresponde ao retrato n. 2800.

Figura 2. Reutlinger Paris e NPG. Cartão-postal n. 94/3. Manuscrito pelo remetente em 16 de jan. de 1908. Não foi encontrado correspondente no álbum Reutlinger.

Figura 3. Reutlinger Paris e SIP. Cartão-postal n. 52/20. *Cavaliéri*. Postado pelo remetente em (data ilegível). No álbum Reutlinger vol. 9 corresponde ao retrato n. 9498.

Assim sendo, segue-se a análise de três cartões-postais que demonstram os ideais de feminilidade que circundavam esse contexto. As três figuras selecionadas e analisadas neste estudo apresentam Lina Cavalieri com os cabelos presos e na Figura 1 tem como acréscimo um chapéu, com sua pele alva posta enquanto distinção aristocrática e com vestes requintadas e ornamentadas que destacam a silhueta, decote e cintura da cantora em decorrência do uso do espartilho. Os vestidos retratados nas imagens foram cuidadosamente coloridos para possuírem maior proeminência no retrato, havendo também o aplique de partículas de brilho na superfície dos cartões-postais. O cenário de fundo esmaecido e de difícil identificação (na Figura 3 parece ser um tecido) demonstra que quem está em evidência é a modelo retratada, que está meticulosamente centralizada. A pose da modelo, seja de pé ou sentada, foi construída segundo movimentos precisos indicados pelo fotografo e salienta as curvas corporais da cantora, assim como sua versatilidade. A face maquiada realça as expressões de Lina Cavalieri e a seriedade que indica sua posição social nobre. No caso das Figuras 1 e 3, os originais presentes nos álbuns Reutlinger não foram coloridos e a Figura 1 possui maior enquadramento.

Ao abordar cada cartão-postal individualmente observa-se que a Figura 1 apresenta Lina Cavalieri tocando seu próprio busto coberto por um casaco, demonstrando a delicadeza, fragilidade e refinamento de seu corpo e de suas vestes. Já a figura 2 apresenta a cantora com um olhar absorto, que asfixiada pelos seus pensamentos e emoções torna-se alheia ao mundo a seu redor e insinua melancolia (JARDIM & D'ÁVILA NETO, 2010). Tal interpretação também é possível na Figura 1, mas a Figura 3 apresenta um olhar mais direcionado para câmera fotográfica. A Figura 3 apresenta, para o contexto do retrato, uma discreta sensualidade com os braços de Cavalieri desnudos e o decote que expõe seu colo. No entanto,

a cantora articulava tradições e tendências ao usar um vestido elegante que trazia retoques em cores pastéis e suaves, estabelecendo uma aura de docilidade com as flores e jóias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lina Cavalieri retratada nos cartões-postais analisados reflete a ideia de mulher espetáculo estabelecida na *Belle Époque*, articulando beleza, sensibilidade e sensualidade. Tais retratos fotográficos de Cavalieri feitos pelo Estúdio Reutlinger favoreciam a construção de um estereótipo do feminino em total junção com os preceitos da época, dado que a cantora possuía uma beleza mundialmente reconhecida pelos traços faciais e postura corporal delicados. Stancik (2014, p. 456) detalha em seu estudo que:

> Nos postais, em meio a esse processo de evidente idealização, revela-se portanto certa tensão entre concepções vigentes relativas às alegadas virtudes femininas e aspectos da trajetória individual da retratada, que a ligavam inevitavelmente, e por opção própria, a um modo de vida mais mundano e cosmopolita. Percebe-se assim que em tais retratos, nas ocasiões em que Lina Cavalieri interpretou o papel social da atriz, ela não se apresentou na forma de um ser totalmente destituído das características associadas até então, e de forma positiva, à figura feminina. Por mais firmeza e autonomia que revelasse em sua trajetória – particularmente em sua vida pessoal e carreira profissional –, não deixava de posar como um ser frágil, sensível, etéreo.

A construção imagética estabelece a cantora como uma mulher diferenciada que mescla moderadamente conceitos de feminilidade ambíguos; esse amalgama era desejado, mas inacessível às tantas mulheres que se deparavam com seus retratos fotográficos. Leopold Reutlinger afirmava não querer captar a realidade, mas a beleza que foi construída através de sua lente fotográfica (STANCIK, 2014, p. 455). Sendo assim, é relevante destacar que essas imagens são representações que têm como possibilidade arranjar diferentes referenciais do feminino, mas também são resquícios de uma época de transição em que novos padrões e papéis femininos emergiram na sociedade e foram encenados por Lina Cavalieri, ícone dos palcos na *Belle Époque*.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. A experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

JARDIM, Gabriel de Sena; D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. Mulheres Postadas: Representações do feminino em cartões-postais publicitários (1900-1950/ 2000 - 2008). In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, 2010. Ago. 2010. Florianópolis. *Anais Eletrônicos*. 2010. p. 1 - 10.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

STANCIK, Marco A. Lina Cavalieri, musa da Belle Époque: representações da feminilidade em cartões-postais. *História* (São Paulo) v.33, n.2, p. 445-469, jul./dez. 2014 ISSN 1980-4369.

SOCIEDADE E FUTEBOL:

O Clube Verde de Ponta Grossa-PR

KaíkeTozetto de Souza

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, decorrente de um projeto de mestrado, pretende analisar a relação do futebol e sociedade, tendo como estudo de caso o Clube Princesa dos Campos, conhecido como Clube Verde, em Ponta Grossa-Paraná. Clube esse que faz parte da história da sociedade pontagrossense.

O Clube Verde foi fundado em 13 de dezembro de 1897, Sociedade Civil com personalidade jurídica de Direito Privado, tendo atuação permanente com a sociedade pontagrossense, seja por meio do esporte e/ou por meio de eventos culturais.

Atualmente o clube possui 1.300 sócios que desfrutam de duas sedes, uma social e outra campestre. A social está localizada na Rua Coronel Dulcídio, nº 901, Centro e a campestre está localizada no KM 4 da PR 151, às margens do rio Pitangui, com aproximadamente 9 hectares. Essa sede dispõe de 10 (dez) campos de Futebol Suíço, 01 (um) Futebol de Campo e 01 (uma) quadra poliesportiva (Futsal, Vôlei e Basquete). Além de equipamentos para as atividades de esporte, o clube também possui 03(três) piscinas e playground.

Em ambas as sedes o clube diversifica suas ações em prol do lazer e do esporte por meio das seguintes modalidades: Bolão, Truco, Tênis, Sinuca, Judô, Dança do Ventre, além de futebol (Suiço, Mesa, Campo) e o futsal. Também promove carnavais, bailes, festa junina, festa da camiseta, dentre outras. Há que se destacar que o Futsal do Clube Verde já atuou na liga paranaense e revelou vários atletas.

O esporte e o lazer são atribuições recreativas de um clube social que proporciona o entretenimento para os seus sócios. Nessa perspectiva, o Clube Verde vem cumprindo um papel social na sociedade pontagrossense desde a sua fundação.

Fundado pelos russos-alemães do Volga (Deutsche Volga), em 1897, estes imigrantes passaram a integrar a sociedade pontagrossense, participando do desenvolvimento local por meio da formação dos primeiros clubes sociais.

Conforme Batista (1998), no início da história do clube, por influência da língua germânica, os costumes e a língua mãe estão implícitos como se deduz pelas atas escritas, de caracteres germânicos, até 1938. A partir desta data, por imposição do nacionalismo de Getúlio Vargas, a língua-mãe da entidade, entre outros costumes, foram proibidos.

Diante dessa imposição nacionalista de Vargas, o presente trabalho estabelece como recorte temporal a partir da década de 1970 até os dias atuais, pois são anos que irão demarcar uma nova periodização na história brasileira, com reflexos no comportamento e nos costumes da cultura pontagrossense, aqui em especial a relação da sociedade com o clube, por meio de práticas esportivas que mais marcaram essa integração, nomeadamente o futebol.

De lá pra cá, são várias competições, campeonatos e torneios futebolísticos que tornaram o clube uma referência do esporte e do lazer na sociedade pontagrossense. Destacam-se as seguintes

coroações deste esporte: campeão metropolitano infantil da Federação Paranaense de Futsal (FPFS) de 2000; vice-campeão metropolitano juvenil de 2000; vice-campeão metropolitano juvenil de 2001; Terceiro lugar da Taça Paraná Infantil de 2002; Vice-campeão metropolitano de 2005; Vice-campeão da Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG) de 2012; Campeão do Amador de 2000; e Campeão do Amador/Master de 2014.

Acompanhando o que Wisnik (2008) diz a respeito do futebol europeu jogado em prosa e o brasileiro jogado como poesia, vemos o caráter de encanto, graça e beleza que o povo brasileiro se refere ao futebol.

Momentos de lazer para alguns, esporte para outros e religião para muitos, o jogo de futebol não se resume a um simples correr atrás da bola, mas sim um modo de socialização da população, da busca do prazer, na válvula de escape para retomada da rotina no trabalho e também numa fonte de trabalho de milhares de pessoas.

De acordo com Reis (2000) "Foi a partir da gestão de João Havelange na presidência da FIFA (1974-1998) que o futebol teve um grande avanço na forma de espetáculo e transformou-se na mercadoria mais rentável da "indústria do lazer". Assim, o futebol se iniciou na indústria do entretenimento, tornando-se capitalismo puro, criando milhares de empregos e negócios.

Cabe ressaltar como fenômeno típico da mídia a sua capacidade de criar ídolos para que o espetáculo tenha cada vez mais popularidade, através de artigos, jornais, comentários, etc. Como também tem a capacidade de destruir a carreira de atletas se assim for do seu interesse.

Percebe-se uma grande distinção do que significa o futebol para o brasileiro e que é para americano ou europeu. Ele muda com relação a região, pode ser uma mera diversão na Europa e um instrumento de comunicação no Brasil.

Observo que a tônica da conceituação do esportivo no universo social anglo-saxão e na competição, na técnica e na força, ficando a sorte em último lugar. Parece, pois, que, nos Estados Unidos e na Inglaterra, o domínio do esporte tem muito a ver com um realce no controle do físico e na coordenação de indivíduos para formar uma coletividade. Tudo, enfim, que conduz a uma luta pelo controle do mundo exterior ou do que vem de fora. Ao passo que, no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino (DAMATTA, 1982, p.25).

A contribuição do futebol para a sociedade tem grande importância para o seu significado social, e em alguns países como Brasil teve o papel na criação de uma identidade nacional. Existe todo um ato ritualístico para a formação do torcedor, desde a sua infância até a sua velhice.

O futebol foi e continua sendo um elemento importante da cultura brasileira. Enquanto fenômeno social, sempre esteve em consonância com a forma de a sociedade se organizar, assim como outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, religião, música e outros (Rinaldi, 2000).

O esporte é de tal maneira enraizado na sociedade brasileira que o fenômeno superstição se manifesta de maneira intensa pela população no seu esporte mais praticado. E de tão apaixonante que é o futebol nem sempre o melhor time vence.

A palavra esporte vem do inglês "sport", termo importado da Inglaterra, desde o século XIX, por vários países, para denominar os seus passatempos, que, à medida que passaram a ser regulamentados por regras oficializadas, receberam essa denominação.

O futebol ao ser esportivizado possibilitou sua disseminação pelo mundo, porque com regras uniformes e organização própria foi facilmente divulgado por seus praticantes e fãs. O aumento do significado social do futebol foi tanto, que no caso do Brasil, tornamo-nos mundialmente conhecidos como o país do futebol.

Para Lucena (2002) o futebol surge no Brasil num contexto específico de nossa sociedade, cada vez mais urbana e com o encontro de culturas diferentes, com o fim do trabalho escravo, o aumento da imigração e uma série de mudanças que favoreceram a ampliação de ações no sentido de um redirecionamento ao estilo europeu de vida.

A cidade de Ponta Grossa foi precursora no futebol no Paraná com a vinda de Charles Wright, inglês que veio para a cidade em 1909 para trabalhar na construção da via férrea na ligação do Paraná com São Paulo e Rio Grande do Sul, trazendo consigo os apetrechos necessários para a prática do futebol (BATISTA, 1998).

OBJETIVO

Analisar o papel do Clube Verde para o desenvolvimento da sociedade pontagrossense por meio do futebol no período de 1970 aos dias atuais.

METODOLOGIA

A escolha do estudo de casoSOCIEDADE E FUTEBOL:o Clube Verde de Ponta Grossa-PRpara o desenvolvimento social e cultural, representa com detalhes empíricos a relação de uma realidade concreta entre a sociedade e o esporte. Para tanto, serão desenvolvidas os seguintes procedimentos metodológicos: Levantamento de acervo bibliográfico em dissertações, teses e artigos científicos.Levantamento de documentos que historicizam fatos que marcaram o esporte, sobretudo o futebol com a sociedade pontagrossense.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado preliminar da pesquisa em andamento, evidencia-se que o futebol do Clube Verde tem uma memória de acontecimentos que marcaram a história do clube e se tornou uma referência para a sociedade pontagrossense.Esses eventos possuem uma peculiaridade histórica que retrata momentos dos costumes de cada época e o quanto o clube representa para o desenvolvimento social e cultural da cidade de Ponta Grossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sociedade e futebol é uma relação intrínseca para promover o lazer e a cultura de um povo. Durante seus quase 120 anos de existência o Clube Verde já passou por vários momentose o futebol enquanto atividade esportista e de lazer nunca perdeu sua importância. Assim, para o desenvolvimento social e cultural da sociedade pontagrossense o futebol do clube tem dado sua contribuição.

O Clube Verde é uma instituição que tem contribuído para a espetacularização do futebol na cidade de Ponta Grossa, pois o significado social do futebol garante a alegria de seus torcedores e dos adeptos por futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Maristela Iurk. **Clube Princesa dos Campos**: Sociedade Beneficente Germânica. De Beneficência, Conquistas e Realizações na Sociedade Pontagrossense. Ponta Grossa: Inpag, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

LUCENA, Ricardo. "Elias: individualização e mimesis no esporte". In: PRONI, M., LUCENA, R. **Esporte:** história e sociedade. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Lazer e esporte**; a espetacularização do futebol. In: BRUNHS, H. T. Temas sobre lazer. Campinas, Autores Associados, 2000. p. 130-143.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O TRABALHO DE CAMPO E A PESQUISA QUALITATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTENSIDADE

Leandro Lemos de Jesus; Almir Nabozny

INTRODUÇÃO

O presente relato de pesquisa expõe elementos que caracterizam a abordagem da pesquisa qualitativa em trabalhos de campo. As reflexões, concepções teóricas e os aspectos voltados aos procedimentos metodológicos que compõem o texto estão articulados a problemas práticos de uma pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Na investigação citada busca-se compreender como o espaço geográfico compõe as festas de padroeiros em comunidades rurais em Imbituva-PR. A ênfase está em compreender o compartilhamento e a reprodução de significados atrelados a uma possível regionalidade interiorana, a qual tomaria forma expressiva a partir da promoção dos eventos festivos. A construção desta problemática de investigação demandou, desde o início, uma aproximação com os princípios da pesquisa qualitativa. O aprendizado e as dificuldades para construir esta pesquisa motivaram a elaboração e apresentação do presente trabalho.

O texto divide-se em duas partes. Em um primeiro momento, é apresentado alguns dos principais elementos que caracterizam a perspectiva de pesquisa qualitativa. Na segunda parte são tecidas algumas considerações sobre o trabalho de campo em que são efetuadas reflexões sobre a posicionalidade do pesquisador, o relacionamento com sujeitos envolvidos na problemática de pesquisa, assim como o aspecto da produção de informação e o caráter construtivo da interpretação.

A pesquisa qualitativa: a dimensão da intensidade e a produção do conhecimento a partir da construção de uma trajetória de pesquisa

De acordo com Demo (2001) pode-se conceber a pesquisa qualitativa em contraste com a pesquisa quantitativa. Para o autor, tanto uma como outra são relevantes para a ciência moderna, no entanto, enquanto os procedimentos de pesquisas quantitativas dão ênfase a elementos relacionados a extensão dos fenômenos, na pesquisa qualitativa, o interesse do pesquisador está na dimensão da intensidade, daquilo que escapa a mensuração racional lógico-matemática. Turra Neto (2012), em sentido muito próximo a Demo (2001), considera que a diferença entre a pesquisa quantitativa e qualitativa estaria na natureza da informação trabalhada pelo pesquisador na construção do conhecimento. Enquanto na primeira o material é basicamente de natureza numérica e permite rígida formalização, na segunda o material é principalmente de natureza discursiva, como relatos, imagens e símbolos. Embora esse material seja também em algum sentido "formalizado" a partir de uma organização arbitrária, ele não é passível de redução a uma fórmula replicável e universal, não é esse o caminho que garantirá a interpretação. De acordo com Turra Neto (2012), essa "separação" não é absoluta, de forma que há pesquisadores que aliam os materiais de ambas "as naturezas" durante o trabalho de interpretação. É importante ainda considerar a advertência de Demo (2001), o autor enfatiza que a extensão e a intensidade são dimensões co-constitutivas dos fenômenos,

por exemplo, embora uma ideia tenha uma dimensão abstrata e incomensurável ela também subsiste a partir da base material formada pela teia de neurônios e suas conexões.

O que demanda uma ou a outra forma de pesquisa é a pergunta elaborada pelo pesquisador. Na Geografia pensando no estudo desenvolvido sobre as festas de padroeiro em comunidades rurais; se o objetivo traçado pelo autor fosse o de compreender o impacto econômico destas festas na arrecadação financeira das capelas, os procedimentos mais apropriados seriam o levantamento contábil e uma análise comparativa da receita das festas em relação a outras fontes de captação, ademais, seria possível também estabelecer uma relação entre a média do número de participantes em cada uma delas e o potencial de arrecadação em função disto, ou então, a "forma" que compõe cada festa e o seu potencial para atrair participantes. Porém, na pesquisa o pesquisador interessou-se por compreender o papel das festas no compartilhamento de significados, enredamento e pertencimento comunitário. Uma análise pautada apenas na dimensão da "extensão da festa" não seria apropriada. Era preciso buscar ir além da "forma", para tal, houve a necessidade de acompanhar as festas e os grupos de festeiros (observação participante), identificar os diferentes grupos que compõem a categoria genérica de festeiros (produtores da festa, trabalhadores e trabalhadoras da festa, participantes, grupos religiosos) e como as representações e as participações de cada um destes grupos podem permitir uma melhor compreensão do fenômeno, em outro viés, foi preciso identificar o que é compartilhado e o que é valorizado entre os festeiros e como isso esta atrelado ao espaço das comunidades rurais.

Para avançar nesta dimensão da intensidade, também foi necessário desenvolver um conjunto variado de procedimentos de pesquisa, agrupados no que denominou-se de "trabalho de campo".

No entanto, é importante frisar que, ir a campo com o objetivo de fazer uma pesquisa qualitativa implica em refletir sobre uma série de pontos. O primeiro deles é a posição ocupada pelo pesquisador e a relação de confiança que este precisará desenvolver com os sujeitos envolvidos na pesquisa. O pesquisador necessita levar em conta que:

> Na pesquisa qualitativa, nesta produção da informação, está em jogo **processos de interação humana**, com todos os seus humores, temores, enfim, com toda intromissão da subjetividade de sujeitos em interação. Ou seja, um tipo de relação dialógica entre investigador/investigados, que não é sem importância para os resultados que a pesquisa pode produzir. (TURRA NETO, 2012, p 4. Grifos do autor)

Em certo sentido poderíamos dizer que o pesquisador deve ir além da técnica e utilizar-se da empatia, da capacidade de conectar-se com esse outro, a fim de poder interpretar os significados das tramas espaciais que ele tece e está envolvido. Outro ponto crucial é o entrelaçamento entre observações, falas de diálogos informais, entrevistas e dados obtidos de outras fontes na construção da interpretação. Em diversas situações a fala contradiz a ação e vice-versa, ou então a fala espontânea do diálogo informal entra em choque com a fala elaborada no contexto mais formal da entrevista. Após o encerramento das múltiplas atividades que compuseram o trabalho de campo o pesquisador terá diante de si um variado conjunto de materiais.

O pesquisador pode se utilizar de diversas técnicas para analisar esse conjunto. Com relação as falas, o material mais rico, uma forma simplificada é a decomposição das falas e a interpretação dos elementos recorrentes ou então a delimitação dos trechos de falas categorizando-os como pertencentes a grupos temáticos diferentes. O importante é refletir em que medida esses discursos ou fragmentos de discursos representam ou não o coletivo mais amplo de sujeitos envolvidos nos fenômenos estudados.

Um dos principais problemas durante a interpretação desse emaranhado de falas é como considerar as representações hegemônicas e as representações dissidentes e o quanto uma e outra permitem compreender sobre os fenômenos. Aquelas informações obtidas a partir das observações participantes podem servir como elemento balizador durante este processo. A partir destes procedimentos interpretativos é possível delimitar em que medida os fenômenos e relações que estamos investigando se aproximam ou se afastam dos fundamentos teóricos que estão norteando a pesquisa, em determinadas situações demanda-se outras leituras.

De certa forma, a reflexão em torno da pesquisa qualitativa põe em evidência as estratégias específicas desenvolvidas pelo pesquisador e o caráter construtivista dos dados e informações que compõem os resultados da pesquisa. A maior parte dos "dados" obtidos a partir da metologia qualitativa é oriunda de uma interação muito particular entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na pesquisa, como não é possível uma interação neutra, o pesquisador necessita refletir sobre as melhores estratégias para construir a trajetória de pesquisa e como estas influenciaram na produção dos seus resultados.

O trabalho de campo: a dimensão do encontro e da produção dos dados de pesquisa

É possível considerar o "trabalho de campo" como um conjunto articulado de práticas de pesquisa, as quais envolvem o reconhecimento do recorte de pesquisa, a observação, observação participante, registro em imagens e vídeos, aplicação de questionários e entrevistas. De uma forma geral, estas atividades implicam em deslocar-se até determinada realidade e interagir com os grupos de interesse da pesquisa. Desta forma, o trabalho de campo é geralmente visto como uma prática de aproximação com os sujeitos e fenômenos de interesse, com grupos ou universos socioculturais diferentes daquele do pesquisador. Esta representação está de certa forma relacionada a própria história do desenvolvimento desta prática de pesquisa, a qual tem as suas raízes ligadas principalmente aos estudos de antropólogos europeus que buscavam compreender "o outro", "o exótico" situado "fora" do domínio ocidental, a partir da aproximação e convivência como os denominados naquele período como "povos primitivos".

A partir das observações sistemáticas, convivência e estabelecimento de uma relação de confiança com o grupo, o pesquisador tem maiores possibilidades de interpretar significados e relações contextualmente, ou seja, a interpretação é realizada de "dentro" e a partir do alcance de uma familiaridade que permite identificar e "ler" os principais códigos simbólicos que permeiam determinada realidade. A premissa é a de que um olhar distanciado dificilmente conseguirá avançar na compreensão de aspectos relacionados as dimensões subjetivas.

No entanto, para além de "familiarizar-se com o exótico", há também o que Velho (2008) denomina como a tentativa de "estranhar o familiar". De acordo com o antropólogo, os pesquisadores já não abordam apenas grupos culturais exóticos, mas voltam-se também para grupos da sua própria sociedade. Se no caso anterior é preciso alcançar a "familiaridade", no segundo, é preciso aprender a questionar os estereótipos e certezas para conseguir ver aquilo

que se esconde por detrás do hábito e da naturalização de relações cotidianamente experienciadas.

Neste sentido, produzir um discurso que se pretende científico sobre uma realidade com a qual se está familiarizado é tão problemático quanto investigar o exótico. O esforço ocorre no sentido de tentar olhar de outra forma para aquilo que já se viu e participou em inumeráveis outras situações e tentar problematizar "o óbvio", duvidar das certezas e questionar-se sobre a origem e fundamento dos próprios apontamentos.

Os trabalhos de campo podem oferecer uma rica e diferenciada gama de materiais de pesquisa, como imagens, observações de como se desenrolam determinadas práticas, diálogos informais que podem ter maior relevância e profundidade que as falas obtidas em entrevistas, anotações de discursos ditos em contextos específicos, os quais são cruciais para o entendimento de determinadas questões e, por fim, as entrevistas e o amplo conjunto de representações que estas podem oferecer, principalmente quando o pesquisador consegue criar um contexto de confiança com os sujeitos de pesquisa.

A partir da orientação teórica e desse conjunto variado de materiais, o pesquisador “tece” a sua interpretação. No entanto, ao ir realizar trabalho de campo é importante ter em mente que não se está partindo em busca de “colher dados”, mas sim produzi-los a partir de uma relação dialógica com os sujeitos relacionados a sua problemática de pesquisa. De uma forma ou de outra, em trabalhos de campo ligados a perspectiva qualitativa, é inevitável o envolvimento do investigador, ele será enredado em práticas sociais, será solicitado e notado com indiferença, desconfiança ou com simpatia. O pesquisador está assim muito distante do observador neutro, que com um conjunto de equipamentos e técnicas apreende aspectos do real, como se estivesse situado em uma dimensão externa e olhasse por uma janela. É neste sentido que em trabalhos de campo que abordam questões relacionadas a grupos culturais, o sujeito pesquisador não corresponde a representação de alguém sem “rosto e universal”, um fantasma que vaga entremeio a um grupo e coleta informações ou dados. Como podemos perceber a partir de Brandão (2007)[1], Bauer (2008)[2], Turra Neto (2012) e, a seu modo, também Brandão (2007) são apenas alguns dos vários autores que desenvolvem estudos e também produzem orientações de cunho metodológico a partir do viés qualitativo. Um ponto em comum nesta literatura é que embora haja a consciência de que estas pesquisas não são absolutamente replicáveis, ou seja, não é possível reproduzir os procedimentos metodológicos e chegar exatamente aos mesmos resultados, como ocorre com metodologias quantitativas, há a necessidade de explicitar detalhadamente a comunidade científica e ao leitor do estudo, as escolhas e os procedimentos e reflexões sobre como estes permitiram alcançar os resultados apresentados, é o que Gaskell e Bauer (2008) caracterizam como “prestação de contas pública” sobre a trajetória percorrida na pesquisa. É preciso então apresentar os bastidores, além de refletir sobre como a construção deste “contexto investigativo” influenciou nestes resultados. Pois como enfatiza Demo (2001, p.26) “somos seres interpretativos, captamos a realidade reconstrutivamente, inviabilizando qualquer pretensão de representação direta”, não obstante, é “prudente estabelecer o compromisso com a objetivação, para controlarmos melhor- nunca de todo- a tendência deturpante dos processos de captação”(DEMO, 2001, p. 26). A partir de Demo (2001) pode-se concluir que longe de um “vale tudo”, na pesquisa qualitativa “vale” aquilo que oferece condições favoráveis para ser discutível, no sentido de que o pesquisador deve oferecer uma interpretação sobre um fenômeno e ao mesmo tempo oferecer premissas para que a comunidade científica e os leitores possam avaliar criticamente o próprio processo de construção deste conhecimento. A objetivação, neste caso, se refere ao cuidado e a reflexão sobre os procedimentos metodológicos, a limitação e a forma como estes condicionaram a produção dos resultados.

[1]Embora esse texto de Carlos Rodrigues Brandão tenha sido publicado em 2007, ele é produzido a partir de uma fala do antropólogo gravada para um grupo de alunos e professores da UFMG no ano de 1983. O texto traz uma rica contribuição sobre os trabalhos de campo em comunidades e com grupos culturais realizados pelo autor. É possível considerar que o seu escrito têm uma profunda afinação com que se considera atualmente como uma perspectiva de pesquisa qualitativa.

[2]Nesta mesma obra em que figura o escrito de Gaskell e Bauer (2008) há uma série de artigos voltados para o trabalho de pesquisa no viés qualitativo. Os textos intercruzam concepções sobre a metodologia qualitativa e procedimentos. Aborda-se deste a seleção e organização dos materiais de pesquisa, análise de discurso assim como diferentes tipos de entrevistas e orientações de como conduzi-las.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v. 10, n.1, p. 11-27, 2007. Disponível em:< http://hugoribeiro.com.br/bibliotecadigital/BRANDAO_Reflexoes_sobre_como_fazer_trabalho_de_campo.pdf> Acesso em: 14 nov. 2015.
DEMO, Pedro**. Pesquisa e informação qualitativa**: aportes metodológicos. Campinas: Papirus, 2001. 135 p.

GASKELL, G.; BAUER, MARTIN W. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In:_____. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**: Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, Rj : Vozes, 2008. (470- 490)

TURRA NETO, Nécio. Pesquisa qualitativa em geografia. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG, 2012, Belo Horizonte. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos**: entre escalas, poderes, ações, geografias, 2012.

VELHO, Gilberto**.** Observando o Familiar. In:_____. **Individualismo e cultura: antropologia das sociedades contemporânea**. 8.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p.122-134.

NOVOS OLHARES SOBRE A PALEONTOLOGIA NO MUNICÍPIO DE TERESINA, ESTADO DO PIAUÍ

Willian Mikio Kurita Matsumura[1]
Naide de Lucas da Silva[1]
Nadia Lavinha de Sousa Frazão[1]
Marco Antônio Fonseca Ferreira[1]
Elvio Pinto Bosetti[2]

[1]Departamento de Biologia, Universidade Federal do Piauí
[2]Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa

INTRODUÇÃO

Com cerca de 85% de seu território inserido em rochas sedimentares da Bacia do Parnaíba, o estado do Piauí apresenta, notadamente, um enorme potencial geológico e paleontológico a ser explorado e estudado. A importância e o valor desde patrimônio natural, com destaque pelos parques nacionais "Serra da Capivara" e "Sete Cidades", remonta ao ano de 1836 quando o botânico M. de Martius coletou fósseis vegetais entre os municípios de Oeiras e Amarante (na época São Gonçalo do Amarante). Tais espécimes foram descritos por Brongniart (1872) como *Psaronius brasiliensis*, sendo este o primeiro fóssil vegetal do Brasil mencionado na literatura.

No município de Teresina, a presença de troncos fósseis foi notada deste 1914, a relevância destas ocorrências (boa qualidade de preservação, grande quantidade de espécimes e posição de vida) possibilitou a criação e implantação do Parque Floresta Fóssil do Rio Poti entre os anos de 1993 e 1994, sendo o único sítio paleontológico localizado dentro de uma capital (Quaresma; Cisneros, 2013).

Mais recentemente, novos materiais de vertebrados fósseis descritos por Cisneros et al. (2015) reacenderam o interesse geológico e paleontológico na região. O presente objetiva ilustrar os novos achados fósseis (estromatólitos e invertebrados) da Formação Pedra de Fogo encontrados no município de Teresina, estado do Piauí.

MATERIAIS E MÉTODO

O material paleontológico foi coletado durante os meses de maio a outubro de 2016 por ocasião das obras de abertura e pavimentação da Marginal Poti Sul às margens do Rio Poti, na Zona Sul do município de Teresina (Figura 1 A-C). As escavações no canteiro de obras possibilitaram a exposição dos depósitos aluviais do rio. Nestes depósitos foram encontrados matacões e seixos oriundos do retrabalhamento de rochas silicificadas da Formação Pedra de Fogo. Em grande parte deste material sedimentar foram encontrados estromatólitos de diversos tipos e duas coquinhas.

As rochas areníticas e pelíticas utilizadas para preenchimento do muro de gabião são provenientes da pedreira Caititu no município de Nazária, à 35 km ao Sul de Teresina. Nas rochas de granulometria mais fina (folhelhos sílticos) foram encontradas valvas de conchostráceos bem preservadas. O material foi fotografado no microscópio estereoscópico e as medições foram efetuadas com auxílio dos programas Scope Image 9.0® e LAS EZ® (Leica Application Suite). Todo o material encontra-se catalogado e depositado no Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí, sob as siglas UFPI/PIC (Paleoicnologia) e UFPI/PIN (Paleoinvertebrados).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os conchostráceos estão preservados na forma de moldes e impressões. No total, reúnem 11 amostras de mão e somam mais de 30 valvas, podendo ser encontradas isoladas ou

em agrupamentos. As valvas encontram-se na sua maioria desarticulados, havendo poucos espécimes preservados articulados e abertos. Tais invertebrados tiveram a sua ocorrência apenas citada na literatura. Os conchostráceos analisados apresentaram carapaças do tipo Teliniforme, sendo divididos em quatro grupos de acordo com a sua morfologia, quais sejam: elíptica a subelíptica (n = 9, Figura 1 D-E), subretangular (n = 2, Figura 1 F), oval (n = 3, Figura 1 G) e subcircular (n = 2). A relação entre comprimento e altura da carapaça (C/L) foi distinta para cada morfotipo (Tabela 1). A carapaça subretangular apresentou média entre 2,14 a 3,77 mm. Elíptica a subelíptica (C/L = 2,02 a 3,14 mm), oval (C/L = 1,74 a 2,56 mm) e subcircular (C/L = 2,2 a 3,29 mm). Nos espécimes Subretangulares e elípticos a subelípticos, o umbo está geralmente localizado na região anterior, podendo elevar-se na margem dorsal. Nestes, a margem ventral e posterior é mais retilínea. Já nos espécimes subcirculares a ovais, o umbo apresenta posição mais central na carapaça, sendo que a margem ventral e posterior é mais arredondada. Não foram observadas a presença de ornamentações nos espécimes estudados.

A presença de conchostráceos na Formação Pedra de Fogo corrobora a origem fluvio-lacustrina das rochas areno-pelíticas depositadas em subambientes de planícies de inundação.

Os microbialitos rolados (*ex-situ*) analisados totalizam cerca de 100 amostras. Após o processamento do material (limpeza e catalogação) foram descritas as 50 amostras que apresentaram melhor estado de preservação. Quanto aos tipos de microbialitos (bioherma ou bioestroma), só podem ser identificados quando observados *in situ* no afloramento, portanto este tipo de feição não pode ser diagnosticado com base neste material. Quanto a micromorfologia foram identificados os tipos colunares e pseudocolunares (hemisferóides empilhados) apresentando laminação ondulada (Figura 1 H) a muito convexa, com relevo abobadado ou em bulbos. Os microbialitos do tipo oncólitos (esferoides) apresentaram laminação concêntrica e irregular. Finalmente, as do tipo esteiras microbianas possuem laminações planas, onduladas ou crenuladas indicando uma continuidade lateral.

Quando os estromatólitos foram descritos pela primeira vez na Formação Pedra de Fogo, as interpretação de um ambiente marinho com pequena agitação de ondas e correntes foi inferido. Atualmente, a presença de estromatólitos recentes em ambientes marinhos e continentais permite corroborar a interpretação dominantemente continental para aquela formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos permitem a melhor compreensão dos fatores ambientais atuantes na formação de diferentes estruturas sedimentares induzidas por microorganismos, bem como auxiliam seu reconhecimento na unidade em apreço. A descrição de novos conchostráceos no Eopermiano da Bacia do Parnaíba amplia a fauna de invertebrados registrados e possibilita estudos comparativos com outras bacias gondwânicas crono-correlatas. O próximo passo da pesquisa será descrever as microestruturas dos estromatólitos, bem como aprofundar as análises taxonômicas dos conchostráceos.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Dr. Juan Carlos Cineros (Museu de Arqueologia e Paleontologia/UFPI) pelas informações sobre a paleontologia e geologia da Formação Pedra de Fogo que auxiliou na discussão do presente trabalho. À Dra. Gardene Maria de Sousa (Laboratório de Morfologia Vegetal/UFPI) pelo acesso ao laboratório e utilização do microscópio acoplado à câmera digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brongniart, A. 1872. Notice sur le *Psaronius brasiliensis*. Bulletin de la Société botanique de France. 19: 3-10.

Cisneros, J.C.; Marsicano, C.; Angielczyk, K.D.; Smith, R.M.H.; Richter, M.; Frobisch, J.; Kammerer, C.F.; Sadleir, R.W. 2015. New Permian fauna from Tropical Gondwana. Nature Communications. 6, 8676.

Pfaltzgraff, P.A.S.; Torres, F.S.M.; Brandão, R.L. 2010. Geodiversidade do estado do Piauí. Recife: CPRM, 260 p.

Quaresma, R.L.S.; Cisneros, J.C. 2013. O Parque Floresta Fóssil do Rio Poti como ferramenta para o ensino de paleontologia e educação ambiental. Terræ, 10(1-2):47-55.

Vasconcelos, M.V.; Moraes, M.V.A.R.; Lima, I.M.M.F. 2016. Floresta Fóssil do Rio Poti em Teresina, Piauí: porque não preservar?. Revista Equador (UFPI), Vol. 5, Nº 3 (Edição Especial 02), p. 239-259.

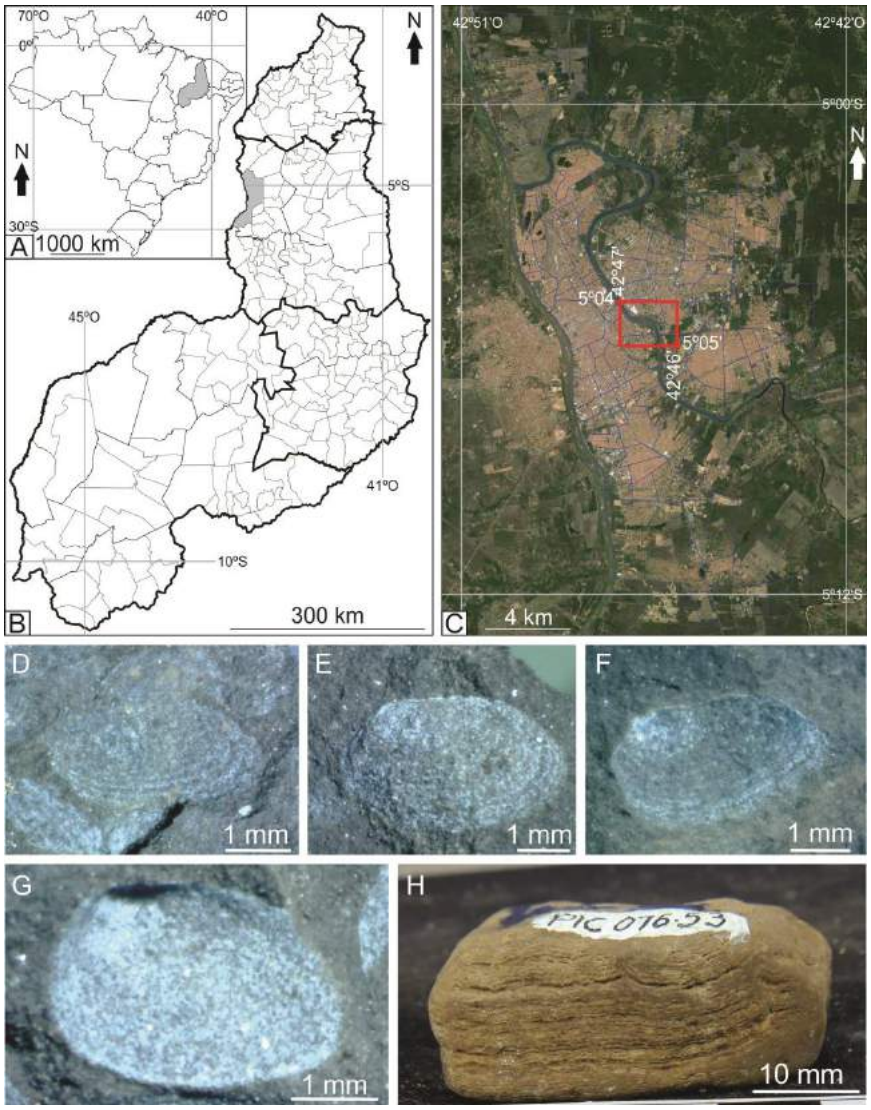


Figura 1. Mapa de localização da área de estudo e fósseis encontrados. A-C. Mapa do Brasil com a localização do estado do Piauí (A). Localização do município de Teresina no estado do Piauí (B). Mapa dos bairros de Teresina com a localização da área de estudo (C). Morfotipos de conchostráceos encontrados: valvas elípticas a subelípticas (D-E); valva subretangular (F); valva oval (G). Amostra de estromatólito rolado (H).

Tabela 1. Dados morfométricos dos estromatólitos estudados. Medidas de comprimento e altura em milímetros.

Sigla UFPI/PIN	**Comprimento (C)**	**Altura (A)**	**Razão (C/A)**	**Linhas de crescimento**	**Posição do Umbo**	**Morfotipos**
50.1	3,8	2,20	1,72	>5	Subcentral	Subretangular
50.11	3,74	2,08	1,80	>5	Subcentral	
50.6 b	3,03	1,77	1,71	-	-	Elíptico a subelíptico
50.7 a	3,10	1,98	1,56	-	Anterior	
50.7 b	3,45	1,95	1,77	-	Anterior	
50.7 c	2,62	1,27	2,06	-	Anterior	
50.7 e	2,92	1,73	1,69	5	Anterior	
50.9 c	4,25	2,32	1,83	4	Anterior	
50.9 d	3,30	1,52	2,17	4	Anterior	
50.9 g	4,16	2,33	1,78	>5	Anterior	
50.10 b	2,92	1,36	2,15	-	Subcentral	
50.7g	3,64	2,40	1,51	-	-	Oval
50.9a	3,62	3,22	1,12	4	Anterior	
50.9 b	2,84	1,75	1,62	>5	Anterior	
50.9 e	3,56	2,38	1,50	>5	-	
50.10 a	2,56	1,74	1,47	-	Central	Subcircular

EDIFÍCIOS DE USO MISTO (COMERCIAL E RESIDENCIAL) NA REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA/PR

Ramon de Oliveira Bieco Braga;
Ana Paula Benato;
Stefany Pontes de Freitas

RESUMO

Observa-se que existe uma tendência na construção de edifícios de uso misto que são utilizados simultaneamente para hospedagem, residência e trabalho, produzindo espaços que segrega socialmente e economicamente as metrópoles. No caso da metrópole de Curitiba, esses edifícios apresentam-se em ascendência em quantidade. Nesse contexto, a presente pesquisa objetiva identificar quais são os edifícios corporativos de uso misto, na região central de Curitiba/PR, bem como compreender como os mesmos comercializam os serviços. Metodologicamente, pesquisaram-se quais são os edifícios corporativos de uso misto que existem na região central em Curitiba/PR, sendo que foram identificados dois casos: a) 7th Avenue; b) Home Urban Business (HUB) Curitiba. Os edifícios identificados mediante consulta no sítio http://www.edificioscorporativos.com.br/PR/Curitiba, foram fotografados *in loco*, sendo que após a identificação dos mesmos, foi possível pesquisar quais são os serviços e como os mesmos são ofertados, mediante consulta nas reportagens do jornal *Gazeta do Povo*, um dos principais veículos impresso de comunicação na capital paranaense. Os resultados apresentam que os edifícios atraem investimentos de um alto poder aquisitivo, bem como hóspedes, pois os serviços de hospedagem com um apartamento e escritório, são ofertados com preços elevados, bem como se exige que os hóspedes permaneçam no mínimo 30 dias para efetivar uma reserva. Compreendeu-se ainda que os serviços prestados pelos edifícios, possibilitam que os residentes saiam dos mesmos com a menor frequência possível, pois os variados serviços prestados, sobretudo no caso do HUB, permitem essa prática Assim sendo, concluiu-se que os edifícios corporativos, apresentados na pesquisa, configuram uma nova idealização na construção de novos empreendimentos como, por exemplo, os edifícios de usos mistos (residencial e comercial) e os novos tipos de hotéis, que contam com os serviços de um sistema hoteleiro, mas com a configuração de um apartamento residencial, como no caso do 7th Avenue.

Palavras-chaves: Edifícios Corporativos; Uso Misto; Metrópole Corporativa;

INTRODUÇÃO

Segundo Correa (1997), atualmente é possível observar, nas grandes metrópoles brasileiras, um considerável fenômeno de segregação social no espaço urbano, provocado pelos mais diversos agentes produtores do mesmo.

Para tanto, a segregação social é verificada na pauperização do espaço das cidades, pois os habitantes de baixa renda habitam os espaços periféricos das cidades, enquanto que os habitantes de renda alta tendem a se concentrar em regiões que centralizam a oferta de serviços especializados (op. cit.).

A cidade que dá lugar a esses empreendimentos é chamada por Santos (1990) de Metrópole Corporativa Fragmentada. Assim sendo, para o mesmo autor, essa metrópole é cenário e alvo do fenômeno da especulação imobiliária que está sempre em busca de áreas para a construção de seus empreendimentos que nos últimos anos tem recebido constantes incentivos do Estado para as suas instalações.

Diante do exposto, ressalva-se que dentro da Metrópole Coorporativa, são ofertados empreendimentos para fins comerciais, residenciais ou usos mistos, podendo se apresentar no formato de grandes edifícios ou até mesmo condomínios fechados (op. cit.).

Nesse contexto, Costa, et. al. (2007) afirma que esses empreendimentos foram estratégias criadas por indivíduos que objetivavam na essência concentrar a oferta de um serviço, economizando tempo de deslocamento das pessoas. Ratifica-se desse modo, que os empreendimentos podem ser classificados como condomínios habitacionais ou condomínios coorporativos.

OBJETIVO E METODOLOGIA

Nesse contexto, a presente pesquisa objetiva identificar quais são os edifícios corporativos de uso misto na região central de Curitiba/PR, bem como compreender como os mesmos ofertam os serviços.

Metodologicamente, pesquisaram-se quais são os edifícios corporativos de uso misto que existem na região central de Curitiba/PR, sendo que foram identificados dois casos: a) 7th Avenue; b) Home Urban Business Curitiba.

Os edifícios identificados mediante consulta no sítio http://www.edificioscorporativos.com.br/PR/Curitiba, foram fotografados *in loco*, sendo que após a identificação dos mesmos, foi possível pesquisar quais são os serviços e como os mesmos são ofertados, mediante consulta nas reportagens do jornal *Gazeta do Povo*, um dos principais veículos impresso de comunicação na capital paranaense.

EDIFÍCIOS DE USO MISTO NO CENTRO DE CURITIBA/PR

Inspirado na Avenida de Manhattan, o 7th Avenue é um empreendimento imobiliário construído pela Thá – localizado na Rua Sete de Setembro, n. 2451, no bairro Rebouças, região central de Curitiba. Sua estrutura conta com dois prédios, conforme é observado na Figura 1, um residencial e outro corporativo. O empreendimento é comercializado no formato de permanência "long stay" (longa estadia) e une os serviços de um hotel com a locação de um imóvel.

Trazendo um novo tipo de negócio para a cidade, de acordo com Cherubini (2015), o 7th Avenue tem como público alvo os executivos e profissionais que necessitam de uma locação mais longa. A hospedagem deve ser de no mínimo 30 dias (estadias diárias ou inferiores há um mês são vetadas) e conta com serviços de hotelaria como café da manhã, serviço de quarto, garagem e acesso a espaços comuns, entre eles, academia e piscina.

Os apartamentos precisam ser comprados por pessoas que, além de comprar os mesmos da construtora Thá, necessitam mobiliar os espaços de acordo com as normas estabelecidas pela empresa que administra as locações dos apartamentos (op. cit.).

O empreendimento conta com a administração do Slaviero Hotéis que, segundo Cherubini (2015), aluga os apartamentos no 7th Avenue, mediante as condições mínimas de contratação já mencionadas anteriormente, podendo custar em média R$ 3,8 mil por mês, sendo estimados contratos com permanência de 12 meses.

Diante do exposto, compreende-se que os serviços ofertados pelo 7th Avenue apresenta uma nova lógica de comercialização de apartamentos para estadia e negócios, pois não é necessário que o cliente busque o espaço via uma empresa de aluguel imobiliário, pois o mesmo irá alugar os espaços via a rede hoteleira Slaviero, que administra os alugueis dos apartamentos que não pertencem a mesma e sim a diversos proprietários que compraram os apartamentos da construtora Thá.

Salienta-se ainda que o edifício oferta serviços de salas de reuniões coletivas, bem como academia e piscina (CHERUBINI, 2015), portanto os hóspedes acabam saindo do mesmo somente para irem no supermercado ou restaurantes, prevalecendo a máxima exposta por Costa, et. al. (2007), que esses espaços foram construídos para centralizar a oferta de serviços e reduzir o tempo de deslocamento dos sujeitos pelas cidades.

FIGURA 1 – AS TORRES DO 7TH AVENUE, REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA/PR

FONTE: Autores (2016).

O segundo exemplo identificado na realização da pesquisa é o Home Urban Business (HUB) que também é um empreendimento residencial e comercial, construído pela construtora e incorporadora Tecnisa de São Paulo (TECNISA). O projeto conta com 450 unidades residenciais e 128 comerciais, além de 18 lojas que consolidam uma galeria no térreo que atrai cerca de 1,5 mil pessoas (NERY, 2011).

Os apartamentos residenciais e comerciais ficam localizados a partir do 1º andar, sendo que as 18 lojas permanecem na galeria no térreo, com uma entrada principal em cada lado da quadra, conforme pode ser observado, na Figura 2, uma entrada da galeria do térreo.

Salienta-se, conforme assinalado por Nery (2011), que nesse espaço existia uma unidade do supermercado *Mercadorama* que se encontrava desativada a 3 anos, sendo que nesse espaço ocorria com frequência assaltos, amedrontando os proprietários e funcionários do comércio local e a população que transitava pelas redondezas, sendo que a uma quadra desse local, localiza-se um campus da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o parque municipal Passeio Público e o Teatro Municipal Guaíra, portanto, é uma região com um intenso fluxo de pessoas.

FIGURA 2 – FACHADA DO HOME URBAN BUSINESS (HUB) NA REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA/PR

FONTE: Autores (2016).

Todavia, ao contrário do 7th Avenue, os apartamentos comprados no HUB não possuem objetivo de serem comercializados por uma rede hoteleira e sim de realmente serem utilizados para fins residenciais e comerciais.

Contudo, compreende-se que o edifício ratifica o que Correa (1997) escreve sobre a segregação espacial urbana, mediante a luz dos condomínios fechados, pois o HUB centraliza a oferta de serviços, possibilitando que os moradores saiam do mesmo com a menor frequência possível, pois os moradores do HUB podem trabalhar no mesmo edifício que residem, além de terem acesso aos serviços de restaurante, lavanderia, academia, bares, lojas de roupas e eletrodomésticos, além dos espaços de uso coletivo como, por exemplos, piscinas para adultos e crianças, praça, brinquedoteca, churrascaria, playground, salão de festas para adultos e crianças, sauna, vestiário e salão de jogos para adultos e crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que os edifícios corporativos, apresentados na pesquisa, configuram uma nova idealização na construção de novos empreendimentos como, por exemplo, os edifícios de usos mistos (residencial e comercial) e os novos tipos de hotéis, que contam com os serviços de um sistema hoteleiro, mas com a configuração de um apartamento residencial.

Compreendeu-se que as construtoras estão investindo nestes empreendimentos e consequentemente, estão mudando a ordem espacial nas áreas em que os mesmos estão se instalando, pois foi verificado que as ruas adjacentes apresentam crescimento no movimento de carros, bem como surgem novos estacionamentos particulares.

Observou-se ainda que a localização geográfica desses edifícios é privilegiada pela proximidade com as estações tubo do transporte coletivo de Curitiba, bem como a proximidade do Shopping Estação (no caso do 7th Avenue) e do Shopping Muller e Passeio Público (no caso do HUB).

Salienta-se ainda que os serviços prestados pelos edifícios, possibilitam que os residentes saiam dos mesmos com a menor frequência possível, pois os variados serviços prestados, sobretudo no caso do HUB, permitem essa prática.

REFERÊNCIAS

CHERUBINI, F. **7th Avenue traz a Curitiba modelo de hospedagem prolongada**. 2015. Disponível em < http://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/7th-avenue-traz-a-curitiba-modelo-de-hospedagem-prolongada-3sg5lbhcvyjd59jdhyvu82pka > Acesso em 18/05/2016.

CORREA, R. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, A.; CERICATO, D.; MELO, P. Empreendedorismo corporativo: uma nova estratégia para a inovação em organizações contemporâneas. **Revista de Negócios**, v. 12, n. 4. Blumenau, out./dez. 2007. p.32-43.

NERY, A. C. **Novo prédio "inaugura" fase de renovação da região da Reitoria**. 2011. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/novo-predio-inaugura-fase-de-renovacao-da-regiao-da-reitoria-ala2ucmbuniwhyc81avt7kevi> Acesso em 20/05/2016.

SANTOS, M. **Metrópole Corporativa Fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Edusp, 1990.

AS ESPACIALIDADES INTERACIONAIS DAS ‘CAPELINHAS VISITADORAS DE LARES’: O CASO DO CONJUNTO RESIDENCIAL RAUL PINHEIRO MACHADO

Sandro Murilo Pedrozo
Cicilian Luiza Löwen Sahr

INTRODUÇÃO

Nos conjuntos residenciais que atendem às camadas mais populares, sobretudo naqueles verticalizados com estrutura compartilhada e localização periférica, as relações estabelecidas entre os moradores são intensas. Os laços interpessoais que se apresentam “se referem a tipos de interação com certa continuidade ou estruturação, tais como relações ou laços que se estruturam em torno de afinidades/identificações entre os membros ou objetivos comuns em torno de uma causa.” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 2).

Portanto, este estudo analisa as interações socioespaciais que se estabelecem no Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado, tomando como eixo de análise as relações construídas a partir de tradição religiosa das ‘capelinhas visitadoras de lares’. Intenta-se uma abordagem que avance para além da religiosidade, considerando a prática dessa fé como um fenômeno socioespacial.

OBJETIVO

Aprofundar a reflexão em torno das espacialidades interacionais das ‘capelinhas visitadoras de lares’ através do estudo de caso do Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado. Busca-se identificar os laços socioespaciais que se estabelecem a partir das ‘capelinhas’, tradição religiosa católica da circulação de casa em casa de capelinhas com imagem de Nossa Senhora.

METODOLOGIA

O Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado se estrutura a partir de diferentes arranjos domiciliares - casal com filho(s), casal sem filhos, família monoparental, família unipersonal, república de estudantes – que tornam ainda mais complexas as interrelações que nele se estabelecem. Desta forma, para operacionalização desta investigação foi realizado um 'Levantamento do Universo da Pesquisa' (PEDROZO, 2016) neste Conjunto Residencial, buscando informações básicas sobre os domicílios e seus moradores. Tais informações foram obtidas por intermédio de documentos (Cadastro dos Moradores e Relação de Sacados do Condomínio) e conversas informais (funcionários, síndica e moradores). No tocante a temática das 'capelinhas' foram realizadas conversas informais com suas respectivas 'zeladoras', bem como, imersão no evento “Encontro das Zeladoras de Capelinhas da Diocese de Ponta Grossa”. Tais metodologias permitiram adentrar neste ‘universo’ religioso, possibilitando uma compreensão deste como um fenômeno socioespacial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A visita da imagem de Nossa Senhora no interior de uma pequena capela de madeira na casa das pessoas é conhecida como "Capelinha Peregrina", "Capelinha Visitadora de Lares" ou simplesmente "Capelinha". Essa prática tem sua origem no século XIX:

> Foi um missionário claretiano, Padre José Maria Santistevan que, em 26 de agosto de 1888, iniciou o Movimento das Capelinhas, em Guayaquil, no Equador. Ao ver que as famílias estavam se distanciando de Jesus e da Igreja, promoveu a visita da imagem do Imaculado Coração de Maria de casa em casa. (MÜLLER, 2014, p.1, grifo dos autores).

No Brasil, as 'capelinhas' com imagens de Maria começaram a ser acolhidas nas casas em Belo Horizonte:

> [...] a primeira instalação da Visita Domiciliária se deu em Belo Horizonte (MG), com a aprovação e bênção do arcebispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta, e de D. Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte (LEITE, 2012, p. 20, grifo dos autores).

Essa tradição teve início no Brasil, segundo Müller (2014, s.p), em 1914. Atualmente, a 'capelinha', sob diferentes títulos e iconografias, é conhecida em todo o Brasil e percorre, de casa em casa, muitas cidades e localidades rurais.

Em Ponta Grossa, no bairro Jardim Carvalho, onde se localiza o Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado, foi construído em 1953 uma pequena capela em madeira. Em 1969 iniciou-se a construção em alvenaria de uma nova Matriz, substituindo a anterior. Neste mesmo ano criou-se a Paróquia de Santo Antônio, desmembrada de outras duas: a de São José e a da Imaculada Conceição. Esta Paróquia administra um grande número de 'Capelinhas', entre elas as que circulam no conjunto residencial em estudo.

As 'Capelinhas Visitadoras de Lares' que circulam neste 'Microcosmo' são: a de Nossa Senhora Aparecida, a de Nossa Senhora Mãe da Divina Graça e a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Na classificação de Megale (1998), a Nossa Senhora Aparecida se enquadra na iconografia da 'Imaculada Conceição', ou seja, ela é retratada ainda jovem, com as mãos unidas junto ao peito. Segunda a mesma classificação, a Nossa Senhora Mãe da Divina Graça e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se enquadram na iconografia 'Virgem Mãe', se apresentando com o Menino Jesus nos braços.

As Nossas Senhoras são recebidas em 45 domicílios do conjunto residencial, ou seja, em 22% dos lares. A Nossa Senhora Mãe da Divina Graça é acolhida em 26 lares, a do Perpétuo Socorro e a Aparecida em 12 cada uma. Há que se salientar, todavia, que 5 lares recebem duas 'capelinhas': 3 compartilham as Nossas Senhoras Mãe da Divina Graça e a do Perpétuo Socorro; e 2 compartilham as Nossas Senhoras Mãe da Divina Graça e a Aparecida (Figura 1). Enquanto o roteiro percorrido pela Nossa Senhora Mãe da Divina Graça se limita ao conjunto residencial, o da Nossa Senhora Aparecida tem 8 membros externos e o da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tem um.

Dos agrupamentos domiciliares que recebem a visita da 'capelinha', 91 são de 'família' e 87 de 'não família'. Nos agrupamentos 'família', as visitações são maiores nos agrupamentos monoparentais com 52% destes, seguido dos casais com filho(s) com 33% e

casais sem filho(s), que representam 19% destes. Nos agrupamentos ‘não família’, as visitações são maiores nos domicílios unipersonais com 30%. Nos agrupamentos multipessoais, apenas 4% recebem a ‘capelinha’, no caso, trata-se de uma república de estudantes.

Não se pode afirmar que tal ritual doméstico a Nossa Senhora, figura feminina, seja uma prática apenas das mulheres. Há, todavia, a predominância de mulheres que se responsabilizam pelas ‘capelinhas’. Atrás de cada ‘capelinha’ existe afixado uma relação de nomes das pessoas responsáveis por elas e entre os 50 nomes do conjunto residencial, apenas um é nome de homem. Há que se lembrar que 5 domicílios recebem a visita de duas ‘capelinhas’. As três zeladoras também são mulheres. A república de estudantes que recebe a ‘capelinha’ é apenas de mulheres. Entre os domicílios unipersonais que recebem a visita de Nossa Senhora, todos são de mulheres com exceção de um. Também as famílias monoparentais que recebem a ‘capelinha’ são femininas, ou seja, de mães com filho(s). Outra tendência é que os lares visitados pelas ‘capelinhas’ (58%) possuem pelo menos uma pessoa idosa.

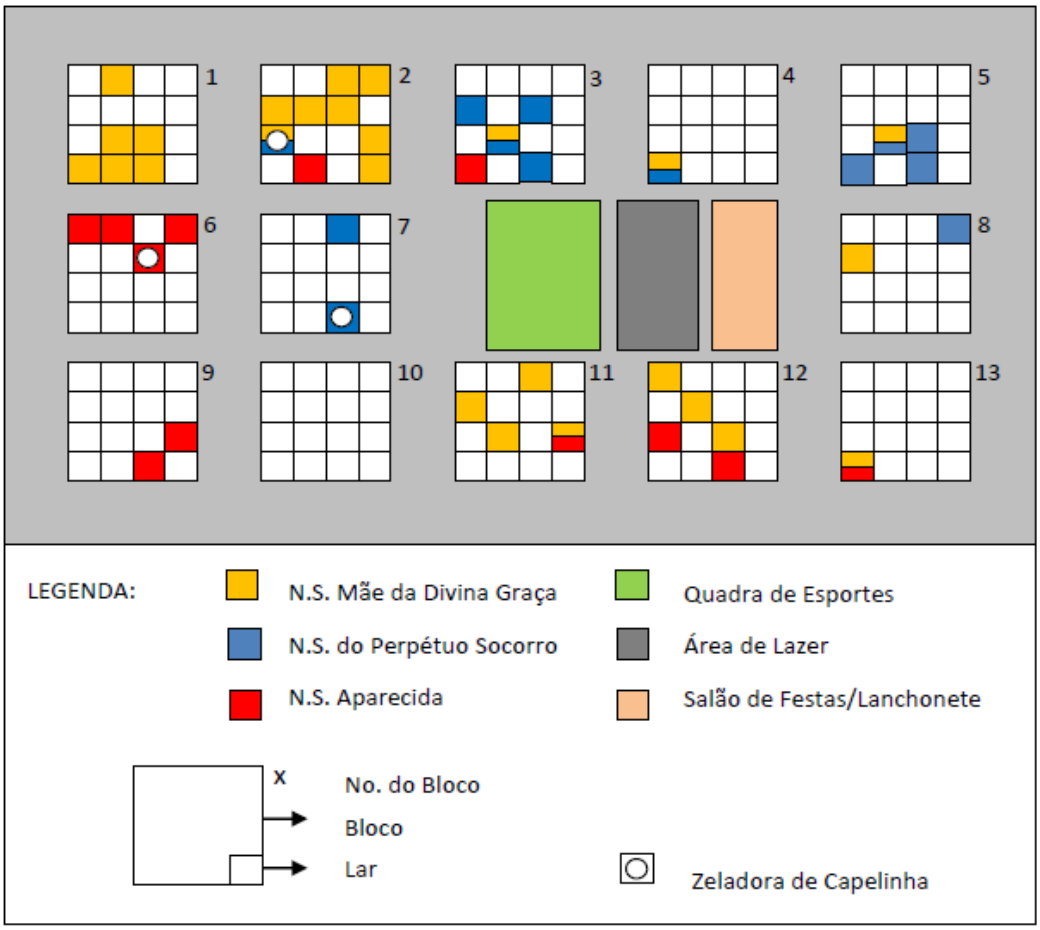
A ‘zeladora da capelinha’ Mãe da Divina Graça considera que essa sua atividade "É dificil porque as pessoas não colaboram, a gente fica atenta, porque a visita da capelinha é uma benção e todos esperam a visita." Ela relata que "As pessoas colaboram e mando um certo valor para a paróquia Santo Antônio todos os meses". A ‘zeladora da capelinha’ Nossa Senhora Aparecida acompanha o itinerário da capelinha dentro e fora do conjunto. Com relação às visitas dentro do condomínio, ela afirma: "Somos um grupo harmonioso, difícil encontrar os que moram sozinhos, mas mesmo assim temos pequenas reuniões esporádicas, entre os integrantes dos lares visitados”. A ‘zeladora da capelinha’ Nossa Senhora do Perpetuo Socorro aponta que "Dos lares visitados pouco sei, porque todos trabalham fora, nisto a capelinha às vezes fica parada dias no mesmo lar." Mas segue a conversa afirmando: "A capelinha para mim fortalece as amizades".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos conjuntos residenciais destinados às camadas mais populares, sobretudo naqueles com elevada densidade em função de serem verticalizados, os laços interpessoais apresentam certa continuidade ou estruturação, formando verdadeiros ‘Microcosmos’. Exemplos dessas interações são os laços religiosos, como é o caso das ‘capelinhas visitadoras de lares’. Essa interação perpassa estruturas formais da igreja católica, sendo o conjunto das comunidades de ‘capelinhas’ pequenas células que a dinamizam.

No Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado os laços religiosos e socioespaciais que se estabelecem a partir da prática das ‘capelinhas’ se estruturam a partir de três imagens de Nossa Senhora: a de Aparecida, a da Mãe da Divina Graça e a do Perpétuo Socorro. As ‘capelinhas’, embora se apresentem como um ritual doméstico, são também elementos aglutinadores de natureza religiosa cujo ‘cimento’ são as crenças católicas fomentadas a partir da Paróquia Santo Antonio, a qual o conjunto residencial apresenta-se territorialmente inserido. A prática desta fé, todavia, extrapola sua função religiosa uma vez que se apresenta também como fenômeno socioespacial neste ‘Microcosmo’. O caminho de cada Nossa Senhora reforça as redes de vizinhança e as relações entre pessoas, provocando até mesmo disputas por devotos.

Figura 1 – Lares visitados pelas ‘capelinhas’ de Nossa Senhora



Fonte: Zeladoras das Capelinhas em 06/2016 Org.: Pedrozo e Löwen Sahr, 2016

REFERÊNCIAS

LEITE, Elias. **Visita Domiciliária:** Nossa Senhora visita sua casa. 7ª. Ed. São Paulo: Ave Maria, 2012.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocação da Virgem Maria no Brasil**. 4ª. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

MÜLLER, Paulo. As capelinhas e o surgimento das comunidades. In: **Elo Comunitário**, v. 19, n. 198, jun. 2014. Disponível em:

http://www.vicariatodegravatai.org/pdf/140605_elo.pdf. Acesso em 20/07/2016. Acesso em 24/05/2016. Acesso em 24/05/2016.

PEDROZO, Sandro. **'Levantamento do Universo da Pesquisa' - Conjunto Residencial Raul Pinheiro Machado.** Ponta Grossa, 2016.

SCHERER-WARREN, I. (2006). Das Ações Coletivas às Redes de Movimentos Sociais. In: NPMS/UFSC. **Relatório do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais da UFSC.** Florianópolis: UFSC, p. 1-18, 2006.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DE PROJETOS - A BACIA DO ARROIO OLARIAS EM PONTA GROSSA-PR

Silvia Méri Carvalho

INTRODUÇÃO

Uma das temáticas que vêm sendo discutida no cenário educacional é o trabalho por projetos. Segundo Prado (2003, p.2) na pedagogia de projetos, "o aluno aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento". Muito além de uma opção metodológica o trabalho por projeto deve ser uma maneira de repensar a função da escola. Busca possibilitar ao aluno um modo de aprender baseado na integração entre conteúdos das várias áreas do conhecimento, bem como entre diversas mídias (computador, televisão, livros), integrando os saberes escolares aos saberes sociais.

Neste processo o professor deixa de ser um simples transmissor de conhecimentos e a partir da clareza da intencionalidade pedagógica, passa a atuar como mediador, levando o aluno a encontrar significado naquilo que está aprendendo, a partir das relações estabelecidas nas diversas situações propostas. De acordo com Silva e Tavares (2010) para se ter sucesso com o trabalho por projetos é necessário que o aluno assuma responsabilidade e autonomia. Ainda segundo este autores uma das propostas da pedagogia de projetos é o trabalho em grupo o qual tem o objetivo em compartilhar e construir o conhecimento.

Além da mudança da postura pedagógica a pedagogia por projetos busca o envolvimento dos alunos com experiências educativas que integrem seu conhecimento às práticas vividas. Ao se trabalhar no ambiente escolar com o tema Meio Ambiente, existe a possibilidade de se obter conhecimento e informação por parte da instituição educacional e dos alunos a respeito da compreensão da dinâmica ambiental, partindo da constatação dos problemas socioambientais e da análise da realidade local, como por exemplo aquela dos arroios urbanos. Como destacam Jukoski, Pimentel e Carvalho (2006, p.4): " Partindo-se da ideia de estudos em arroios urbanos, torna-se necessário que os alunos compreendam que os arroios fazem parte de um complexo maior, que são as bacias hidrográficas".

A bacia hidrográfica pode ser entendida como unidade de trabalho, seja para explorar aspectos ligados aos recursos hídricos, seja para produzir conhecimentos a cerca da caracterização ou da qualidade do solo, geologia, relevo, vegetação, fauna, uso da terra, clima, impactos ambientais, modelos de gestão, entre outros. A bacia hidrográfica apresenta-se como um instrumento didático capaz de proporcionar uma visão e a compreensão geral de todas as funções, relações e características ambientais (JUKOSKI, PIMENTEL e CARVALHO, 2006).

OBJETIVOS

O objetivo deste texto é relatar as experiências vividas, enquanto docente da disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação Geográfica II, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, a partir do emprego da pedagogia de projetos.

Objetivos específicos:

a) Reconhecer a importância do ensino por projetos como metodologia que auxilia o processo de ensino-aprendizagem;

b) Caracterizar os aspectos físico-sociais da bacia hidrográfica do Arroio Olarias;

c) Reconhecer por meio da interpretação ambiental as interações e pressões sobre a bacia hidrográfica do Arroio Olarias

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas junto aos alunos do 3° ano do curso de Licenciatura em Geografia, na disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação Geográfica II. Foi escolhida como unidade de trabalho a Bacia do Arroio Olarias em cuja área foram retomadas as obras objetivando a continuidade do projeto da construção do Lago de Olarias.

As etapas compreenderam: Sondagem, Pesquisa bibliográfica, operacionalização, trabalho de campo e síntese.

- Sondagem: foram listadas algumas questões para motivar a reflexão dos alunos a cerca das informações que tinham sobre a bacia e instigá-los a identificar as características e problemas presentes na Bacia do Arroio Olarias.

- Pesquisa Bibliográfica: foram disponibilizados para consulta, através do *onedrive*, um serviço de armazenamento na nuvem da *Microsoft*, diversos materiais bibliográficos, tais como, trabalhos de conclusão de curso, Dissertações de mestrado, artigos científicos, páginas de redes sociais, entre outras.

-Operacionalização: nesta fase ocorreram a montagem dos grupos e organização dos dados por temáticas, envio de material para consulta e apresentação das informações gerais sobre o trabalho. Posteriormente encontro para elaboração de material para apresentação, além de apoio em horário de contra turno por tema.

- Trabalho de campo: realizado em uma tarde com a finalidade de familiarizar os alunos com a realidade do grupo e do meio em que vivem.

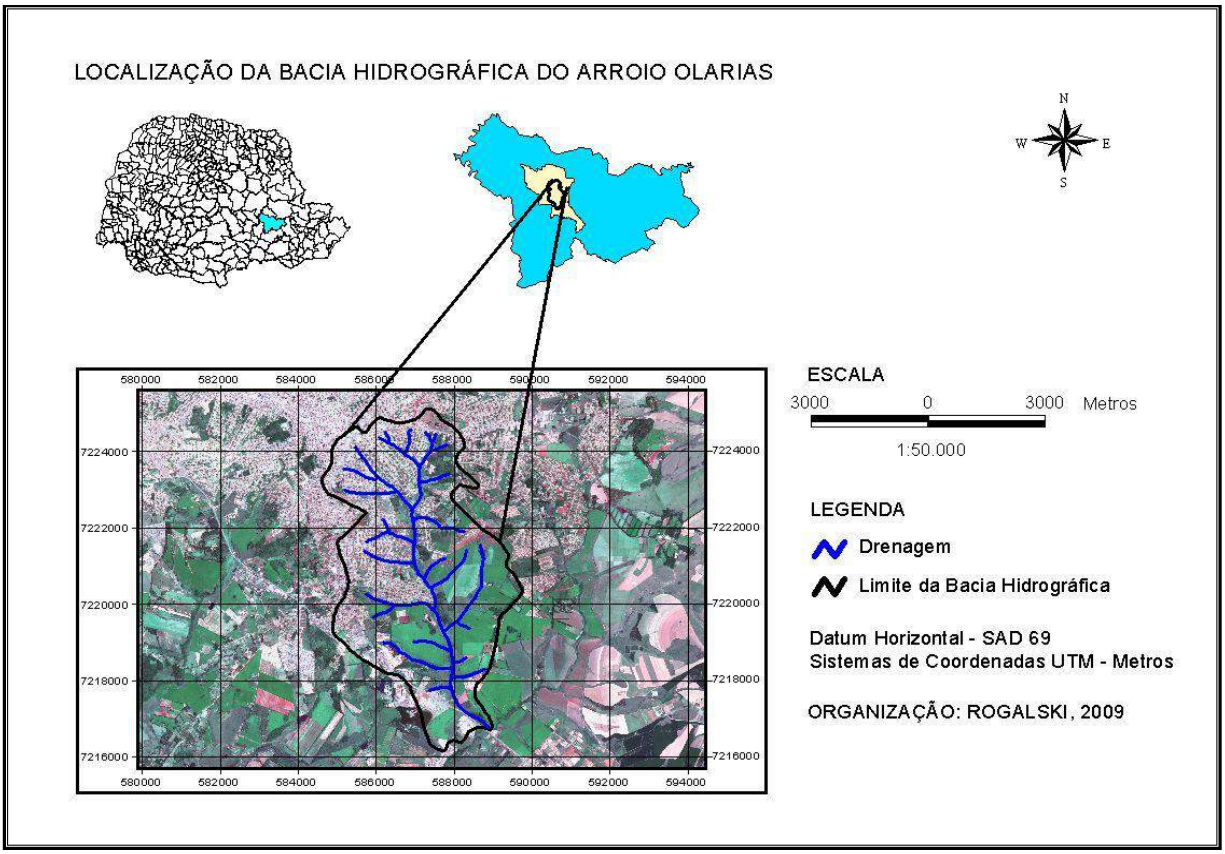
- Síntese: foi acordado que o trabalho final seria apresentado tanto impresso quanto em foram de uma exposição ou mostra. No caso do trabalho impresso foram informados os elementos essenciais e com relação à exposição foram indicadas as seguintes formas de apresentação: banner; maquete, exposição de fotos, power point, vídeos e cartilha.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A bacia hidrográfica do arroio Olarias está localizada na porção centro-sudeste do município (Figura 1), entre as coordenadas UTM/ SAD69 - 693172/7215231 e 589079/7225541, Fuso 22 J e possui uma área de 2.711,77 ha com uma população de 70.099 habitantes (ROGALSKI e CARVALHO, 2010). Segundo estes autores o arroio Olarias é

afluente da margem direita do rio Cará-Cará, apresenta uma rede de drenagem dendrítica e é classificado como de 4ª ordem.

Figura 1- Localização da Bacia hidrográfica do Arroio Olarias em Ponta Grossa-PR



A fim de aproximar os alunos da realidade do grupo por meio da observação direta e registros fotográficos da área, foi organizado trabalho de campo cujo roteiro contou com sete pontos de observação (Figura 2). O primeiro ponto iniciava na própria universidade onde foram distribuídos materiais de apoio (mapas) para acompanhamento do roteiro. O segundo ponto visou proporcionar uma vista panorâmica da Bacia do Arroio Olarias; o terceiro ponto permitiu a observação das margens do Arroio de Olarias próximo às nascentes; o quarto ponto proporcionou a visualização de área com cicatrizes no relevo; o quinto ponto permitiu o acompanhamento de parte do curso principal do Arroio Olarias; o sexto ponto abriga uma antiga pedreira e favorece a percepção de sérios problemas ambientais, sobretudo aqueles ligados a poluição do curso d´água. Finalmente o sétimo ponto permitiu o acompanhamento *in loco* das obras para ligação entre o Jardim Estrela do Lago e Jardim Barreto, além das obras para a formação do Lago de Olarias.

Com relação a organização dos grupos e formas de apresentação foram feitas propostas fechadas aos alunos, embora o ideal seria, em caso de maior disponibilidade de tempo, que os próprios alunos escolhessem as temáticas e a forma de apresentação mais conveniente.

Ao grupo 1 foi atribuída a temática *Localização e subdivisões da bacia* e a forma de apresentação, banner. Foram incorporados o mapa de localização, rede de drenagem, a divisão de bairros, além do mapa hipsométrico.

O grupo 2 ficou encarregado das *Características físicas da bacia* e a forma de apresentação indicada foi a maquete. Além das curvas de nível também foram representadas as classes de uso e ocupação da terra.

Figura 2- Pontos de observação no trabalho de campo- Bacia do Arroio Olarias-Ponta Grossa-PR

Org: a autora

O grupo 3 ficou encarregado das *Características Socioeconômicas*, como população residente, infraestrutura, que deveriam ser apresentadas por meio de *power point* e gráficos.

Já o grupo 4 teve a incumbência de tratar do *Projeto do Lago de Olarias* usando o vídeo como forma de apresentação de tais informações. Este grupo utilizou imagens do local assim como entrevistas com moradores e um representante do órgão de planejamento ligado à Prefeitura Municipal.

O grupo 5 por sua vez deveria tratar da temática *Interpretação ambiental* e apresentá-la por meio de fotos. Este grupo organizou as fotos em eixos temáticos abrangendo a degradação do solo, as ocupações irregulares, os resíduos, a sensibilização e a valorização imobiliária.

O sexto e último grupo deveria elaborar uma Cartilha de boas práticas, usando material impresso. A cartilha foi pensada de uma forma a chamar a atenção para os problemas ambientais presentes no arroio, por meio de textos e atividades que retratavam desde a ausência em muitos pontos de Área de Preservação Permanente, a qualidade da água, os processo erosivos, a alimentação saudável, as queimadas, o projeto do Lago de Olarias.

Após a preparação inicial do material e posterior apresentação e discussão com as professoras responsáveis pelo assessoramento de cada grupo, foi realizada apresentação em sala de aula e cada grupo teve a oportunidade de apresentar sua produção e conhecer o trabalho dos demais grupos.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência foi bastante positiva, pois os alunos foram mobilizados para a investigação de problemáticas e situações da realidade local. Vários grupos tiveram uma ótima resposta às situações apresentadas, utilizando de criatividade para alcançar os objetivos propostos. Além de conhecer as características físicas da bacia e a realidade socioeconômica da população que ocupa esta área, um dos grupos destacou as diferentes formas como a população que vive muito próximo do arroio, tem sido tratada, sobretudo quando o assunto é a desapropriação de suas residências e a realocação para outros conjuntos habitacionais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUKOSKI, B.**;** PIMENTEL, C. S.**;** CARVALHO, S. M. Arroios urbanos: proposições para trabalho com educação ambiental**.**. IX EPEA - Encontro Paranaense de Educação Ambiental. Guarapuava-PR, setembro de 2006. p 1-10.

PRADO, M. **Pedagogia de Projetos**. Série "Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias" - Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003. p. 1-14.

ROGALSKI, S. R.; CARVALHO, S. M. Dinâmica do uso e ocupação da terra a bacia hidrográfica do arroio Olarias, Ponta Grossa-Pr, entre 1995 e 2005. **Revista Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.4, n.2, p.273-284, jul./dez. 2010.

SILVA, L. P.; TAVARES, H. M. Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 236-245, 2010.

A CRIMINALIDADE E A SEGURANÇA PÚBLICA EM CIDADES FRONTEIRIÇAS: O CASO DE GUAÍRA (BR) E SALTO DEL GUAIRÁ (PY)

Arnaldo José da Luz[1]
[1]Discente do curso de Pós-Graduação em Geografia - Doutorado em Geografia; Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); e-mail: arnaldo506@gmail.com. Orientador: Prof. Dr. Edson Belo Clemente de Souza.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, fragmento da tese de doutorado intitulada de "A segurança na fronteira: o papel do BPFron no estado do Paraná", tem como tema debater a atuação da criminalidade e quais são os impactos da ação do crime sobre a segurança pública na região da fronteira, tendo como recorte espacial o município de Guaíra, no estado do Paraná, Brasil.

Apresenta como problemática a dinâmica das fronteiras que se entende aqui como mais vulneráveis aos problemas relacionados com a segurança pública, principalmente no que se refere ao tráfico de drogas e armas, quando comparadas com as demais cidades.

A escolha do tema se justifica pela importância das fronteiras no contexto da segurança pública regional, neste caso da cidade fronteiriça de Guaíra.

Becker (2007, p. 20) afirma que fronteira deve ser compreendida como "[...] um espaço não plenamente estruturado e, por isso mesmo, potencialmente gerador de realidades novas [...]". Por isso mesmo, elas podem coexistir, dependendo das suas atividades econômicas contextualizadas num mesmo território. A fronteira marca uma soberania entre um estado e outro. O governo de um estado tem autoridade dentre dos limites de suas fronteiras. O que acontece do outro lado, ainda que a poucos metros de distância, está fora de sua competência, desde que não interfira nos interesses nacionais.

Nesta região da fronteira se formam gigantescas "redes do tráfico" e por ser grande a extensão da fronteira ao longo do rio Paraná, o controle deste território pelas forças de segurança é dificultado. O tráfico adquire uma flexibilização de ligação entre diferentes pontos do território que cria uma rede que permeia esse território até mesmo ao nível internacional.

Os crimes mais combatidos na fronteira são o contrabando, principalmente de cigarros, e o descaminho[2]. A circulação de cigarros pela fronteira, ou seja, a entrada dos mesmos no Brasil, quando considerado o Código Penal (CP) brasileiro se configura como contrabando, pois além de ser uma mercadoria importada, afetando a arrecadação de impostos pelo Estado, afeta a saúde pública e a atividade industrial.

O contrabando de drogas ilícitas e armas também são combatidos constantemente pelas forças de segurança que atuam na fronteira. As drogas mais apreendidas são a maconha, transportadas em grandes quantidades, seguida da cocaína, craque e haxixe.

As apreensões de maconha ocorrem em maior número devido a produção e a logística dessa droga ser menos onerosa para os traficantes na articulação de suas redes criminosas quando comparada com a cocaína, por exemplo.

O plantio da maconha é realizado no Paraguai ocupando centenas de hectares de terras e empregando pessoas simples e humildes que se sujeitam aos trabalhos com pequenos salários devido as más condições econômicas daquele país. Dentro desse quadro e das necessidades da população paraguaia percebe-se que são buscadas O plantio da maconha é realizado no Paraguai ocupando centenas de hectares de terras e empregando pessoas simples e humildes que se sujeitam aos trabalhos com pequenos salários devido as más condições econômicas daquele país. Dentro desse quadro e das necessidades da população paraguaia percebe-se que são buscadas as mais diversas formas de trabalho pelas populações da região, seja formal ou informal, ou até mesmo de fontes ilícitas.

Devido a grande quantidade de droga produzida no território paraguaio, o não acesso das forças de segurança do Brasil as áreas de origem no Paraguai e a grande dimensão da área de circulação pela fronteira, sejam por rotas terrestres ou aquáticas, fica dificultado o controle da criminalidade por parte das forças de segurança.

OBJETIVOS

Analisar a segurança pública na fronteira do Brasil com o Paraguai, sobretudo no município de Guaíra com Salto del Guairá;

Averiguar os crimes de maior incidência na fronteira e seus impactos sobre os municípios em questão.

METODOLOGIA

Optou-se por enfatizar o tráfico de drogas e armas, contrabando de cigarros e descaminho como referências de análises de crimes pelo expressivo registro de apreensões, haja vista os dados estatísticos fornecidos pelos órgãos fiscalizadores.

Os métodos utilizados foram consultas em sites, como o da Secretaria de Segurança Pública do estado do Paraná (SSP-PR), Polícia Militar do Paraná (PM-PR), órgãos da Receita Federal e Estadual, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outros. Trabalho de campo com visita a cidade analisada, assim como o levantamento de dados e notícias na mídia local forneceram dados que subsidiam esta pesquisa, dentre outras fontes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho faz parte de um estudo sobre as dinâmicas das fronteiras, em especial a fronteira Brasil-Paraguai e a cidade de Guaíra neste contexto. Evidencia-se a formação das redes criminosas nesta região específica e como atua a segurança pública no município, margeada pelo rio Paraná.

O município de Guaíra (BR) é considerado também uma cidade-gêmea[3] com Salto Del Guairá, no Paraguai (PY). Além de fortalecer o comércio entre esses dois municípios, com a criação das cidades-gêmeas se fortalece políticas públicas conjuntas, que tratam de

dificuldades e perspectivas comuns aos dois lados da fronteira. A figura 1 mostra o posicionamento do município de Guaíra e de Salto Del Guairá, separados pelo rio Paraná.

Figura 1. As cidades-gêmeas de Guaíra (BR) e Salto Del Guairá (PY)

Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/ra/pequena/Pub/GP/p4/2015/08/03/Mundo/Graficos/Vivo/conflito%20paraguai.pdf Acessado em 17/11/2016.

Em trabalho de campo constatou-se que existem duas opções principais de acesso entre esses municípios: i) a travessia pela Ponte Ayrton Senna, que com veículo demora cerca de uma hora para percorrer os vinte quilômetros de Guaíra, percorrendo oito quilômetros pelo município de Novo Mundo (MS), até o Paraguai, sendo que esse tempo pode aumentar ou diminuir dependendo do congestionamento. A empresa Translago S.R.L. faz o transporte de ônibus saindo da rodoviária de Guaíra até o Centro de Lojas do Paraguai. São cinco rotas realizadas diariamente; e ii) a travessia de balsa leva cerca de vinte minutos, desde a margem esquerda do rio Paraná até atracar na margem direita em Salto Del Guairá. São seis travessias por dia.

Constatou-se que a fiscalização na travessia com a balsa é menos rígida do que pela Ponte Ayrton Senna, desde que não se esteja portando grandes volumes de mercadorias. Talvez aí esteja uma das fragilidades na segurança pública desta localidade, que ciente de menor rigidez os contrabandistas e traficantes se arriscam mais para atravessar com drogas[4] e armas pela balsa.

A dimensão do rio Paraná, ao longo do município de Guaíra, é um facilitador para as atividades criminosas, pois o efetivo do policiamento não é suficiente para atender de toda demanda necessária para conter os crimes praticados ao longo do rio, com mercadorias ilícitas, como as drogas e armas, que entram no município de Guaíra. Uma parcela oriunda do tráfico e contrabando fica no próprio município e uma quantidade segue rumo para os demais municípios paranaenses.

Os municípios de Guaíra (BR)[5] e Salto Del Guairá (PY)[6] se destacam por serem áreas de economias informais, até mesmo ilegais. Esta situação é reflexo do baixo grau de industrialização na região. As atividades agropecuárias empregam trabalhadores em períodos temporários, as empreitadas, como em épocas de colheitas, por exemplo.

Diferentemente de Guaíra-BR, não há dados disponíveis nos órgãos oficiais do Paraguai, sobre o município de Salto Del Guairá no que se refere as atividades agropecuárias, industriais, comerciais e prestadoras de serviços. Quando se tem, é pelo ano de 2002 e referente ao Departamento de Canindeyú, mesmo o censo de 2012 do país ainda não está disponível para consulta. Assim não foi possível a obtenção dos dados para realizar uma caracterização das atividades econômicas deste município no momento atual.

Entretanto, é importante ressaltar que Salto Del Guairá conta muito com seu comércio, e especialmente com as lojas de autosserviço. Em 2012 o município foi o que mais cresceu economicamente no Paraguai, segundo a Municipalidad de Salto Del Guairá. O crescimento se deve principalmente dos investimentos privados que foram realizados a partir do início do século XXI, pois praticamente não houve investimentos do governo paraguaio na cidade.

De acordo com a Municipalidad de Salto Del Guairá, a cidade teve em 2013 o total 1212 estabelecimentos comerciais funcionando, cuja maioria localiza-se na Avenida Paraguay, principal avenida da cidade, e em seus Shoppings Center, galerias, lojas especializas, lojas de departamento e autosserviços. Na entrada da cidade e em algumas ruas perpendiculares à avenida principal também se encontram atividades comerciais. Tem-se ainda casas de câmbio, postos de gasolina, cassinos, hotéis, bancos, restaurantes locais e de franquias multinacionais, como Burguer King e Mc Donald's. Também há os ambulantes, os vendedores de rua, que em Salto Del Guairá não são legalizados. Vale ressaltar que em Salto Del Guairá o estacionamento de rua é controlado por fiscais da Municipalidad, e é cobrada uma taxa de 6,00 reais por dia, podendo parar em qualquer parte da cidade (PETRI, 2013).

Dentro do quadro de políticas de segurança pública de Guaíra está inserido o Batalhão de Polícia de Fronteira (BPFron). O BPFron é responsável pelo policiamento ostensivo preventivo fardado, para a preservação da ordem pública e operações diversas para emprego em região de fronteira do Brasil com o Paraguai e Argentina. Também atua no recobrimento das unidades já instaladas e apoiando outras forças de Segurança Pública. O objetivo principal é prevenir e reprimir a prática de crimes transfronteiriços, conforme diretrizes do Comandante-Geral da Polícia Militar (SESP/PMPR, 2016).

O BPFron se caracteriza como um Batalhão de implantação recente, e devido a isso ainda em fase de aperfeiçoamento. É um dos vinte e sete Batalhões vinculados a Polícia Militar do Estado do Paraná. São 139 municípios que estão sob a área de atuação do BPFron, nas mesorregiões oeste e sudoeste paranaense, divididos em três companhias. No município de Guaíra foi instalada a 2ª Companhia do BPFron.

Foram mapeadas notícias sobre as ações do BPFron no município de Guaíra-PR. Este trabalho serviu para dar um maior embasamento empírico a pesquisa. O intuito deste levantamento foi mostrar como o BPFron realiza seu controle territorial diante da criminalidade na fronteira, mostrando quais são os benefícios para a sociedade em geral quando são retirados as drogas e os criminosos de circulação e o papel da imprensa ao trazer para o conhecimento de todos as informações da rotina desta unidade de polícia. Abaixo seguem dois trechos das reportagens sobre a atuação do BPFron.

Durante patrulhamento pela área central da cidade de Guaíra, no dia 14/07/2016, uma equipe do BPFron avistou no interior do terminal rodoviário, uma moça com atitudes suspeitas. Realizada a abordagem policial, foi localizado com uma jovem paraguaia 7,5 kg de haxixe (Portal Guaíra, 2016). A reportagem ilustra a ação do BPFron que dentro de sua rotina policial faz abordagens, prisões e apreensões de drogas e armas com pessoas suspeitas. Neste caso uma moça que atuava a serviço do tráfico de drogas.

Durante um patrulhamento na zona rural de Guaíra, no dia 18/07/2016, uma equipe do BPFron avistou um veículo em atitude suspeita que ao se deparar com a viatura empreendeu fuga. O carro foi abandonado adiante, sendo encontrado no interior do veículo 32 tabletes de maconha, totalizando 26 kg de maconha (Portal Guaíra, 2016). A reportagem mostra uma perseguição dos policiais do BPFron a pessoas suspeitas de estarem cometendo crimes. Ao final da perseguição foram apreendidas e retiradas de circulação 26 kg de maconha.

Nos parágrafos acima foram registradas notícias da mídia local (Portal Guaíra) sobre as ações do BPFron em Guaíra. Percebe-se que são as mais diversas atuações do BPFron, desde prisões de pessoas portadoras de drogas, praticantes do tráfico, apreensões de veículos com drogas, pessoas com armas até a recuperação de carros roubados.

É clara, por meio dessas informações disseminadas pela imprensa de Guaíra, que a atividade do tráfico de drogas e armas é relevante nessa cidade fronteiriça. Assim como produtos contrabandeados do Paraguai, como cigarros e bebidas, que posteriormente seriam vendidos nas cidades paranaenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notada a atuação da criminalidade pela região da fronteira. Os municípios fronteiriços, como Guaíra, que estão a poucos quilômetros do Paraguai, produtor de algumas drogas, como a maconha, sofrem impacto direto da circulação das drogas pelo seu território.

A circulação do contrabando de armas também se caracteriza como um grave problema a ser combatido pelas forças de segurança, pois com essas armas em circulação aumentam as práticas de violência, como os homicídios, decorrentes de assaltos e acertos de contas entre traficantes, grupos rivais, e usuários

A dificuldade das forças de segurança de se controlar essas drogas e armas que entram no território brasileiro pelas cidades de fronteira, especialmente pela geografia regional que se apresenta favorável ao tráfico e contrabando, uma vez que controlar toda a grande extensão do rio Paraná na fronteira com efetivo reduzido é uma missão complexa aos policiais do BPFron, da Polícia Federal e da Receita Federal.

As políticas de segurança pública devem concentrar cada vez mais esforços em realizar investimentos, tanto no efetivo policial, quanto em equipamentos tecnológicos como barcos e *drones* a serem utilizados a favor da segurança dos municípios fronteiriços. O incentivo a geração de empregos também seria uma das soluções para combater a criminalidade no município de Guaíra.

[2] O artigo 334 do Código Penal brasileiro menciona os crimes de contrabando e descaminho. Embora eles estejam no mesmo artigo, são crimes distintos e quase sempre confundidos. Contrabando é a entrada ou saída de

produto proibido, ou que atente contra a saúde ou moralidade. Já o descaminho é a entrada ou saída de produtos permitidos, mas sem passar pelos tramites burocráticos-tributários devidos.

[3] O conceito de cidades-gêmeas, definido pelo Ministério da Integração (MI) do Brasil em 2014, reconhece municípios situados na linha de fronteira, seja seca ou fluvial, integrada ou não por obras de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural. A definição só é válida para as cidades que tenham, individualmente, uma população superior a dois mil habitantes.

[4] Conforme a Polícia Federal (PF) 80% da maconha produzida no Paraguai é destinada ao Brasil.

[5] Em 2015, Guaíra contava com 30.704 habitantes (IBGE). Localiza-se à margem esquerda do Rio Paraná no extremo oeste do Estado. Foi declarada como município em 1952 resultando dos interesses do governo federal em aumentar o controle da divisa com Salto Del Guairá - Paraguai e com Mundo Novo (MS).

[6] Salto Del Guairá possui uma população de cerca de 12.000 habitantes. Pertence ao departamento de Canindeyu e conta com 145.841 habitantes, estando 83% destes, também localizados nas áreas rurais. DGEE/STP, dados referentes ao ano de 2007. Disponível em: <http//:www.dgeec.gov.py> . Acesso em 04 de outubro de 2010.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, B. K. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 172 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações estatísticas/**Perfil das cidades.** IBGE, 2016.

PETRI, N. M. **Dinâmica da aglomeração urbana Transfronteiriça de Guaíra-PR e Salto Del Guairá-PY.** Trabalho de Conclusão de Curso: Londrina-PR, 2013.

SECRETARIA DO ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA/POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. BPFron – **histórico**. Curitiba: SESP/PMPR, 2016.

CARACTERIZAÇÃO GEO-CARTOGRÁFICA DA AREA DISTRITAL DE ITAIACOCA E PRINCIPAIS PONTOS TURISTICOS

Evelyn Stocco (PIBIC Araucária)[1]

John Lenon de Goes (PROVIC)[1]

[1]Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências/Ciências Exatas e Naturais

Palavras-chave: Distrito Municipal, Inventario Turístico, Itaiacoca**.**

RESUMO

O objetivo desse trabalho consiste em Investigar os aspectos históricos e geográficos do lugar para elaboração de um material geocartográfico de divulgação junto aos setores municipais de educação, turismo e transportes. Como procedimento metodológico foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais, saídas de campo, coleta de imagens e material cartográfico. Os dados obtidos, foram compondo um acervo de informações numa espécie de inventário sobre o lugar que permitirá a produção de matérias passiveis de serem utilizados na comunidade sobretudo para fomentar o setor de turismo, tais resultados serão socializados em eventos científicos, especialmente encontro de iniciação cientifica e semana de geografia, além de estar sendo buscado recursos para a ampla divulgação, impressa e/ou audiovisual**.**

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que tem como objeto o estudo da organização espacial. Por sua vez está em constante parceria com outras áreas, contribuindo com seus conhecimentos e instrumentais. O turismo é uma área em constante expansão no contexto atual, contudo, em Ponta Grossa carece de um maior dinamismo, principalmente com relação ao eixo da região do Distrito de Itaiacoca, que apresenta um rico potencial turístico em diferentes segmentos. Como o distrito foi o início da cidade de Ponta Grossa, com os templos religiosos dos jesuítas e com as fazendas que se instalaram por volta das capelas dos jesuítas a cidade foi se expandindo, mas alguns templos jesuítas, como o Buraco do Padre, a Cachoeira da Mariquinha e a capela Santa Barbara, acabaram ficando no distrito sem o devido cuidado do patrimônio histórico e a mercê de margina e do desgaste ambiental, mas com o turismo a região foi valorizada. Contudo acredita-se que com uma maior divulgação da região por meios educacionais e no setor de turismo Itaiacoca será mais valorizada, conquistando mais fomento no sentido de preservação das paisagens naturais e também das manifestações culturais próprias do lugar. Esse estudo faz-se ainda necessário para caracterizar o espaço em seus aspectos geográficos: geologia, geomorfologia, vegetação, atividades econômicas, e ainda resgatar as origens históricas de Ponta Grossa. Para favorecer os deslocamentos na região foi feito um levantamento dos pontos turísticos naturais, de eventos religiosos e festivos, e também gastronômico, identificando-os através do mapeamento acompanhado de uma breve descrição de cada localidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização da presente pesquisa foram realizadas leituras bibliográfica e documentais sobre o surgimento do município que tem muito a ver com a região de Itaiacoca, na época reconhecida como Pitangui. Também foi necessário fazer um levantamento de materiais cartográficos existentes (croquis e cartas topográficas) e recursos das geotecnologias, Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e Sensoriamento Remoto (SR) e Internet (Google Earth e Google Mapas) para planejar o processo de mapeamento a partir das localizações realizadas online e também a partir do processamento de imagens digitais, orto imagens da prefeitura com escala 1:10000 da área rural do município, com o auxilio dos croquis recebidas da comunidade, foi locazadas estas localidades nas fotos com o uso dos softwares ArcGIS versão 10.1 e o QGIS versão 2.14. Arquivos do Plano diretor Municipal de 2006, foram utilizados como base para a elaboração do mapeamento. As 3 Saídas de Campo serviram não só para confirmar os pontos de coordenadas como também para favorecer a análise e compreensão total da pesquisa. Os Materiais utilizados foram ainda do âmbito fotográfico que permitiu a produção de um vídeo explicativo sobre os pontos turísticos e as localidades ao redor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante este primeiro semestre de pesquisa intitulada "Caracterização Geo-Cartográfica da área distrital de Itaiacoca" foi possível coletar junto aos moradores um croqui das sessenta comunidades existentes no Distrito, o que permitiu mapear as localidades através do sistema ArcGis, confirmadas em campo com uso de GPS.

Figuras 1 e 2: croquis fornecidos pela comunidade

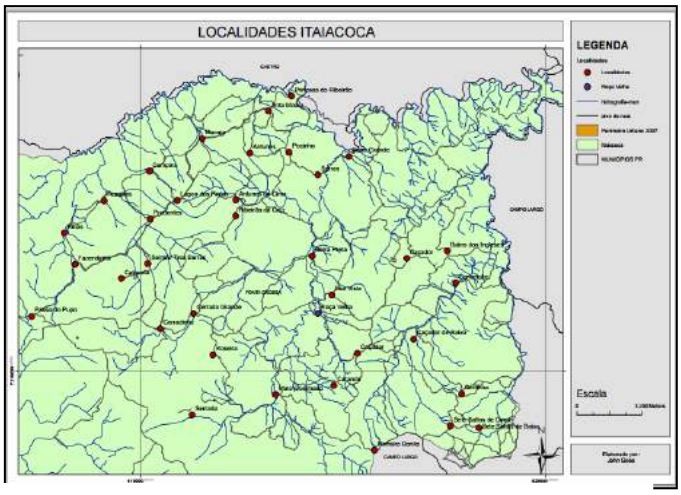


Figura 3: mapa das localidades de Itaiacoca

Produzido por John Lenon de Goes

No aspecto documental, e para os locais não possíveis de localizar pela hidrografia, foi feita a demarcação *in loco*, com o uso de instrumentos de GNSS; foi utilizado um Garmin Etrex Legend, para a demarcação das coordenadas destes pontos de turismo, para serem mapeadas com precisão., foram capturadas as coordenadas de algumas áreas sbterrâneas do municipio, outras foram geradas a partir de um documento da APPAC do processo de tombamento destas cavidades, documento contendo coordenadas. Também foram realizados contatos com pessoas que tem informações sobre a história do lugar, bem como possuem grande participação na vida comunitária, podendo relatar festas e modos de organização da sociedade local. As informações compuseram um banco de dados que serviu para se pensar a propositura dos mapas temáticos como: vias de acesso, pontos de visitação turística, áreas de eventos festivos e religiosos. Também será apresentado através deste banco de dados as áreas de geração de empregos ligadas à exploração vegetal e mineral, além dos serviços rurais. O projeto teve como alteração a necessidade de tirar o foco geral nas questões de mapeamento das vias de circulação para um enfoque mais generalizado e pedagógico, uma vez que houveram necessidades de instrumental tecnológico para campo em longo tempo e isso não foi possível, fazendo-se necessário repensar sobre o que poderia ser feito com o material existente. A maior dificuldade encontrada durante o desenvolvimento deste trabalho são as carências dos aparelhos em não possuírem memória suficiente fazendo com que os programas instalados, como o ArcGis e QGIS, necessário ao procedimento do trabalho não funcionassem com tanta precisão. Também a internet na maioria dos dias não funcionava dificultando a realização do trabalho com maior agilidade, conforme esperado. Houve ainda a falta de um auxílio maior para o deslocamento até o local da pesquisa, pois na região não há transporte público, utilizamos muitas vezes o transporte particular para os deslocamentos pelo distrito.

CONCLUSÕES

Concluímos que este trabalho resultou em um desenvolvimento de informações úteis para o setor turístico e educacional, além de uma exposição da região que está abandonada por parte dos governantes. O aumento da popularidade da região poderá contribuir para potencializar o turismo mantendo a preservação das riquezas do lugar, pois como afirma a frase “aquilo que se conhece se preserva” as pessoas que visitarem a região e conhecerem vão tomar o cuidado

com o ambiente e irão preservar para as futuras gerações. Além disso conhecer a economia que a região desenvolve e a grande diversidade biológica e o banco de dados feito durante a pesquisa irá auxiliar as pessoas no momento que chegarem ao centro de informações turísticas de Itaiacoca, podendo atrair novos investidores. As informações de modo geral serão de extrema utilidade para o campo educacional permitindo que mais pessoas conheçam as informações de uma localidade distrital de vital importância para o município desde os tempos de sua ocupação. Espera-se no futuro retomar estes trabalhos trazendo novas contribuições e dentro de uma perspectiva de maior interesse público e político que permita fazer com que as localidades mais periféricas também sejam reconhecidas e valorizadas, fazendo parte do todo municipal. Tal pesquisa pode contudo, de modo particular contribuir com as experiências enquanto acadêmica em iniciação científica que lança seu olhar sobre o espaço vivido tecendo análises que articulam a teoria vista em sala de aula, encontradas nas referências bibliográficas com a realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar nessa jornada acadêmica, a minha família que sempre me deu total apoio, a fundação Araucária pelo incentivo a pesquisa durante a formação acadêmica e a minha professora doutora Adriana Salviato Uller.

REFERÊNCIAS

AMCG. Associação dos Municípios dos Campos Gerais. Disponível em : http: www.amcg.com.br

BOWLES, H. L. Jacu Rabudo: a linguagem coloquial em Ponta Grossa. Ponta Grossa: Ed. Toda Palavra, 2005.

CHAVES, N. B. Visões de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Ed. UEPG, 2001. FUMTUR. Fundação Municipal de Turismo. http:www.pontagrossa.pr.gov.br/fumtur

MARTINELLI, M. Mapas de Geografia e Cartografia Temática. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MATIAS, L. F. Geotecnologias e patrimônio arquitetônico: potencialidades no mapeamento e análise para fins turísticos.

IN:PAES, M. T. D. & OLIVEIRA, M. R. S. Geografia, turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Ed. Anna Blume, 2010.

MELO, M. S; MORO, R. S; GUIMARAES, G. B. Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná . Ponta Grossa: Ed. UEPG,2008.

NA PAISAGEM TEMOS LUGAR, NO LUGAR TEMOS PAISAGEM: RELATOS EPISTEMOLÓGICOS INICIAIS

Everton Miranda[1]

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG, email: miranda13em@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato epistemológico tem como objetivo expressar em notas breves a relação dos conceitos de paisagem e lugar, esboçando ambos os conceitos em uma pequena discussão epistemológica numa vertente humanista cultural da geografia.

Vê-se neste relato que os conceitos se entrelaçam para expressar à essência do sujeito e o sentido de pertencimento a paisagem e ao lugar. E, em suas entranhas permeiam discussões sobre o mundo vivido e a topofília, como estes caminham dentro da paisagem e do lugar para ressaltar a essência do sujeito e o pertencimento a paisagem e lugar.

Este relato é resultado das discussões em sala de aula da disciplina Tópicos Especiais I – Geografia: conceitos e temas, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2016.

A metodologia tem sua base conceitual nas experiências do aluno em frente às aulas da disciplina, e também em leitura de textos relacionados ao tema proposto.

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS – PALAVRAS INICIAIS

Quando alguém fala da paisagem ou a escreve, primeiramente, em nossas mentes vem uma percepção de alguma cena, ou cena de algum lugar familiar a nós. As imagens e as percepções estão interligadas com a paisagem, desde o surgimento de sua termologia, a paisagem pelas pinturas de cenas de natureza, esta está consumada, repito, pelas imagens e percepções.

A paisagem não é um objeto que só lhe ganha forma e conteúdo pela visão, e nem é aquilo que os olhos conseguem abarcar em uma visada paisagística do espaço. A paisagem deve ser pensada além das imagens, e ir fundo em suas percepções buscando uma relação afetiva com as pessoas que a percebem.

De acordo com Vitte (2007) a paisagem carrega um imaginário cernido da construção de um coletivo de percepções e experiências. E articula processos de pertencimento do sujeito a um determinado ambiente e lugar. Assim, a paisagem está articulada com o simbolismo, os símbolos que os lugares emanam mediante das experiências das pessoas com ele, sem desconsiderar as temporalidades e as localidades.

Desta forma, a paisagem ganha uma marca e uma matriz (BERQUE, 2004) e representa uma pessoa ou um grupo de pessoas. Representa as localidades que as pessoas estão inseridas, a paisagem carrega o simbolismo desta representação. Compõe uma co-autoria de um lugar, nela encontraremos tanto a essência do sujeito quanto a essência da cultura, e a própria essência da paisagem.

Assim temos as formas e os lugares na paisagem e a sua representação na paisagem, dando uma identidade a paisagem e um ambiente simbólico. Deste caminho, marchamos para a ideia da morfologia da paisagem de Sauer (1998), que levanta questões tanto das morfologias quanto dos conteúdos presentes em uma paisagem. O autor em seu texto aborda que a paisagem expressa a relação entre homem e natureza, em que, esta relação indica um sentido de lugar à paisagem, dando significados e sensações a paisagem.

De acordo com Sauer (1998, p.49-50) "ela [paisagem] se torna conhecida através da totalidade de suas formas (...) [e] cada paisagem [é] uma combinação definidade de formas". Como esboçado antes, a concepção de paisagem deve ir fundo nas percepções afetivas ou íntimas das pessoas com ela. E é neste caminho que esta colocação de Sauer (1998) articula a concepção de paisagem, a percepção das formas e conteúdos presentes em uma paisagem, ou em outras palavras, as marcas e matrizes.

Deste percurso, trilhando rumo uma vertente humanista, temos Dardel (2015) pensando a paisagem por meio das geograficidades das pessoas. Uma paisagem conectada com o mundo vivido dos sujeitos. Uma paisagem articulada com a relação existencial do Ser na Terra, e levanta questões no ser-na-paisagem.

Segundo Dardel (2015, p.30) "muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma "impressão", que une todos os elementos". E o autor esboça que a paisagem exprime a questão da totalidade do Ser, as marcas e matrizes das ligações existenciais com a localidade que vive o sujeito. E neste ponto, entramos nas questões de sentimento de pertencimento a paisagem e no ser-na-paisagem. Assim sendo, "a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social" (DARDEL, 2015, p.32).

Neste ponto, como fazemos a ponte entre a paisagem e o lugar? Ou quando a paisagem ganha sentido de lugar? Sabendo que na paisagem temos a questão de pertencer a algo e a essência do Ser – o ser-na-paisagem. E ainda, sabendo que o lugar está relacionado com a presença do Ser, o pertencimento a um ambiente e aos símbolos do lugar.

Na paisagem temos a presença de lugar, um conjunto de lugar como, por exemplo: o banco na praça, o balanço em uma árvore, o portão de uma casa, etc. Esses lugares fazem parte da paisagem e tem um significado. O seu significado é subjacente em relação ao significado totalizante de uma paisagem. Entende-se que a paisagem também é vivida da mesma maneira que vive um lugar, mas suas extensões de vivências são diferentes, os seus significantes e significados são diferentes. Neste percurso, vamos de encontro com a ideia de paisagem de Dardel (2015) e de Holzer (1999) esboçando esta pelas vivências, e articulando-o com um "espaço espetáculo e espaço vivido" (HOLZER, 1999), a paisagem pela forma e aparência, adjetivos que expressam ao mesmo tempo marcas, conteúdo e percepções.

Assim, quando se vive a paisagem ela é o seu lugar. Repetimos, na paisagem temos lugar da mesma forma que no lugar temos paisagem. Um caminho para entender o sentido de lugar dentro da paisagem, é por meio das percepções afetivas, dos sentimentos topofílicos e pelo mundo vivido, quando naquela paisagem o significado de lugar é expressivo demais do que o próprio da paisagem. Assim, poderemos entender a presença do Ser e os símbolos do lugar.

Volvendo sobre a questão de que no lugar temos paisagem, temos os significados que caracterizam ambos (lugar e paisagem), contudo, a dimensão do significado no lugar é mais

palpável, podemos dizer concreto, do que na paisagem. Existe uma paisagem no lugar, e o próprio lugar. Tanto ambos mediados pelas experiências, formas e percepções. Sendo que, a intensidade dos significados pesa mais para o lugar do que para a paisagem. Não desconsiderando os significados que uma paisagem possui, mas, no sentido que estamos colocando aqui, os significados não estão totalmente intensos na paisagem, e sim no lugar. A paisagem neste contexto vira uma preferência de contemplação paisagística.

Como discutido em sala de aula, o conceito de lugar está relacionado com o sentimento de pertencimento, a significância do lugar e uma fenomenologia do lugar (MASSEY, 2008; SILVA, 1978). Assim, os lugares são coleções de sucessivas de histórias, tendo uma marca e um movimento (MASSEY, 2008).

O lugar possui sua visibilidade mediante sua significação para uma pessoa ou um grupo de pessoa. Esta visibilidade ou o próprio lugar está atrelado às formas e as aparências, não obstante, as marcas, aos conteúdos e as percepções que permeiam o lugar. Com isso, temos uma ontologia do lugar, a presença do Ser no lugar, e um lugar com identidade (SILVA, 1978).

Essa visibilidade como colocada por Massey (2008) também está atrelada com as essências do lugar, o aqui e o agora do lugar e o tempo no/do lugar. Colocação que expressa à relação do indivíduo com lugar, uma relação que possui tempo e significado. Uma relação que expressa à essência e a presença do Ser no lugar, como aponta Silva (1978) em questão a ontologia do lugar.

No lugar temos as experiências do sujeito com o lugar, e também com outros sujeitos, fazendo com que o lugar seja "de" e para "ser" transformando-o em uma geografia vivida em ato e modos de ver o mundo. Desta forma, "no lugar o indivíduo se encontra ambientado e mesmo integrado. Tal expressão conceitual compõe este mundo pleno de sentimentos e afeições, um centro de significância ou um foco de ação emocional do homem" (FERNANDES, 2014, p.78).

Como diz Oliveira (2014, p. 3) "sempre há um lugar para se chegar ou se partir. E sempre há necessidade de se saber o sentido que se atribui a esse lugar". Mostrando aqui, a questão da marca, do movimento, do tempo, e da ontologia do Ser presente no lugar, como exposto anteriormente por Massey (2008) e por Silva (1978). E que também, "o sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua vez, o sentido do tempo" (OLIVEIRA, 2014, p.3), em outras palavras, as experiências e as temporalidades no lugar.

De acordo com Oliveira (2014, p.4) "lugar e tempo se nos apresentam frequentemente intimamente ligados. Percebemos e sentimos a realidade temporal acoplada ao lugar, ao espacial". Pois, conforme for o tempo que passamos em um determinado local e as rotinas cotidianas, este ganha um sentido de lugar, um sentido que expressa o pertencer a ele e os símbolos da relação indivíduo-lugar. Assim sendo, "a concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria" (OLIVEIRA, 2014, p.5).

Frente a isso, temos as dimensões significativas do lugar e os ritmos da experiência em frente à relação indivíduo-lugar. Fazendo com que cada indivíduo tenha o seu lugar. Tornando o lugar "um objeto no qual se pode habitar e desenvolver sentimentos e emoções" (OLIVEIRA, 2014, p.12). E a autora contempla sua colocação "não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo" (OLIVEIRA, 2014, p.12).

Contudo, temos um sentido de lugar mediante as percepções e as experiências cotidianas das pessoas no próprio lugar. Transformando-o em um lugar vivido, colocando-o como o seu lócus de vivência cotidiana, e construindo os símbolos no lugar. No qual, "qualquer lugar fundado tem sua edificação no centro do mundo dos indivíduos que o estabeleceram como lar, abrigo, refúgio e morada" (FERNANDES, 2014, p.84).

Frente à pequena discussão sobre o conceito de paisagem e lugar, percebe-se que ambos estão intimamente relacionados com o mundo vivido. O mundo vivido expõe a magia dos lugares e das paisagens e seus significados. Coloca em questão, as maneiras de enxergar e sentir o ambiente, por meio dos acúmulos de sensações e significações. Segundo Fernandes (2014)

> o mundo vivido é a consciência e o ambiente íntimo de cada um, emocionalmente modelado e revestido de eventos, relações, ambiguidades, envolvimentos, valores e significados, o que compreende os seres humanos como toda ação e interesses humanos, trabalhos e sofrimentos. (FERNANDES, 2014, p.81).

Neste arranjo, "o mundo vivido, continuamente experienciado, é modificado pelas ações humanas, que também modifica as suas ações" (FERNANDES, 2014, p.81). Ou seja, este está inteiramente relacionado com a esfera da vida cotidiana, as marcas, os movimentos, as ações das quais os indivíduos modelam o próprio universo vivido. E também, não podemos esquecer que, as formas de comportamento e as visões do mundo variam de acordo com a subjetividade em cada um. Tornando o mundo vivido, ou propriamente o lugar, a paisagem, locais de intersubjetividade que revelam a presença do Ser.

Com isso, temos a questão da topofilia relacionada com o lugar e a paisagem e com o mundo vivido. A topofilia está relacionada à percepção e aos sentimentos humanos, que segundo Cisotto (2013, p.95) "entendida em um sentido amplo, como os laços afetivos (simbólicos) dos seres humanos com o meio ambiente".

Topofilia expressa uma relação amorosa e de afeto com o lugar e a paisagem, o ambiente em que uma pessoa ou um grupo de pessoa, constroem um lar, um habitar. Segundo Cisotto (2013) a topofilia é um conjunto de laços com o ambiente preenchidos de subjetividades humanas íntimas. E nele expressam suas percepções e sentimentos topofílicos mediante as suas experiências e a significação com o lugar e a paisagem.

RELATOS (NÃO) FINAIS

Neste relato busca-se expressa a relação entre o conceito de paisagem e lugar. Dois conceitos que tem suas bases epistemológicas distintas, seus métodos de análises, mas, dependendo do olhar ao fenômeno estes conceitos se complementam, se juntam para analisar e compreender o fenômeno por meio de suas similaridades dentro de suas bases epistemológicas e métodos.

Um conceito (a paisagem) que caminha desde as origens do pensamento geográfico. O outro conceito (o lugar) que surge com as discussões de uma geografia humanista. Mas, ambos os conceitos foram e são (re)valorizados a partir da virada cultura dentro da Geografia, uma geografia humanista cultural que aborda as experiências e percepções em ambos os conceitos.

Vê-se que os conceitos se tramam para entender as visões de sujeitos sobre eles, visões de mundo de sujeitos sobre a sua geograficidade no mundo. E, mostram uma essência e marca

desta geograficidade. Assim, vê-se a questão do mundo vivido e da topofilia permeando a paisagem e o lugar, para exaltar as experiências, percepções e sentimentos dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.84-91.

CISOTTO, Mariana Ferreira. Sobre Topofilia de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, v.3, n.2, p.94-97, 2013.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (tradução Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Márcio Luis. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. **Geograficidade**, v.4, n.1, p.78-87, 2014.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.149-168.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. (Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.3-16.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.12-74.

SILVA, Armando Correia da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

VITTE, Antonio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 6, n.11, p.71-78, 2007.

UTILIZAÇÃO DE DADOS DE SENSORIAMENTO REMOTO OBTIDOS POR AERONAVE REMOTAMENTE PILOTADA PARA MODELAGEM DE SUPERFÍCIE.

Joel Zubek da Rosa
Selma Regina Aranha Ribeiro
Alaine Margarete Guimaraes
Neyde Fabiola Balarezo Giarolla
Carlos Hugo Rocha

INTRODUÇÃO

A aquisição de dados de sensoriamento remoto com a utilização de Aeronaves Remotamente Pilotadas (Remotely Piloted Aircraft - RPA), vem desenvolvendo novo panorama para a modelagem de dados de sensoriamento remoto, devido à obtenção de imagens com altíssima resolução espacial.

Durante a última década os preços mais baixos para RPA, devido aos avanços técnicos da navegação *on-board* usando Sistema Global de Navegação por Satélite (*Global Navigation Satellite System*, GNSS), têm atraído muitos grupos científicos (MARRIS, 2013). Os RPA estão equipados com diferentes sensores que vão desde simples câmeras de grau convencional (RGB), câmeras térmicas e hiperespectrais e até mesmo *laser scanners* (COLOMINA; MOLINA, 2014).

A integração da plataforma de RPA com a fotogrametria e Sistemas de Informação Geográfica (SIG) fornece informações rápidas e de baixo custo para aplicações em topografia e geomorfologia em comparação com técnicas tradicionais e sem perder em precisão (CASELLA *et al.*, 2014). A aplicação de dados de sensoriamento remoto, obtidos por meio de RPA, para gerar modelos digitais de superfície com alta resolução espacial, é uma técnica vantajosa em relação ao custo beneficio, para quantificar e qualificar as alterações de superfície do solo (ELTNER, *et al.*; 2015).

Infelizmente, os RPA raramente fornecem a posição estável da câmera, são afetados pelo vento, gerando turbulência e pelo próprio movimento voo da aeronave em si. No entanto, a sua boa manobrabilidade e trajetória de controle de voo, combinado com a resistência, autonomia de voo e baixo custo, fazem a plataforma RPA adequada para diferentes aplicações (SIEBERTH; WACKROW; CHANDLER, 2014).

OBJETIVO

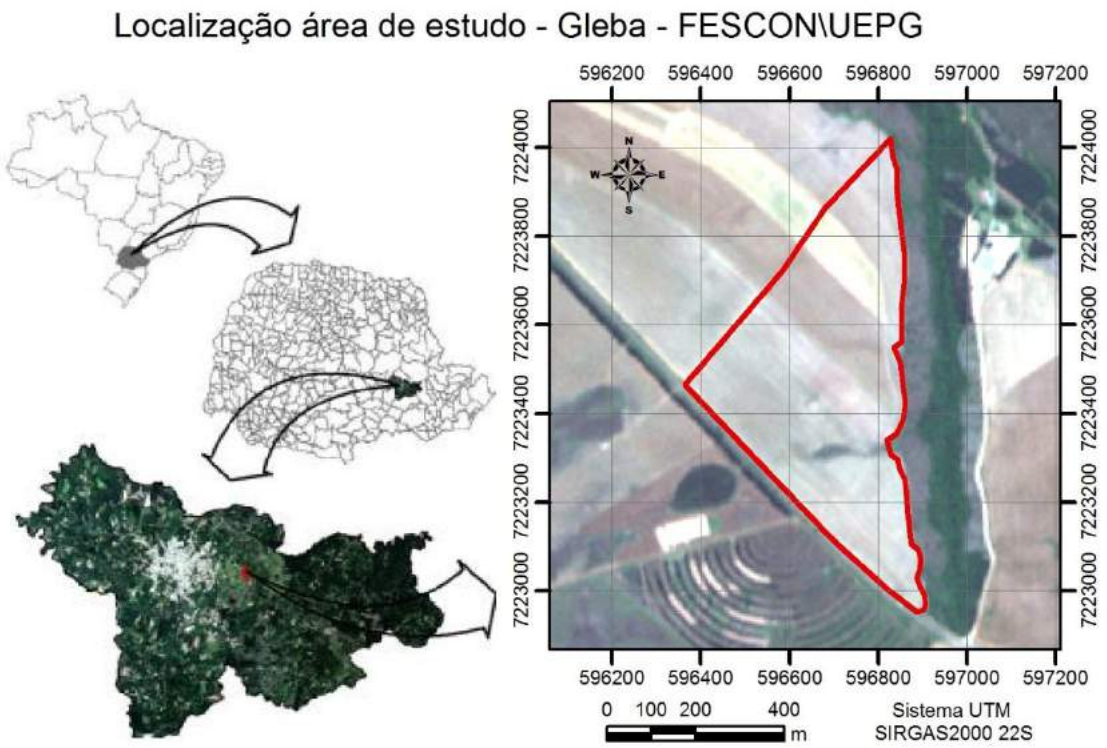
O objetivo deste trabalho é avaliar o comportamento dos valores de altimetria obtidos com modelo digital de superfície (*Digital Surface Model* - DSM), gerado por meio de fotografias obtidas com Aeronave Remotamente Pilotada, comparando com modelo gerado por meio de interpolador (*Kriging*) com coordenadas coletadas em grade regular de 45x45 metros no campo com receptor GNSS (*Global Navigation Satellite System*).

METODOLOGIA

A metodologia para realização deste trabalho utilizou-se de métodos e técnicas de topografia, dados de sensoriamento remoto e análise integrada de dados em ambiente SIG para modelagem de superfície.

A área de estudo compreende uma parcela de aproximadamente 16 hectares, com produção agrícola adaptada ao sistema de plantio direto, localizada na Fazenda Escola da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A figura 1 apresenta a localização da área de estudo.

Figura 1: Localização da área de estudo



Fonte: O autor

A região onde a fazenda está localizada é caracterizada com o clima do tipo Cfb (subtropical úmido mesotérmico), com pluviosidade anual entre 1400 e 1800 milímetros e a temperatura media anual é de 17,5° C. O solo é classificado como Latossolo Vermelho distrófico, originário do retalhamento de folhelho da Formação Ponta Grossa e Furnas. O relevo é suave ondulado com pendentes entre 5 a 7% de declividade.

O levantamento de dados foi realizado no campo mediante a implantação de grade regular com dimensões de 45m x 45m. Para marcar os pontos na grade regular foi utilizado teodolito eletrônico para obter os ângulos e trena para medir as distâncias. Foram marcados pontos intermediários de 22,5m em uma feição de erosão linear observada no campo. No total, foram coletados 140 pontos para a geração da grade.

Para o georreferenciamento de cada ponto foram utilizados receptores GNSS. O modelo dos receptores utilizados foi o *Trimble R4* Geodésico de dupla frequência. Foi

utilizado o método relativo estático rápido, com permanência de 15 minutos em cada ponto, com fixação de base, pelo método relativo estático, com o período mínimo de seis horas para a locação das coordenadas. O pós-processamento das coordenadas foi realizado no programa *Trimble Business Center*, com a correção de linhas de base menores que 150 km das estações Curitiba UFPR e Guarapuava, disponibilizadas pela Rede Brasileira de Monitoramento Contínuo (RBMC/IBGE).

A interpolação dos dados de altimetria, obtidos com os receptores GNSS, foi realizada no programa de SIG *ArcGIS 10.3* (*ESRI*) usando o interpolador Krigagem.

A obtenção das fotografias aéreas foi realizada com o equipamento RPA *eBee* (*senseFLY)*, equipado com câmeras de formato pequeno SONY Cyber-Shot WX RGB e Canon S110 NIR (Near Infrared). O plano de voo foi gerado no programa *eMotion* com a altura média de 120m, que proporcionou coletar as fotografias com resolução espacial de 0,035m. Para o recobrimento da área de estudo foram tomadas 210 fotografias. A figura 2 representa a posição para a tomada das fotografias. O processamento das fotografias obtidas com RPA, para gerar ortomosaico e modelo digital de superfície, foi realizado no programa *PhotoScan* (Agisoft).

Figura 2: Posição da tomada das fotografias aéreas

Fonte: O autor

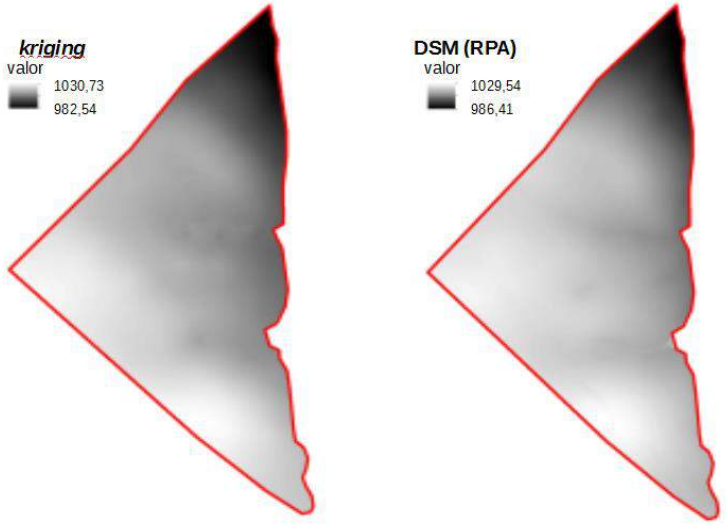
RESULTADOS E DISCUSSÕES

O pós-processamento das coordenadas obtidas com receptores GNSS para as bases de referência, resultou o erro médio de 0,006m para precisão horizontal e 0,009m para precisão vertical. O erro médio para os pontos da grade foi de 0,011m para a precisão horizontal e 0,013m para a precisão vertical.

O ortomosaico e o modelo digital de superfície, gerado com as fotografias obtidas com RPA, foram ajustados com coordenadas que foram coletadas em pontos notáveis no campo e reconhecidos no ortomosaico. O erro médio quadrático do georreferenciamento foi de 0,12m.

A figura 3 apresenta os modelos gerados para os dados obtidos por RPA (à esquerda) e pela interpolação de dados obtidos com GNSS (à direita).

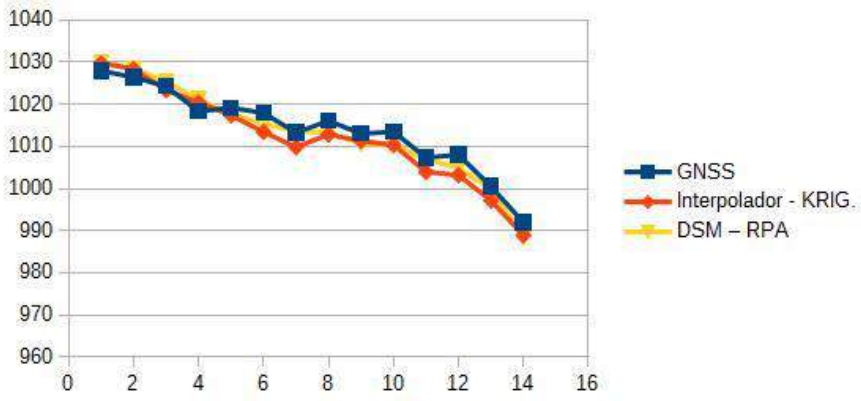
Figura 3: Modelos de superfície



Fonte: O autor

Foram coletados 14 pontos de controle, aleatoriamente, além dos 140 pontos que foram utilizados na interpolação, para avaliar a precisão dos modelos mediante análise estatística. A figura 4 apresenta um gráfico com a dispersão dos valores de altimetria obtidos pela inerpolação com os dados de GNSS e o modelo gerado por RPA, comparados com os valores dos pontos de controle.

Figura 4: Gráfico com a dispersão dos valores de altimetria.



Altitude

Pontos de controle

Fonte: O autor

O cálculo da distorção de cada ponto (em metros) foi realizado a subtração do valor de cada ponto de controle em relação aos valores para os mesmos locais com o interpolador e o modelo gerado por meio das fotografias obtidas com RPA. A tabela 1 apresenta os valores da análise estatística: média, desvio padrão e variância dos modelos gerados.

Tabela 1: Análise estatística dos modelos

	Interpolação (GNSS)	Modelagem (RPA)
Média	1,36	2,50
Desvio padrão	1,13	1,33
Variância	1,29	1,78

Fonte: O autor

Os menores erros foram obtidos para o modelo gerado com os dados GNSS (inferiores a 1,5m). O modelo gerado por meio das fotografias aéreas apresentou erro médio de 2,5m, mas desvio padrão demonstrou comportamento correlacionado dos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação de dados de sensoriamento remoto, obtidos por meio de RPA, para geração de modelo digital de superfície, embora tenha apresentado precisão menor que

modelo gerado por meio de interpolador com dados de GNSS, demonstra potencial devido à representação de nuances do terreno que os interpoladores não conseguem incorporar.

O teste de parâmetros como a calibração das câmeras utilizadas no RPA, que possuem a finalidade de corrigir a orientação interior e exterior, possivelmente proporcionará o imageamento das fotografias aéreas com maior precisão.

As informações apresentadas neste trabalho são resultados parciais de pesquisas em relação à utilização de dados de sensoriamento remoto obtidos com RPA para estudos de processos erosivos em áreas agrícolas e monitoramento ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASELLA, E.; ROVERE, A.; PEDRONCINI, A.; MUCERINO, L.; CASELLA, M.; CUSATI, L. A.; VACCHI, M.; FERRARI, M.; FIRPO, M. **Study of wave runup using numerical models and low-altitude aerial photogrammetry: A tool for coastal management.** Estuarine, Coastal and Shelf Science V. 149, p. 160–167, 2014.

COLOMINA, I.; MOLINA, P. **Unmanned aerial systems for photogrammetry and remote sensing: a review.** ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing 3:79–97, 2014.

ELTNER, A.; BAUMGART, P.; MAAS, H. G.; FAUST, D. **Multi-temporal UAV data for automatic measurement of rill and interrill erosion on loess soil.** Earth Surf. Process. Landforms, v. 40, 741–755, 2015.

MARRIS, E. **FLY, AND BRING ME DATA: Unmanned aerial vehicles are poised to take off as popular tools for scientific research.** NATURE, v. 498, 2013.

SIEBERTH, T.; WACKROW, R.; CHANDLER, J. H.; **Motion blur disturbs – the influence of motion-blurred images in photogrammetry.** The Photogrammetric Record, v. 29(148), p.434-453, 2014.

DENSIDADE DE GEOSSÍTIOS NA ESCARPA DEVONIANA A PARTIR DO LEVANTAMENTO DA ROTA DOS TROPEIROS

Marianne Oliveira
Selma Regina Aranha Ribeiro
Antonio Liccardo

INTRODUÇÃO

Em 2005, o Serviço Geológico do Paraná (Mineropar) realizou o levantamento dos sítios de interesse geoturístico nos 16 municípios que compõem a Rota dos Tropeiros no Paraná, com o objetivo de documentar o patrimônio geológico presente ao longo deste caminho que constituiu o principal eixo entre Sorocaba (SP) e Viamão (RS). Entre os geossítios constam canyons, cachoeiras, jazigos fossilíferos, afloramentos raros e outros de cunhos geológico, geomorfológico, paleontológico, hidrográfico e outros.

Os SIGs (Sistemas de Informação Geográfica), além de fornecer suporte aos mapeamentos de fenômenos naturais e/ou artificiais, são utilizados para compreender a correlação entre a ocorrência e localização, determinando padrões específicos relacionados à localização geográfica. Um exemplo é o estimador de densidade Kernel com o qual é possível explorar e mostrar o padrão de dados pontuais das ocorrências que gera uma superfície contínua a partir de dados, apresentando-se como uma boa alternativa para se avaliar o comportamento dos padrões de pontos em uma determinada área de estudo, fornecendo uma visão geral da distribuição de primeira ordem dos eventos (Carvalho & Câmara 2002).

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é mostrar a distribuição das ocorrências de sítios com interesse ao geoturismo, principalmente na Escarpa Devoniana, nos municípios pertencentes à Rota dos Tropeiros no Paraná, com uma base de dados pontuais georreferenciados.

METODOLOGIA

A área da Escarpa Devoniana nos Campos Gerais foi rota do tropeirismo do sul do Brasil, com o deslocamento de tropas de muares e gado de abate que seguiam do Rio Grande do Sul a caminho de São Paulo e realizavam suas paradas nos Campos Gerais.

Com a vista panorâmica era possível localizar, facilmente, o gado que se desviava do caminho, bem como prever ataques. A partir das paradas destes grupos, surgiram vilarejos, que hoje são as cidades pertencentes à rota. A figura 1 ilustra a área de estudo. Os pontos representam a localização dos geossítios ao longo dos municípios. Na cor amarela está o limite da APA da Escarpa Devoniana e, sobreposta a ela, em laranja, está o limite definido pelo projeto de tombamento da Escarpa, em andamento.

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Escarpa Devoniana foi criada pelo Decreto Estadual nº 1.231, de 27 de março de 1992, com o objetivo de "assegurar a proteção do limite natural entre o Primeiro e o Segundo Planaltos Paranaenses, inclusive a área dos Campos Gerais, a qual se constitui em um ecossistema peculiar que alterna capões da floresta de araucária, matas de galerias e afloramentos rochosos, além de locais de beleza cênica como os cânions e de vestígios arqueológicos e pré-históricos (SEMA, 2004)".

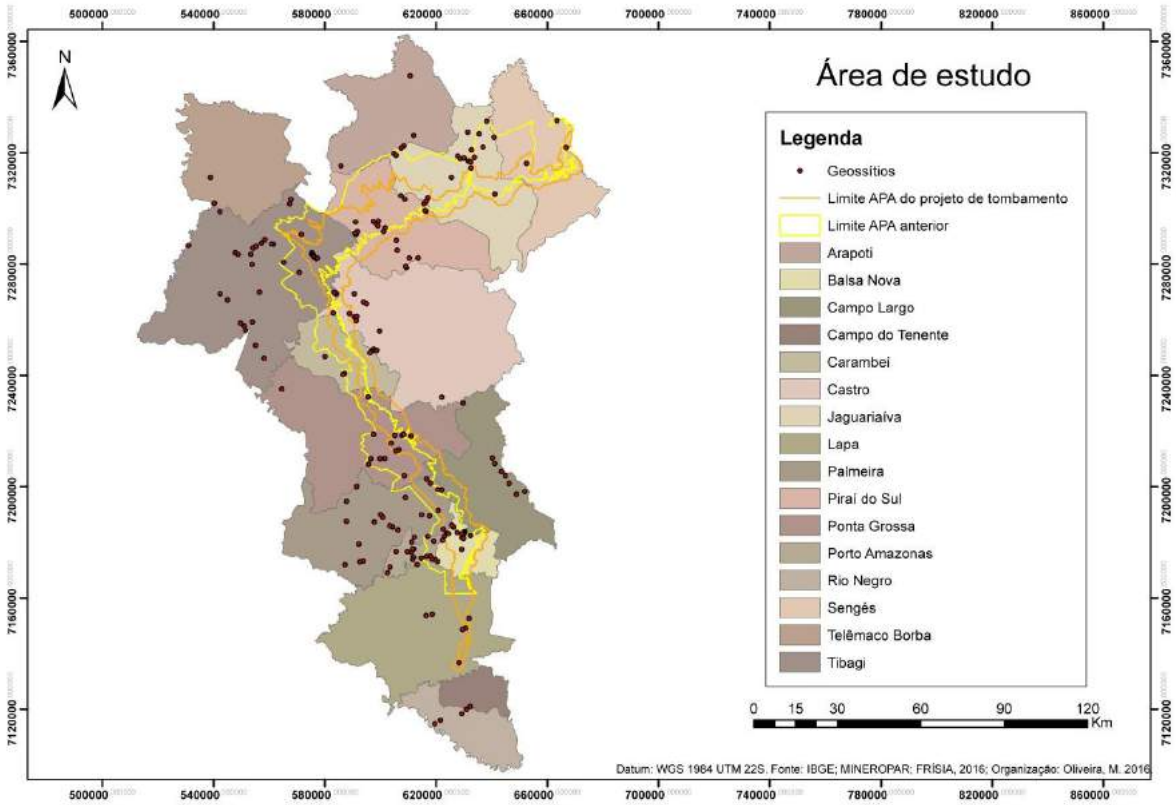


Figura 1 – Localização da área de estudo.

A figura 2 mostra um diagrama de blocos relativo ao estudo desenvolvido. A base cartográfica é composta dos vetores no formato digital da Escarpa Devoniana (contorno de 2005 e 2016) e dos vetores relativos aos municípios. Os vetores do contorno de 2005 (anterior) foram obtidos por meio da MINEROPAR (2005). Os vetores do contorno de 2016 (atual) foram obtidos do EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental / Relatório de Impacto Ambiental) do projeto para o complexo eólico da cooperativa Frísia (2016). Os vetores no formato digital dos municípios da Rota dos Tropeiros foram obtidos a partir da base cartográfica do IBGE.

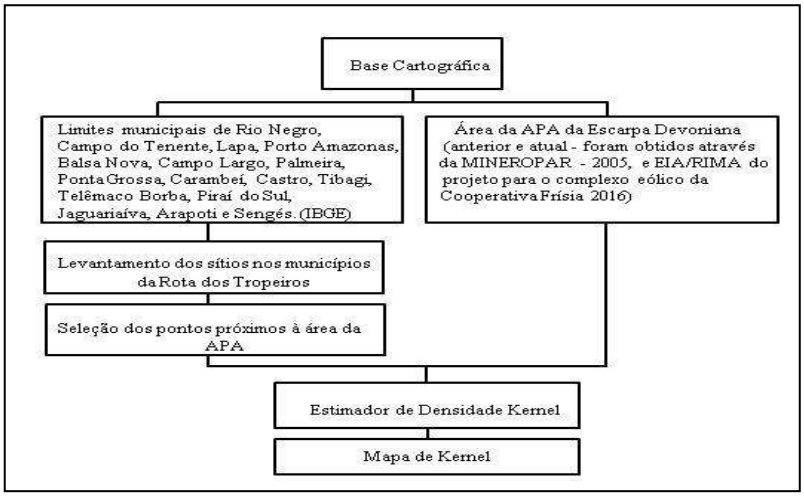


Figura 2 - Diagrama de blocos.

A empresa MINEROPAR, no ano de 2005, realizou o levantamento dos sítios com potencial para o geoturismo envolvendo canyons, cachoeiras, jazigos fossilíferos, afloramentos raros e outros de cunhos geológico, geomorfológico, paleontológico, hidrográfico, nos 16 municípios na área e proximidades da Escarpa Devoniana.

Entre os municípios pesquisados estão: Rio Negro, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Balsa Nova, Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Tibagi, Telêmaco Borba, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Arapoti e Sengés.

Para a obtenção dos resultados foi analisada a densidade destes pontos mediante a técnica *kernel density*. A Densidade de Kernel é uma técnica de interpolação exploratória que gera uma superfície de densidade para a identificação visual de "áreas quentes". Entende-se a ocorrência de uma área quente como a concentração de eventos que indica de alguma forma a aglomeração em uma distribuição espacial (BRASIL, 2007).

O estimador de densidade Kernel é um estimador não paramétrico que visa estimar as densidades com base em informações locais ao invés de estimar parâmetros para modelos. Ele não utiliza média e desvio padrão e não segue uma distribuição normal ou número de elementos regulares.

O método desenha uma vizinhança circular ao redor da cada ponto da amostra, correspondendo ao raio de influência e, então, é aplicada uma função matemática de um (1), para a posição do atributo pontual (no caso do estudo o geosítio) e o valor zero (0) na fronteira desta vizinhança (SILVERMAN,1986).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise exploratória para a espacialização de dados pontuais inicia pela estimação da intensidade de ocorrências do processo em toda a região em estudo, e foi aqui realizada de acordo com Silverman (1986). Nela gera-se uma superfície cujo valor é proporcional à intensidade de eventos, neste caso o levantamento e localização da ocorrência de geossítios por unidade de área em mapas de densidade de ocorrência.

A análise da densidade dos pontos por *kernel density* gerou o mapa em formato *raster* com gradiente de cores. A concentração dos pontos está distribuída pela variação de cores, de vermelho a branco e está apresentada na figura 3, as áreas de maior concentração das cores (vermelho) representa a maior influência dos pontos.

A identificação e mapeamento da influência destes geossítios demonstram a importância destas reservas naturais e a necessidade de sua geoconservação, pois são elementos característicos da geologia regional.

A quantificação de geossítios e a eventual atribuição de valores (científico, educativo, cultural, turístico e outros) dentro dos limites da Escarpa Devoniana constituem um dos respaldos científicos para a relevância do processo de tombamento da mesma, podendo subsidiar ações de manejo ou planejamento.

Observou-se que é crucial estudar na área de influência de cada geosítio o uso e ocupação do solo e, ainda, são necessárias medidas importantes de proteção destas áreas, além de seu reconhecimento como patrimônio. O próximo mapeamento é criar um limite, como zona de restrição ou *buffer*, ao redor de cada um dos geossítios. É pertinente a determinação de um valor numérico em metros (de 20 a 50 metros) ao redor dos geossítios, destas áreas de restrição ou *buffer*, possibilitando que, por meio de imagens orbitais e processamentos das mesmas, monitore-se e classifique-se o uso e ocupação do solo, para evitar a degradação nestas áreas, as quais têm influencia diretamente na degradação dos geossítios. A figura 3 mostra o mapa de densidade kernel e os limites dos municípios. Quanto mais quente a coloração, maior é a concentração e influência dos pontos.

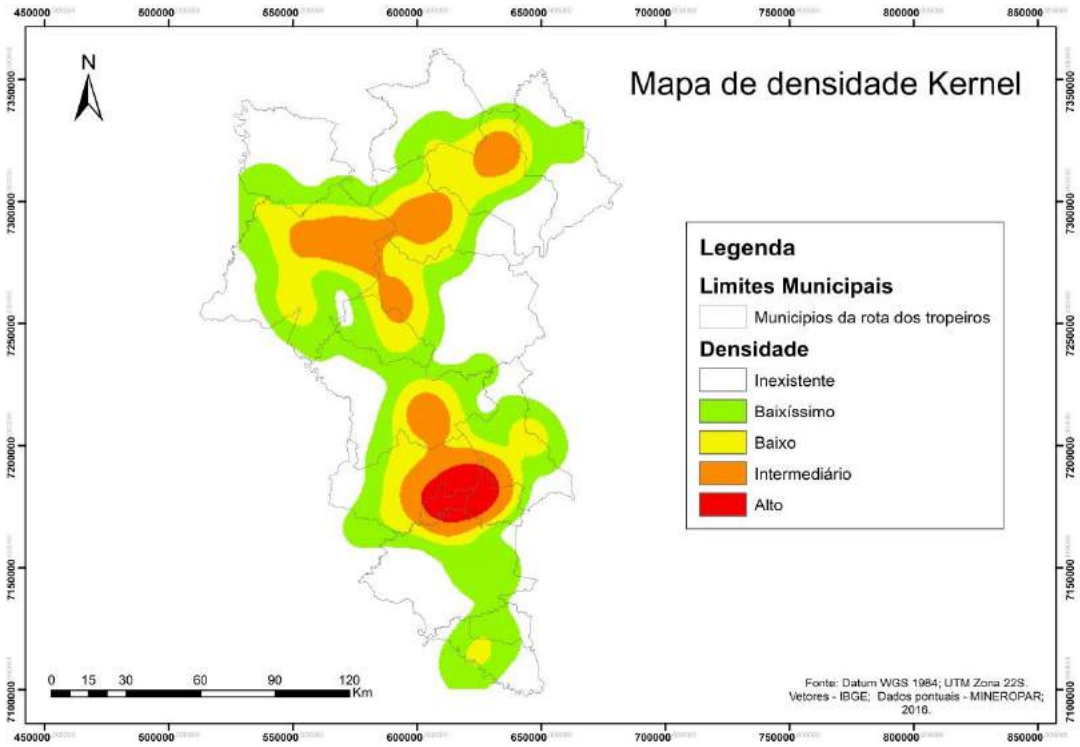


Figura 3 – Mapa demonstrando o uso do estimador de densidade Kernel, com os limites municipais contidos na rota dos tropeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos referentes à APA são pertinentes, pois recentemente conduziu-se o processo de tombamento como bem cultural, iniciado pela Coordenação de Patrimônio da Secretaria de Cultura do Paraná.

O estimador de kernel é relevante neste estudo, pois evidencia a intensidade de influência dos geossítios. Nestes locais, o uso e ocupação dos solos devem ser restritos e monitorados pelos órgãos responsáveis por seu tombamento. Em função deste estimador, os técnicos e pesquisadores podem definir um entorno ao redor de cada sítio, onde o uso e ocupação dos mesmos deve ser com consciência de sua importância como patrimônio imaterial.

A lista contida neste trabalho deve ser ampliada, assim como suas informações utilizadas para o planejamento territorial e atividades voltadas ao geoturismo no contexto histórico envolvendo a rota dos tropeiros na região dos Campos Gerais.

Esta pesquisa não é conclusiva. É apenas um marco inicial demonstrando como métodos e técnicas matemáticas aplicadas aos sistemas de informação geográfica (SIG) são adequadas, como pode ser percebido nos mapas resultantes.

Na continuidade deste estudo, pretende-se realizar o processamento de imagem digital, classificando o uso e ocupação do solo e mapeando as áreas do entorno dos geossítios, por meio de *buffers* (50 metros) a partir do ponto central de cada geossítio. O mapeamento dos geossítios é essencial para a valorização dos mesmos no que tange aos aspectos científico, educativo, cultural, turístico e outros, perante os órgãos de proteção destes patrimônios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Introdução à Estatística Espacial para a Saúde Pública.** Fundação Oswaldo Cruz: Brasília, 2007. Série Capacitação e Atualização em Geoprocessamento em Saúde; 3. 120 p. Disponível em: <http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/TEXTOS_CURSO_VIGILANCIA/capacitacao_e_atualizacao_em_ geoprocessamento_em_saude_3.pdf. Acesso em: 03 nov.2016.

CARVALHO, M. S.; CÂMARA, G. **Análise de eventos pontuais**. In S Druck, MS Carvalho, G Câmara and AMV Monteiro, Análise espacial de dados geográficos. 2002. Disponível em http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/analise/.Acessado em 27. Out. 2016.

SEMA - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Zoneamento ecológico econômico, Plano de manejo e regulamentação legal da área de proteção ambiental da escarpa Devoniana.** Curitiba: MRS Estudos Ambientais Ltda., 2014. 350 p. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Plano_de_Manejo/APA_Escarpa_Devoniana/1_APA_PM.pdf>. Acesso em: 27. Out. 2016.

SILVERMAN, B. W. **Density Estimation for Statistics and Data Analysis.** Nova York: Chapman and Hall,1986.

O USO DO NDVI E ANÁLISE ORIENTADA A OBJETO GEOGRÁFICO PARA RECONHECIMENTO E EXTRAÇÃO DA VEGETAÇÃO EM IMAGENS DIGITAIS DE ALTA RESOLUÇÃO EM DOIS BAIRROS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR.

Murilo Henrique de Brito
Selma Regina Aranha Ribeiro

INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas décadas, a terra é regularmente imageada por diversos satélites de sensoriamento remoto, os quais capturam, praticamente, tudo que ocorre na superfície. Com o avanço da tecnologia dos sensores remotos, as imagens orbitais fornecidas têm sido amplamente utilizadas por serem importantes fontes de dados para os diversos estudos voltados às Ciências da Terra.

Devido ao aumento da resolução espacial das imagens orbitais, foi necessário desenvolver novas metodologias para interpretar os seus dados digitais. Para a análise dessas imagens utiliza-se de técnicas de Processamento Digital de Imagens - PDI e de Sistemas de Informação Geográfica - SIG, os quais tornam possível, por meio de técnicas matemáticas, estatísticas e de lógica, a extração e interpretação destes dados orbitais.

Com as imagens obtidas por Sensoriamento Remoto – SR, mediante PDI e SIG, pretende-se separar as áreas com vegetação das dos demais usos do solo urbano de dois bairros de Ponta Grossa.

OBJETIVO

O objetivo do estudo é a extração semiautomática da vegetação urbana dos bairros Nova Rússia e Uvaranas, da cidade de Ponta Grossa-PR, mediante o uso de Análise de Imagem Orientada a Objeto Geográfico - GEOBIA para a segmentação e geração de descritores, espaciais, espectrais e de textura do Índice de Vegetação da Diferença Normalizada (NDVI), separando a vegetação urbanas dos outros usos.

MATERIAIS E MÉTODOS

A figura 1 exibe a área de estudo, o município de Ponta Grossa no estado do Paraná, no qual encontram-se os dois bairros do estudo Nova Rússia e Uvaranas.

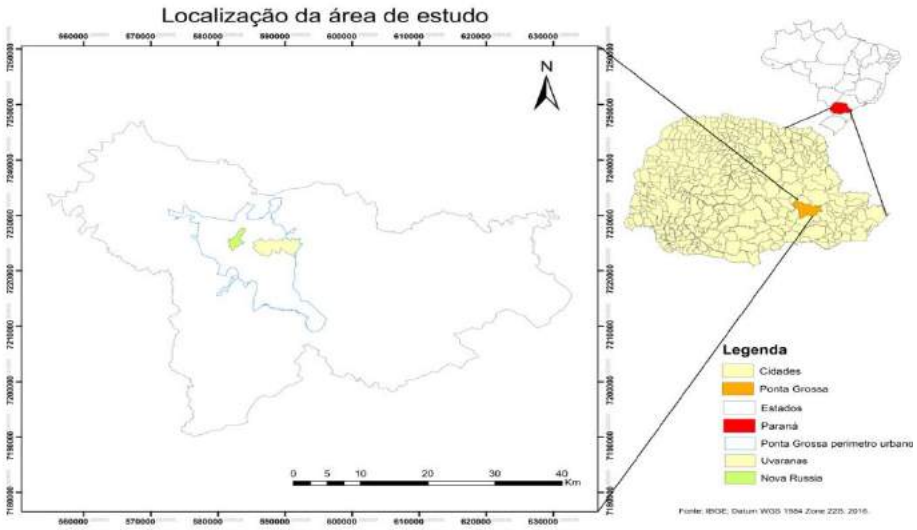


Figura 1 - Mapa de localização: Paraná, município de Ponta Grossa.

O diagrama de blocos apresentado na figura 2, mostra sequencialmente, os processos realizados no estudo.

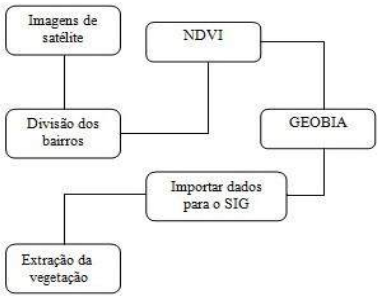


Figura 2 – Diagrama de blocos – etapas realizadas para o desenvolvimento do estudo.

Foram utilizadas para esse trabalho imagens do satélite Rapideye, com resolução espacial de 5 bandas do espectro eletromagnético, espacial de 5 metros, radiométrica de 11 *bits* e temporal diária mês de agosto de 2013, disponibilizadas gratuitamente no sítio do Ministério do Meio Ambiente, cidade de Ponta Grossa; *softwares* de PDI e de SIG; o Envi 4.7 e ArcGis 9.3.

Com base em uma interpretação visual, foram escolhidos dois bairros de Ponta Grossa, os quais contém uma grande quantidade de vegetação, como áreas testes para posterior aplicação dos mesmos procedimentos metodológicos nos demais bairros do município, nos quais foram utilizadas as técnicas, a saber, a álgebra de mapas por meio da razão – *Normalized Difference Vegetation Index* (NDVI) - e, a técnica de detecção de bordas, mediante o algoritmo *Full Lambda Schedule Algorithm* (FLSA) - segmentação. As áreas de estudo escolhidas foram os recortes espaciais, duas imagens com 500 linhas x 500 colunas dos bairros de Nova Rússia (Figura 3 - a) e Uvaranas (Figura 3 - b).

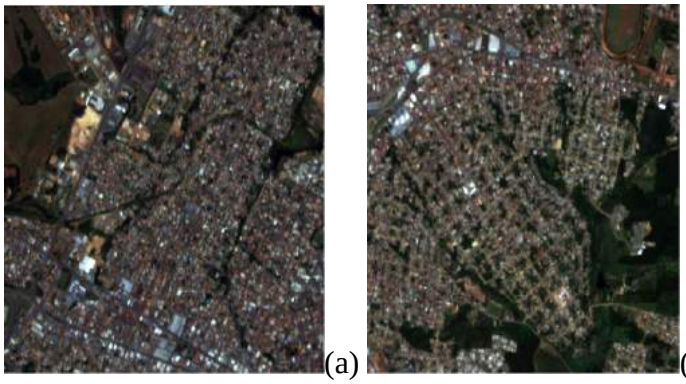


Figura 3 – Recorte espacial da imagem orbital Rapideye, dos bairros de Nova Rússia (a) e Uvaranas (b).

As imagens utilizadas foram imageadas pelo satélite Rapideye, que é um sistema composto por cinco satélites com sensores remotos idênticos, posicionados em órbita heliossíncrona, com igual espaçamento entre cada satélite. Os satélites captam 5 bandas (*Blue, Green, Red, Red-Edge, NearInfrared*) com resolução espacial de 5m, radiométrica de 12 bits e temporal nadiral de 16 dias. (ANTUNES e SIQUEIRA, 2013)

Na figura 4 (a, b, c e d) apresenta-se as composições coloridas verdadeira cor e verdadeira falsa cor, figura 4 (a e b), respectivamente e na mesma figura 4 em (c e d) o recorte detalhando a vegetação no canal espectral do vermelho e do infravermelho, do bairro Nova Rússia. A elipse alaranjada na figura 4 (a e b), mostra a área que está recortada e aumentada na figura 4 (c e d).

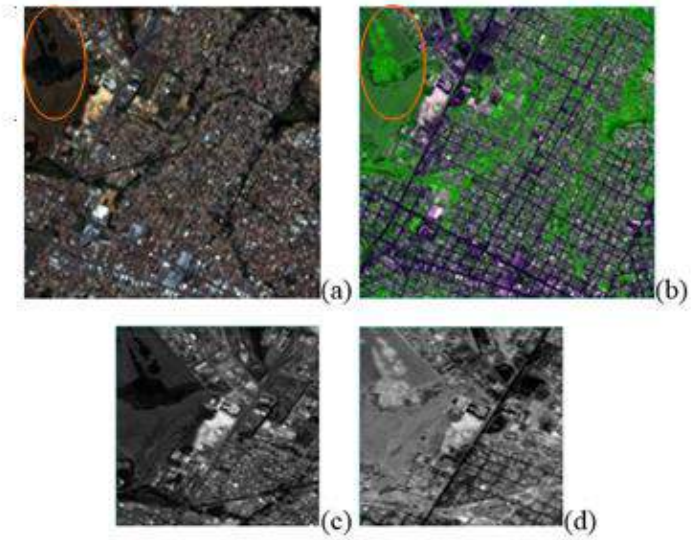


Figura 4 – Imagem orbital do sensor Rapideye, (a) composição colorida verdadeira cor; (b) composição colorida verdadeira falsa cor (R - *Red-Edge*; G - Infravermelho próximo; B - Vermelho); (c) *Greyscale* da banda do vermelho;(d) *Greyscale* banda do infravermelho próximo.

Os índices de Vegetação (IV) são modelos matemáticos desenvolvidos para avaliar a cobertura vegetal e diagnosticar o índice de área foliar (IAF), biomassa, porcentagem de cobertura do solo, atividade fotossintética e produtividade. Existem diversos índices, o índice mais difundido e aqui utilizado foi o NDVI (*Normalized Difference Vegetation Index*).

O NDVI pode realçar a diferença entre áreas com vegetação e sem vegetação, devido ao fato da vegetação apresentar alta refletância na banda do infravermelho próximo, mas tem baixa refletância e alta absorção na banda do vermelho. NDVI é calculado como exibido na equação 1.

$$NDVI = \frac{(NIR - Red)}{(NIR + Red)} \qquad (1)$$

Onde o NIR é a refletância na banda do infravermelho próximo e RED é a refletância na banda do comprimento de onda do vermelho. (Li et al., 2014).

A GEOBIA (*Geographic Object Based Image Analysis*) é a análise de dados baseada em aglomerados de pixels, definidos por meio da segmentação que os agrupa pixels similares baseando-se em regras estatísticas de similaridade ou descontinuidade (detecção de borda, crescimento de regiões, fusão e divisão) e escala, gerando para cada objeto ou região agrupada descritores, espaciais, espectrais e de texturas (RIBEIRO, 2003).

A segmentação divide a imagem em partes, a qual é feita dependendo do objeto a ser estudado, isto é, deve-se configurar a escala, a qual definirá o tamanho dos objetos a serem agrupados e a fusão que eliminará "ruídos" dentro dos objetos ou regiões. Neste estudo foram

utilizados os valores de escala e fusão de 40 e 70, respectivamente. A segmentação da imagem é essencial, pois ela considera além das características espectrais da imagem, a textura e as formas (GONZALES e WOODS, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estão apresentados na figura 5 (a e b) os resultados do NDVI e na figura 5 (c e d) o resultado da segmentação para os bairros Nova Rússia e Uvaranas, respectivamente. Na figura 5 (a e b) pode-se perceber que nas regiões mais claras encontra-se a vegetação, enquanto nas regiões mais escuras estão as construções. Na figura 5 (c e d) é possível ver que grande parte da vegetação ficou agrupada devido ao uso do NDVI.

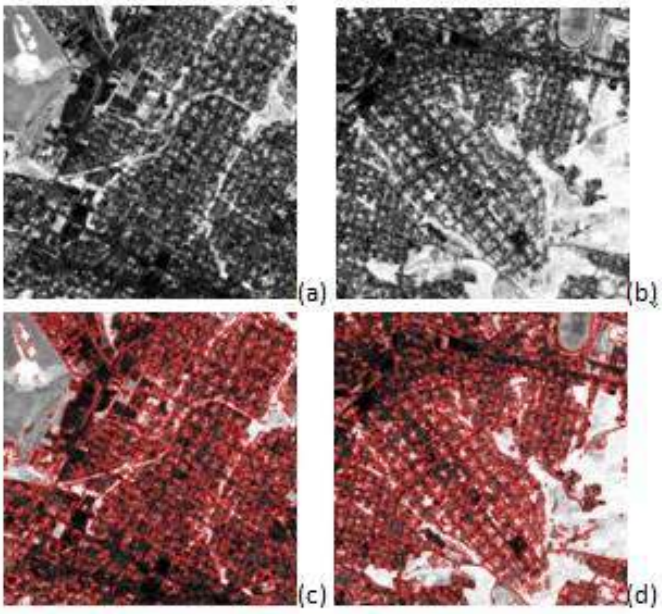


Figura 5 - Imagem orbital do sensor Rapideye, (a) NDVI do bairro Nova Russia, (b) NDVI do bairro Uvaranas, (c) segmentação do bairro Nova Russia, (d) segmentação do bairro Uvaranas.

Na figura 6 (a e b) estão apresentadas as tabelas geradas a partir da segmentação, nelas contem os descritores espaciais, espectrais e de texturas. A figura 6 (c e d) é o resultado da interpretação dos descritores, nesse caso foi a extração da vegetação dos bairros a partir dos descritores espectrais.

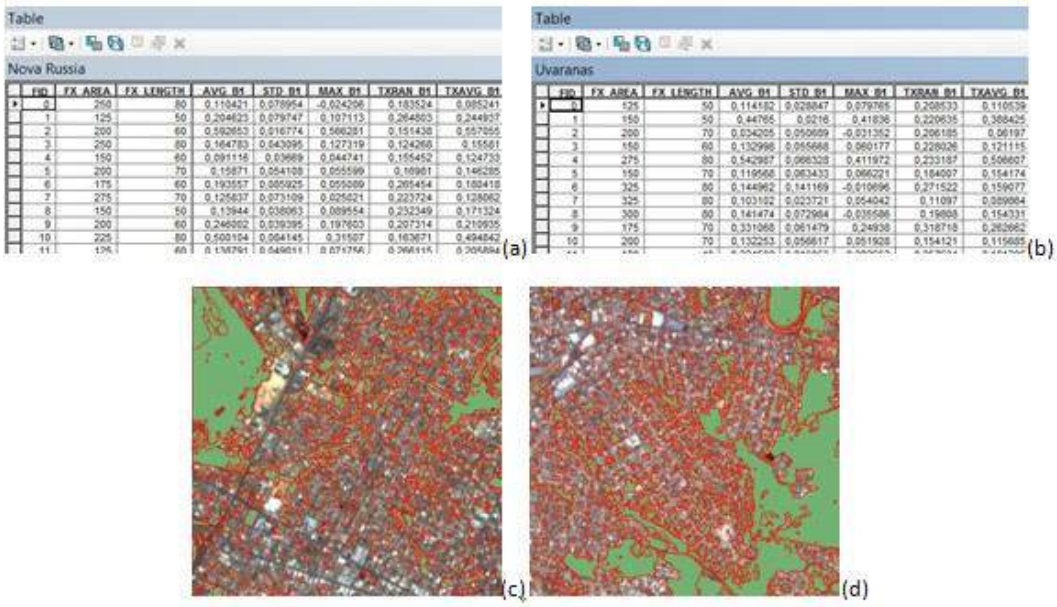


Figura 6 – Resultados: (a) Tabela originada a partir da segmentação do bairro de Nova Russia, (b) tabela originada a partir da segmentação do bairro de Uvaranas, (c) vegetação extraída do bairro de Nova Russia, (d) vegetação extraída do bairro de Uvaranas.

CONCLUSÃO

Mostrou-se neste estudo que o NDVI realça a vegetação e é importante para a extração da mesma por meio da GEOBIA, por ele simplificar a cena da imagem e destacar diferentes tipos de vegetação. O fato do NDVI eliminar também sombras, destacar a vegetação realçando-a com intensidade ou brilho, facilita o agrupamento para realizar segmentação, deixando a vegetação homogênea e, possibilitando boa separação da vegetação dos demais usos urbanos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M.A.H; SIQUEIRA,J.C.S. *Características das imagens RapidEye para mapeamento e monitoramento agrícola e ambiental*, Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Foz do Iguaçu, p. 547-554, 2013.

GONZALES, R. C.; WOODS, R. E. *Digital Image Processing*. Addsion- Wesley Publishing Company,1998.,630p.

LI,X. et al. *An explorative study on the proximity of buildings to green spaces in urban areas using 1 remotely sensed imagery*. Annals of GIS.v.20,p. 193-203, 2014.

RIBEIRO, S.R.A. *Integração de Imagens Landsat TM e dados auxiliares para a delimitação automática de unidade fisionômicas (paisagem) e geológicas usando redes neurais artificiais*.Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

HIDROGRAFIA URBANA E DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL: OCUPAÇÃO IRREGULAR ÀS MARGENS DO CÓRREGO LAJEADINHO– PONTA GROSSA – PR

Nisiane Madalozzo

INTRODUÇÃO

Conforme estimativa do IBGE de 2015, o município de Ponta Grossa possui aproximadamente 355.000 habitantes. O povoamento da localidade deve-se em grande parte à sua localização geográfica, historicamente uma encruzilhada de caminhos, inicialmente das missões jesuíticas e posteriormente, de tropeiros e dos sistemas ferroviário e rodoviário (MADALOZZO, 2016). Além de ser até hoje um importante entroncamento rodoferroviário no contexto sul brasileiro, Ponta Grossa tem características únicas quando comparada a outros centros urbanos. Áreas com grande declividade e fundos de vale acabaram historicamente por definir um sistema viário descontínuo, com muitas curvas, declives e interrupções, gerando lotes em formatos irregulares e tamanhos variados. São características que interferem perceptivelmente na dinâmica urbana, seja através de alterações morfológicas nos lotes e vias, seja nos usos e atividades que ocorrem nesses espaços em decorrência de sua conformação física.

OBJETIVO

Neste trabalho, pretende-se apresentar um estudo de caso em que a hidrografia urbana e a faixa de proteção da linha férrea atuaram como elementos influenciadores na manifestação da desigualdade socioespacial em Ponta Grossa, através de um conjunto de ocupações irregulares datados da década de 1970. Este trabalho é resultado parcial de uma tese de doutorado em andamento, intitulada 'Rio e Ferrovia: A produção social do espaço urbano em Ponta Grossa – PR', desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

METOLOGIA

Para cumprir com o objetivo proposto, foram utilizadas bases cartográficas e informações fornecidos pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. A caracterização das comunidades apresentadas coordena informações retiradas do caderno de diagnóstico do Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (PLHIS), composto em 2010 pela Agência de Habitação Municipal (PROLAR), e dados coletados junto aos Centros de Assistência Social (CRAS) dos bairros adjacentes no ano de 2015. Através da utilização do *software Quantum GIS 2.14*, foram mapeados dados como indicadores socioeconômicos, localização dos equipamentos urbanos e sistemas de infraestrutura. Foi realizada análise da suficiência da distribuição de equipamentos públicos considerados essenciais para o cumprimento do direito à cidade, utilizando-se de critérios amplamente empregados para planejamento urbano, a análise através dos raios de abrangência. Nesse método, o raio de cada circunferência traçada na base indica a distância máxima viável de deslocamento que o usuário deve fazer para que seja atendido por uma das instituições.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1) O caso de Ponta Grossa, seus rios e ferrovias urbanos

Estudos envolvendo a gestão urbana, a produção social do espaço e a distribuição da desigualdade socioespacial no ambiente urbano de Ponta Grossa, considerado o suporte físico natural dos rios e do relevo, são de fundamental importância no caso deste município. A localização das favelas e da população de baixa renda tem íntima relação com a conformação histórico geográfica, ficando na maior parte das vezes no entorno dos corpos d'água intraurbanos (SAHR, 2001), assim como a camada de maior renda se concentra no entorno das vias principais – vias essas frequentemente localizadas nos espigões do terreno urbano.

Neste estudo, e em acordo ao apontado por Santos et al (2014), parte-se do princípio de que existe interdependência entre espaço produzido (no caso, a cidade) e sua constituição por processos espaciais, o que justifica a realização de investigação das dinâmicas urbanas de forma sistêmica. É por meio desta acepção que o estudo de caso é analisado, buscando compreender, através de um exemplo de uma situação recorrente em toda a extensão da área urbana, uma tendência de desvalorização fundiária e manifestação de desigualdades socioespaciais nos arredores de rios e córregos intraurbanos em Ponta Grossa. A desigualdade socioespacial é expressão do processo de urbanização capitalista, um produto da reprodução ampliada do capital que se perpetua como condição de permanência da desigualdade social (RODRIGUES, 2007).

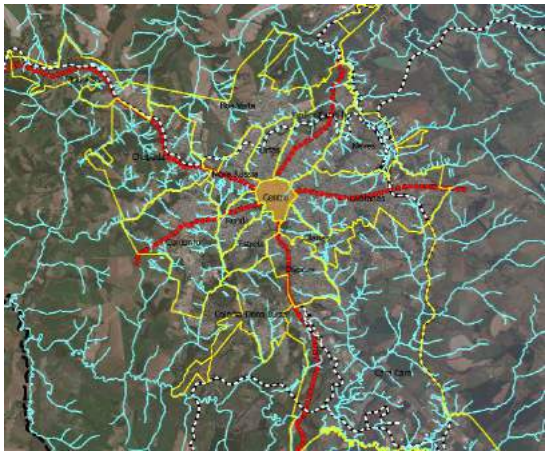
O predomínio do mercado como coordenador das decisões de uso do solo é um traço característico das cidades contemporâneas, podendo ser identificado nos mais diversos aglomerados urbanos desde a década de 1980. Em Ponta Grossa, campo de estudo deste trabalho, essa prevalência fica clara, ao se observar o perímetro urbano recortado e bastante modificado ao longo do tempo, ou ao se enumerar os muitos terrenos centrais, completamente infraestruturados, vazios em especulação.

Os caminhos mais comumente praticados pelos jesuítas e posteriormente tropeiros (CHAMMA, 2007) eram caminhos que se adaptavam às condições do relevo – passavam, preferencialmente, pelos espigões do terreno, aproveitando-os para criar as rotas de circulação e desviando de porções de terreno de grandes dimensões correspondentes a fundos de vale, com declividade alta e pouca viabilidade para estabelecimento de vias e edificações. Como ilustrado na figura 01 abaixo, em que as linhas vermelhas representam essas vias principais, há coincidência de traçado de algumas delas com linhas férreas (trechos atuais representados com linha pontilhada). Como há uma rede hidrográfica intensa, e pela dificuldade em transpor arroios e outros acidentes topográficos (figura 02), há poucas ligações entre bairros. Esse fato, aliado à grande atratividade do centro, dificulta a mobilidade, pois as mesmas vias são visadas por todos os modais de transporte.

Figura 01: Localização do centro e das principais vias em relação ao perímetro urbano de Ponta Grossa.

Elaboração: Nisiane Madalozzo, 2016.

Figura 02: Localização do centro e das principais vias em relação à hidrografia urbana de Ponta Grossa.



Elaboração: Nisiane Madalozzo, 2016.

Além de determinar a localização das principais vias, a hidrografia e relevo locais influenciaram significativamente na definição do traçado da malha urbana em geral, inclusive o formato e tamanho dos lotes e, acima de tudo, ao propiciar determinados padrões de ocupação, uso do solo e qualidade de vida urbana para cada trecho da cidade. A desvalorização fundiária dos entornos de rios urbanos ocorre na cidade toda, como consequência da distribuição das principais vias de Ponta Grossa nos espigões do terreno, onde se concentra a maior parte dos serviços e equipamentos públicos, o que gera atratividade e valorização fundiária dos terrenos lindeiros.

Identifica-se, desta forma, a problemática da hidrografia intraurbana e suas margens: historicamente, a proximidade das ocupações urbanas em relação ao leito dos rios configura um grande problema social, seja pela falta de infraestrutura adequada e o risco a que se submetem as famílias que ali residem, seja pelos problemas ambientais decorrentes da ocupação desmedida. Trata-se de áreas urbanas com baixo valor da terra, sem disponibilização de serviços públicos básicos, como saneamento, transporte, pavimentação, dentre outros. É uma paisagem recorrente ao longo de toda a área urbana, com características identificáveis em diversos pontos da cidade.

Identifica-se, ainda, outra problemática análoga à primeira apresentada: Da mesma maneira que os rios e suas margens, os trechos de ferrovias, ativos ou desativados, e suas faixas de domínio conformam um sistema, com uma paisagem característica e atributos comuns relativos à morfologia, ocupação, uso e manifestação das desigualdades sociais. Em ambos os sistemas – de rios e de ferrovias – existe relação clara com a topografia: os rios, nos vales; as ferrovias, de forma geral nos espigões. Finalmente, nota-se a manifestação das desigualdades sociais e da segregação na produção do espaço urbano que margeia rios e ferrovias pontagrossenses, notadamente áreas com graves problemas sociais, grande incidência de ocupações irregulares e pouca infraestrutura disponível. É esse o caso da ocupação estudada neste trabalho, localizada entre os bairros Nova Rússia e Boa Vista, em Ponta Grossa – PR, que contempla ambas as problemáticas.

3.2) As comunidades ocupantes das margens do córrego Lajeadinho

As ocupações irregulares estudadas neste artigo seguem a lógica da maior parte da produção de conjuntos irregulares Pontagrossenses – em locais de risco ou de preservação ambiental, como áreas de domínio de ferrovias e às margens de mananciais. Trata-se de áreas protegidas por leis e normativas específicas, mas, por não interessarem ao mercado imobiliário, são frequentemente ignoradas, como aponta Sahr (2001).

A área analisada está inserida nessas condições. Encontra-se na divisa dos bairros Nova Rússia e Boa Vista, em áreas pertencentes ao poder público Municipal e também a proprietários particulares. As famílias que residem nas comunidades adjacentes ao córrego do Lajeadinho e na faixa de domínio da linha férrea que corta a área instalaram-se em meados de 1970, majoritariamente famílias vindas do interior em busca de condições melhores de vida na cidade. O contexto em que essas ocupações se consolidaram remete à lógica de industrialização local e inchaço urbano, e a consideração das margens de rios intraurbanos como alternativa para a facilitação do acesso ao centro urbano já consolidado e atrativo. No recorte espacial estudado, estão as ocupações Boa Vista, Madureira, Estrela Augusta e a Senador Flávio Carvalho Guimarães, conhecida popularmente por Campo do Fubá. No conjunto de ocupações há aproximadamente 460 domicílios.

A Vila Senador Flávio Carvalho Guimarães encontra-se no local desde o início da década de 1970. Ocupa uma propriedade particular de área de 49.585m². É delimitada pelas ruas Eugênio José Bocchi, Araújo de Porte Alegre, Marcílio Dias, Rua Bandeirantes e Cristiano Justos Junior. Internamente, a mobilidade acontece por meio de três becos, todos com caixa de via de aproximadamente 4 metros de largura entre edificações. O restante das residências não possui acesso através de vias com porte considerável para abrigo de veículos, contando portanto com acesso exclusivo para pedestres através de vielas estreitas.

Segundo o PLHIS, há na área cerca de 188 habitações que compõem a Vila Senador Flávio Carvalho Guimarães. Todas contam com rede de distribuição de água potável e energia elétrica, porém não possuem sistema de coleta de efluentes ou fossas sépticas aprovadas. A questão da acessibilidade aos lotes é agravada devido à ausência de pavimentação, o que é impossibilitado em grande parte devido ao fato de cerca de 60% das habitações estarem em área de preservação ambiental, às margens do córrego (PROLAR, 2010). Ainda segundo a classificação elaborada pelo órgão, a população é de baixa renda e as habitações em sua maioria são de baixo padrão, em madeira, sem acabamento.

As ocupações da Boa Vista encontram-se na faixa de domínio da ferrovia, definida pela concessionária do transporte ferroviário como faixa *non aedificandi*, considerada área de risco devido à proximidade com os trilhos também desde o início dos anos 1970. Há aproximadamente 50 domicílios, 35 deles com padrão razoável de edificação, que permitiria, segundo o PLHIS, a regularização dos mesmos, e 15 com necessidade de realocação devido ao pequeno porte e à proximidade com o córrego. No local, predomina também a população de baixa renda, embora todos os domicílios contem com rede de água potável e energia elétrica. Cerca de 40% possuem sistema de esgoto e apenas 5% estão em ruas pavimentadas.

O assentamento da Madureira, também presente desde o início da década de 1970, ocupa uma área de 28.840m² sobre a faixa de domínio da ferrovia. A população predominante é de baixa renda, e a tipologia construtiva das habitações é a mais precária de todas as ocupações, com caráter provisório devido aos materiais utilizados. Os edifícios contam com rede de água potável e energia elétrica, mas não com o sistema de esgotamento sanitário. Há nesta ocupação aproximadamente 83 domicílios, sendo apenas 17 considerados salubres. Os

66 restantes apresentam necessidade de realocação, segundo o PLHIS, devido ao risco e à insalubridade da habitação na situação atual (PROLAR, 2010).

O Loteamento Estrela Augusta foi criado mais recentemente, no início da década de 2000 com o objetivo de regularizar a situação dos moradores da ocupação Madureira. No entanto, a regularização das edificações nunca foi realizada, o que levou à impossibilidade de implantação de todos os sistemas de infraestrutura necessários. Atualmente, a população predominante é de baixa renda, apesar das residências serem em sua maioria de alvenaria de baixo padrão, sem acabamento.

Todos os domicílios contam com água tratada e energia elétrica, mas apenas 10% de suas ruas são pavimentadas e não há sistema de esgotamento sanitário. Cerca de 25% das habitações estão em área de risco e em área de proteção ambiental. Há aproximadamente 126 edificações, sendo 104 passiveis de regularização por não estarem em área de risco. (PROLAR, 2010).

Além das considerações feitas anteriormente, acerca da situação das habitações em si e dos sistemas de infraestrutura de que carecem, neste trabalho foi realizado um levantamento dos equipamentos públicos oferecidos à comunidade, bem como uma leitura dos indicadores sociais locais, buscando compreender de forma objetiva, através dos dados atualmente disponibilizados, a influência dos rios intraurbanos na distribuição das desigualdades socioespaciais.

No local de estudo, conclui-se que há estabelecimentos de ensino fundamental e médio suficientes para atender às necessidades de toda a população do bairro, o que não acontece com as escolas de ensino infantil. Nota-se que existe concentração dos estabelecimentos em alguns pontos e que boa parte da área está descoberta deste serviço. Outro tipo de equipamento público de muita importância no contexto das comunidades aqui estudadas são os CRAS – Centros de Referência de Assistência Social. Em Ponta Grossa, em especial num contexto de informalidade habitacional, que, como comentado anteriormente, traz dificuldades para o acesso a serviços relacionados à saúde, emergências e segurança sanitária dos moradores, os CRAS são responsáveis por oferecer à população de baixa renda boa parte das oportunidades de melhora da qualidade de vida, através da potencial inserção dos cidadãos em serviços de proteção social e da articulação das políticas e programas municipais existentes com a classe realmente necessitada desses serviços. Dessa forma, conclui-se que, apesar de haver três unidades bastante próximas às comunidades em questão, é grave que haja na localidade áreas ainda não cobertas por esse tipo de serviço. Sabe-se que a existência de mais unidades reduziria a sobrecarga das unidades atuais, e, no caso dos CRAS, que a única parcela da população que efetivamente utiliza esses serviços é aquela carente do cumprimento de direitos básicos, como o acesso à saúde, educação, nutrição e saneamento adequados.

Em relação aos equipamentos públicos comunitários de saúde pública, não há problemas de distribuição no recorte delimitado. Os equipamentos estão localizados de forma a permitir pleno acesso, com sobreposição de suas áreas de abrangência, de forma a evitar áreas descobertas desse tipo de assistência pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discute-se especificamente a questão da desigualdade sócio-espacial manifestada nos arredores do Córrego do Lajeadinho. Apesar da temática escolhida

representar, por sua própria natureza, a exposição de aspectos negativos acerca da interface hidrografia urbana e cidade, não se pode considerar a existência da extensa rede hidrográfica intraurbana por si só como um problema urbano. Pelo contrário, se adotadas as corretas políticas públicas de forma a proteger essas áreas e mesmo convertê-las em atrativos como parques urbanos que efetivamente supram as necessidades e anseios da população local, pode-se considerar a existência de tais características como um diferencial positivo para o sentimento de apropriação, vivência e qualidade de vida urbana. Pelas análises realizadas, foi possível concluir que existe influência da rede de hidrografia urbana na espacialização das desigualdades socioespaciais em Ponta Grossa.

É notório, a uma primeira aproximação com as comunidades, que existem diversos problemas urbanos para os moradores, especialmente no relativo ao saneamento e à acessibilidade dos domicílios. A inexistência ou precariedade da pavimentação, assim como a pouca dimensão da maior parte das vias, além de representar desconforto para a locomoção e acesso das residências pelos próprios moradores, representa uma grave dificultante para o oferecimento adequado de sistemas como o de transporte coletivo, coleta de resíduos sólidos e atendimento emergencial por bombeiros, veículos de saúde e de segurança, devido à impossibilidade de tais veículos chegarem a todos os domicílios. A inexistência do sistema de esgotamento sanitário e de coleta de resíduos sólidos estimula os moradores a descartar seus efluentes e resíduos inadequadamente no leito do córrego, o que agrava os problemas sanitários dos rios urbanos. Com as ocupações, não há estímulo para a manutenção da vegetação das margens e consequentemente da qualidade da água desses arroios.

Por outro lado, existe uma importante questão legal a considerar. O poder público municipal, ao mesmo tempo em que tem o dever de permitir a todos os seus cidadãos o pleno cumprimento do dever de moradia, de locomoção e de lazer, não pode investir seus recursos estruturando áreas consideradas *non aedificandi*. As comunidades, assim, permanecem ocupando irregularmente as áreas, e enquanto sua situação não for definida, tendem a continuar vivendo problemas urbanos como os apresentados.

Com a análise do mapeamento dos equipamentos dos diversos serviços comunitários, nota-se que existem falhas no atendimento às necessidades da população, mas através da simples análise dos raios de abrangência dos equipamentos não é possível constatar que a distribuição dos mesmos esteja contribuindo para o incremento da desigualdade socioespacial entre áreas de fundo de vale e áreas de centro de bairro. O que se nota é a insuficiência na quantidade de equipamentos, dependendo do tipo de estabelecimento, mas essa insuficiência ocorre em todo o recorte estudado e não apenas nos arredores das ocupações irregulares. De qualquer forma, infere-se que a população mais afetada pela dificuldade de acesso que essa insuficiência representa é justamente a população dos moradores das comunidades informais, pois são eles o principal público de cada um dos estabelecimentos em questão. O incremento das comunidades informais em áreas estabelecidas como *non aedificandi* não apenas gera mais risco e insalubridade de tais ocupações, como representa aumento da necessidade de implantação de novas unidades. A partir do momento que áreas não ocupáveis se tornam áreas densamente ocupadas, a disposição de equipamentos responsáveis pelo oferecimento de serviços públicos comunitários passa a ser necessária em novos locais – o que dificulta a tarefa de gestão urbana de todas essas redes de serviços.

REFERÊNCIAS

CHAMMA, G. V. F. **Os Campos Gerais: Uma Outra História**. Santa Maria: Pallotti, 2007.

PROLAR. **Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (PLHIS)**. Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2010.

RODRIGUES, A. M. **Desigualdades socioespaciais–a luta pelo direito à cidade.** *Cidades*, 4.6 (2011).

SAHR, C. L. L. **Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa**. In: _____. Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2001.

SANTOS, A. P.; POLIDORI, M. C.; SARAIVA, M. **O lugar dos pobres na cidade: um modelo baseado em agentes para explorar a formação de áreas pobres em periferias urbanas.** III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva São Paulo, 2014.

EXPEDIÇÃO 'GEODIVERSIDADE NO BRASIL MERIDIONAL'

Camila Priotto Mendes
Mariane Louro de Lima
Mauro Antonio Gonçalves Filho
Samara Moleta Alessi
Kleverson Gonçalves Maieski
Antonio Liccardo

INTRODUÇÃO

A *Royal Society for Nature Conservation* define por geodiversidade – um termo recente dentro da ciência geológica – a variedade de ambientes geológicos e os processos de formação das rochas, minerais, fósseis, solos, dentre outros depósitos superficiais que constituem a pluralidade de paisagens, alicerçando a vida na Terra. Mas o significado do conceito não encerra um fim em si próprio, ele adquire significância à medida que se conhece sítios geológicos excepcionais e com particular importância para a percepção destes processos. A Região Sul do Brasil é um caso singular nesse aspecto, porque oferta uma geodiversidade fascinante.

Este trabalho apresenta o relato de uma expedição geocientífica de 2.970 km (Figura 01) através do Brasil Meridional realizada por cinco acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia da UEPG, em 2016, acompanhados pelos professores Antonio Liccardo e Gilson Burigo Guimarães, além dos pesquisadores Nair Fernanda Mochiutti ((UFSC) e Rodrigo Aguilar Guimarães (UFPR). Todos os participantes tiveram a oportunidade de vislumbrar geossítios e lugares que contribuíram de maneira singular com suas formações pessoais e profissionais. Essa narrativa visa, portanto, descrever os aspectos geográficos dos locais visitados, que variaram de ambientes entre praias, serras, falésias, canyons, floresta petrificada e minas de ametista – com altitudes desde o nível do mar até mais de 1300 metros no planalto. Destacam-se neste roteiro também as características culturais e urbanas presenciadas nesses ambientes ricos em diversidade, porque é imprescindível a análise das relações de ação antrópica e meio físico.

Figura 01 – Mapa da região sul do Brasil com indicação do roteiro realizado (em verde) e os principais pontos analisados neste circuito (em vermelho)

OBJETIVOS

Este trabalho se propõe a relatar e divulgar uma experiência na modalidade *expedição* no âmbito do estudo da geografia e geodiversidade, bem como trazer observações sobre a geografia dos locais visitados e suas contribuições para a formação profissional dos estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da UEPG que participaram dessa atividade.

METODOLOGIA

O planejamento foi iniciado com a produção e submissão de nove trabalhos geocientíficos para o 48º Congresso Brasileiro de Geologia em Porto Alegre/RS, a serem apresentados individualmente pelos participantes. Em seguida, o grupo fez um levantamento dos pontos de interesse da geodiversidade entre os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Logo, passou-se ao planejamento logístico da expedição, que envolveu transporte, rotas, hospedagem, alimentação e gastos. Foram dezenas de cidades atravessadas em dois dias de ida, quatro dias de participação no 48º Congresso Brasileiro de Geologia e três dias de retorno com paradas estratégicas, que contaram com análise das principais características geológicas, paleontológicas e geomorfológicas, assim como a coleta de amostras e fotografias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A equipe partiu de Ponta Grossa/PR no dia 08 de outubro de 2016 e segiu pela BR-101 com rumo a cidade de Torres/RS. O percurso durou cerca de quinze horas,

inclusas paradas para alimentação e visitas a cidades. No litoral rio-grandense, Torres é um destaque geológico por conta de suas falésias. Na década de 70, o geológico Rohdes (1975) elaborou um comparativo para se compreender as formações da cidade de Torres/RS:

> No período Triássico(...) este local era um grande deserto. Havia extensas dunas de areia, (...). Esta areia como a de hoje em dia na praia - provinha da abrasão de quartzo de uma imensa cadeia de montanhas, que no seu início era tão majestosa como hoje são os Andes. (...) Em cima das dunas, em parte já solidamente petrificadas, formando parte do arenito Botucatu, veio verter a efusão de basalto. (...) Na Serra Geral, atrás de Torres, vê-se ainda uma capa basáltica de cerca de 800 m. Nos morros de Torres pode-se ver o contato entre o arenito e o basalto, notadamente na base da Guarita. Esta base é constituída de arenito cozido pelo calor do derrame basáltico. O arenito ficou, assim, bem mais resistente do que o basalto à abrasão do mar. É a isso que se deve a forma piramidal da Guarita.

A beleza cênica deste local aliada ao fascínio pela história da Terra e a teoria amplia as reais dimensões do local, que pode ser parcialmente visto na Figura 02, abaixo.

Figura 02 – Torres/RS: Vista da praia sobre as falésias, com observação de testemunhos de relevo com a visualização na base do contato entre o arenito Botucatu e o derrame de basalto. Ao fundo, as dunas formadas pela ação do vento. Imagem: Antonio Liccardo.

Saindo de Torres/RS, o grupo viajou em direção a Cambará do Sul, cidade de um cenário singular: o Cânion do Itaimbezinho (Figura 03), que recebeu esse nome por conta dos indígenas que habitavam o local e significa *ita* (pedra) e *ai'be* (afiada). Segundo o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) "as rochas aflorantes nos paredões rochosos possuem características semelhantes aos demais cânions da região, sendo formados basicamente por sucessivos derrames de lavas vulcânicas (Formação Serra Geral – Cretáceo)". O acesso ao cânion é por uma estrada sem asfaltamento, contendo opções de trilha dentro do Parque Nacional Aparados da Serra. Além da formação

geológica, o cânion levou a reflexões sobre sustentabilidade, a organização do parque e sua influência sobre a cidade que o abriga.

Figura 03 – Cambará do Sul/RS: Cânion Itaimbezinho. Imagem: Antonio Liccardo.

O dia 09 de outubro foi marcado pela abertura do 48º Congresso Brasileiro de Geologia, em que a equipe conheceu os locais de apresentação e teve acesso à programação do evento. No decorrer dos cinco dias de congresso, a aquisição do conhecimento disponibilizado no evento possibilitou uma nova percepção científica a respeito da geologia, principalmente nos eixos temáticos de Ensino de Geociências e Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo. No que se refere às questões de cunho geográfico, o grupo destaca a urbanização de Porto Alegre, pois se encararmos o espaço como um produto social, percebe-se que a capital, por ser portuária, tem uma diversidade cultural e artística muito característica, representada nas praças, no comércio e na vida noturna.

A parada seguinte ao evento foi a cidade de Mata, a 372 quilômetros de Porto Alegre. Conhecida por sua "floresta petrificada", o município está entre os mais importantes sítios paleobotânicos da América do Sul. As plantas fossilizadas que afloram em diferentes sítios paleontológicos da porção central do Estado do Rio Grande do Sul têm sido, nas últimas décadas, relacionadas a diferentes idades e a distintas unidades estratigráficas e ao Arenito Mata. Essa raridade chegou a inspirar o slogan do município: "cidade de pedra que foi madeira". Um adendo interessante a se fazer sobre a pequena cidade é que os habitantes utilizaram troncos fossilizados para a decoração em suas habitações e comércios.

O roteiro incluiu uma passagem pela Rota das Missões. Saindo de Mata, a equipe rumou a São Miguel das Missões, onde pôde conhecer as ruínas jesuíticas (Figura 04) que são formadas pelo arenito da formação Botucatu que, além disso, é a camada que compõe o Aquífero Guarani. A combinação dos fatores geológicos aos sociais, como a religiosidade, atribuiu à cidade uma atmosfera diferenciada, já que as ruínas (hoje ponto turístico) carregam a identidade do povo guarani e do processo de aculturação a que foi submetido com a chegada dos jesuítas.

Figura 04 – São Miguel das Missões/RS: Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: imagem interna das ruínas das missões jesuíticas. Imagem: Antonio Liccardo.

O último ponto da viagem fica situado na região da Serra Gaúcha, o recém instituído município de Ametista do Sul. A cidade conta com um pouco mais de sete mil habitantes e sua economia é voltada para a extração e comércio de pedras preciosas. Isso se deve à sua localização geográfica, pois neste ambiente magmático foi possível a formação de rochas basálticas com geodos (Figura 05) e de variedades minerais como: ametistas, quartzos, ágatas, calcita entre outros. Com enorme potencial de mineração, o local despertou interesse de imigrantes instalados na região desde o começo do século XX, sendo hoje a maior parte da produção destinada à exportação, restando uma parte menor que é fonte de renda para os habitantes que as vendem brutas ou produzem artesanato. Uma das minas, atualmente desativada, é um dos principais pontos turísticos: um veículo adaptado leva visitantes pelas dependências da mina enquanto o guia explica como são formados os geodos de ametista, sua extração, os equipamentos utilizados para o garimpo e todo o contexto histórico da cidade. Há um museu que conta com aproximadamente 1.500 exemplares de minerais e, no interior de uma antiga galeria de mineração em meio ao basalto, encontra-se um sistema de consórcio com a produção local de vinhos que são guardados nas antigas galerias em função da temperatura e umidade constantes. Dentro dos antigos túneis da mineração há também uma loja onde produtores locais comercializam seus produtos associados ao contexto do basalto. Outro importante ponto de visitação foi a Igreja de São Gabriel, que tem seu interior revestido de cristais de ametista, cobrindo todas as paredes e com a pia batismal e outras peças do mobiliário sacro adaptadas em enormes geodos naturais. As peças foram doadas por moradores ao longo dos anos da construção da Igreja.

Figura 05 – Ametista do Sul/RS: A economia da cidade está baseada na mineração e pelas ruas são encontradas várias pequenas lojas com incontáveis peças de quartzo roxo e amarelo, entre outros minerais. Imagem: Antonio Liccardo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a expedição, o grupo trouxe consigo um conjunto de novos conhecimentos, pois o roteiro proporcionou uma visão ampla e observação *in loco* de muitas questões, até então, comentadas apenas por fontes teóricas. Passando pelas três capitais do Sul do país, dezenas de outras cidades, pontos de interesse da geodiversidade e museus pôde-se observar, além da geologia, uma grande diversidade de fatores culturais, econômicos e sociais que são concomitantes e característicos em cada localidade, desenvolvendo uma percepção e um olhar crítico nos participantes. O primeiro acesso a um evento de porte nacional (o 48º CBG é o maior evento de geociências da América Latina) permitiu, entre outros, um intercâmbio científico e cultural, favorecendo a observação de um tipo de organização e estrutura em diferente escala. Apesar de ser um evento voltado à geologia, notou-se a forte presença de temas da ciência geográfica e da educação de geociências, trazendo diferentes percepções para o ensino de geografia física e apontando uma tendência para interfaces.

Baseados em conhecimentos prévios e nas novas experiências proporcionadas pela expedição, desenvolveram-se diferentes formas de observar o meio, exercitando a habilidade de saber adaptar a informação científica ao nível inteligível do público da educação básica.

Além de todo o enriquecimento cultural e científico que a equipe adquiriu, as relações sociais estabelecidas entre os integrantes foram engrandecedoras para cada um. A convivência com pessoas diferentes do círculo habitual requer uma autocrítica a respeito de como se estabelece vínculos interpessoais. Portanto, é fundamental salientar que o autoconhecimento foi um dos maiores saldos que essa expedição trouxe a cada aluno e professor que participou dela. A expedição como um diferente formato de instrumento para a educação mostrou-se muito eficaz e muito mais intensa e marcante que outros formatos similares, tipo saídas de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GODOY, M. M.; BINOTTO, R. D.; WILDNER, W. **Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul (RS/SC)**. Disponível em: < http://www.cprm.gov.br/publique/media/canionsdosul.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.

LEAL, R. B. **Saída de Campo – Ametista do Sul/RS**. Disponível em: < http://wp.ufpel.edu.br/geoprocessamento/2012/05/saida-de-campo-ametista-do-sul-rs/> Acesso em: 17 de novembro de 2016.

ROHDE, G. M. A Origem Geológica das Formações de Torres – RS. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 6, p. 88-91, jan./dez. 1975.

SOMMER, M. G.; SCHERER, C. M. S. **Sítios Paleobotânicos do Arenito Mata (Mata e São Pedro do Sul), RS**. Disponível em: < sigep.cprm.gov.br/sitio009/sitio009.pdf> Acesso em: 18 de novembro de 2016.

TERRITORIALIDADES EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA EM PROJETOS DE ASSENTAMENTO NA AMAZÔNIA ACREANA E NOS CAMPOS GERAIS NO PARANÁ*

Alexsande de Oliveira Franco;
Andressa Mª Woytowicz Ferrari;
Maira Alejandra Amaris Buelvas[1];
Celbo Rosas

* O presente texto é fruto das discussões da disciplina: Território, Territorialidade e a Questão Agrária do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. Artigo em andamento junto com os alunos de doutorado Andressa Ferrari, Alexsande Franco e o professor Celbo Rosas.

[1] Licenciada em ciências sociais pela Universidad La Gran Colombia, aluna regular do programa de Pós-Graduação em Geografia; mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

INTRODUÇÃO

A dinâmica territorial brasileira é bastante complexa e com muitos conflitos de interesse. Cada região possui suas particularidades, suas complexidades e suas dinâmicas. No intuito de padronizar a ocupação territorial e amenizar conflitos, sobretudo pela posse da terra, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, desenvolveu diretrizes para organizar e beneficiar o espaço rural e sua população. Nesse sentido são criados os Projetos de Assentamento - PAs. Os PAs são unidades agrícolas independentes entre si e com a finalidade de distribuir terras às famílias com perfil agrícola para gerar renda e subsistência.

Os assentamentos têm importância notória no contexto nacional, regional e local na gestão e dinâmica territorial. Nesse sentido o presente trabalho tem como objetivo discutir em suas nuances os projetos de assentamento no Brasil, em especial o Projeto de Assentamento Agroextrativista – PAE Chico Mendes, localizado na Amazônia acreana e o Projeto de Assentamento Contestado, localizado nos Campos Gerais na cidade da Lapa. Os assentamentos em questão são relevantes em suas regiões e em suas particularidades sendo importantes para compreender suas territorialidades, bem como o desenvolvimento de políticas públicas para as famílias assentadas.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido seguindo uma série de parâmetros para delinear a discussão e alcançar seus objetivos, entre os quais destacam-se 1. A discussão numa perspectiva dentro de território e de territorialidade, tomou-se como referência autores como Haesbaert (2004), Saquet (2007, 2011) e Fernandes (2015). 2. A definição dos locais a serem estudados, Projeto de Assentamento Agroextrativista – PAE Chico Mendes e Projeto de Assentamento – PA Contestado. 3. Levantamento bibliográfico relacionado ao assunto discutido, em especial ao território, aos assentamentos em um contexto geral e ainda àqueles pesquisados. 4. Levantamento em documentos pela investigação do plano de manejo florestal do PAE Chico Mendes e do definido para utilização no PA Contestado. 5. Observação *in loco* da área em relação às

características gerais dos assentamentos. 6. Análise e desenvolvimento dos aspectos mencionados nos itens anteriores.

DISCUSSÃO DOS TERMOS – TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

Na dinâmica territorial Haesbaert (2004) apresenta uma definição bastante abrangente para o conceito de território, menciona – se tanto os aspectos materiais quanto simbólicos (representações) na gestão territorial e caracteriza as relações de poder que se estabelecem nesta gestão, é importante nos territórios compreender seus aspectos temporais, históricos e culturais. Assim, o território vai muito além da propriedade sobre um espaço físico de terra, e que este não pode ser facilmente delimitado, o autor explica que também há um território social, permeado por idealismos, que não necessariamente se fixa sobre uma base física. As questões materiais são apenas um aspecto do que se entende por território e territorialidade.

Este dualismo do território, é também discutido por Fernandes (2015), ele explica que a imaterialidade do território se relaciona com a imposição ou defesa de diferentes intenções propostas por diversificadas classes sociais. Ou seja, existem interesses e ideologias que permeiam a discussão sobre território, estes acabam se materializando por meio de políticas públicas. Também aponta a relevância do território percebido através de múltiplas escalas e dimensões, e esclarece que a terra, como propriedade, é a base do conceito de território, a qual é disputada por diferentes classes sociais para demonstração de seus interesses.

Para Saquet (2007) o território se desenvolve através do movimento, assim, se pode afirmar que é múltiplo, histórico e multiescalar. Nele confluem elementos materiais e imateriais que estão condicionados a esferas políticas, econômicas, sociais e culturais. "A matéria e a ideia, conjugadas, estão em movimento constante, em que, há superações, articulações territoriais, internas e externas a cada território" (SAQUET, 2007, p. 71). Desta maneira, para o autor, o movimento se torna contínuo e/ou descontínuo e termina por caracterizar o território, que por sua vez é símbolo de uma territorialidade que está marcada pela identidade e pelas interações recíprocas. Esta territorialização é o resultado de um processo sócio espacial do movimento, que está determinado por diferentes territorialidades nas quais o homem revela seus interesses econômicos, políticos, sociais e culturais.

RESULTADOS

Os Projetos de Assentamento Contestado e Chico Mendes, possuem particularidades, pontos divergentes e convergentes, representados na Tabela 1 abaixo.

Parâmetros Comparativos	Assentamento Contestado	Assentamento Agroextrativista Chico Mendes
Organização social	Cooperativa	Cooperativa
Produção	Produção agroecológica	Produção agroextrativista

Produto final	Hortifrutigranjeiro	Madeireiro/ toras e não madeireiro/ Latex
Políticas públicas	PNAE/ PAA	Roçados Sustentáveis/ Florestas Plantadas/ Manejo Florestal Comunitário
Consumidores Diretos	Mercado local/ cidades adjacentes.	Mercado nacional (madeira) (fábrica Natex)
Aspectos ambientais	Respeito a produção agroecológica	Selo-verde e manejo florestal comunitário
Turismo Ecológico	-	Pousada da Floresta

Tabela 1: Aspectos divergentes e convergentes entre os assentamentos Contestado e Chico Mendes. Fonte: Incra (2015), org. Autores.

Entre os pontos divergentes encontram-se a produção, os produtos finais, as políticas públicas desenvolvidas e os consumidores finais. Isso justifica-se por diferentes fatores entre os quais:

a) *Vegetação, solo e relevo:* No PAE Chico Mendes, tem-se a floresta tropical quente e úmida com árvores de grande porte. O solo é rico apenas na parte superficial, camada orgânica, pela decomposição da vegetação e animais mortos. Quando a vegetação da floresta é retirada, em muitos lugares, ocasiona-se a infertilidade do solo, desenvolve-se no local a agricultura de subsistência. No Assentamento do Contestado, encontram-se remanescentes de Mata Atlântica e da Floresta Ombrófila Mista com a presença de espécies nativas como Araucárias. Esta floresta foi devastada em função da exploração madeireira, que ocorreu até meados do século XX. Os trabalhadores rurais ligados ao MST promoveram a recuperação da área ocupada, através das ações relacionadas ao cultivo agroecológico, o que causou também a melhoria da qualidade da água.

b.) *Políticas públicas:* O Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes possui apoio do poder público Municipal, Estadual e Federal, ou seja, possui uma diversidade de políticas públicas. Destacam-se ainda as políticas denominadas: Roçados Sustentáveis e Florestas Plantadas, o poder público federal e suas políticas são apoiadas pelo Ibama, INCRA e Universidade Federal do Acre. Referente às políticas públicas as quais se relaciona o Assentamento do Contestado citam-se o PNAE e o PAA.

c.) *O mercado consumidor:* As diferenças em relação ao mercado consumidor, estão relacionadas aos tipos de produtos ofertados pelos assentamentos. Enquanto no Assentamento Chico Mendes o foco produtivo se concentra em produtos madeireiros e não madeireiros, o Assentamento do Contestado visa a produção de alimentos, gerando assim mercados consumidores diferenciados.

d.) *Turismo ecológico:* Tem potencial turístico a região na qual está inserido o Assentamento Chico Mendes, se estabelecesse nele a oferta da Pousada, atraindo turistas locais, regionais e nacionais. Em oposição, o Contestado não explora a visitação turística do local, porém, são abertos à visitação, recebem grupos de estudantes e visitantes em geral que queiram conhecer a organização da comunidade.

Com relação aos aspectos em comum encontra-se a organização social que corresponde ao cooperativismo. Ambos os assentamentos estão bem organizados. Isso ocorre em função de diferentes fatores, entre os quais destacam-se:

a) A organização social dos assentamentos;
b) Integração, união e respeito dos cooperados, dando-lhes voz ativa;
c) Acesso as políticas públicas federais e estaduais;
d) Projetos de assentamento com mais de dez anos;
e) Assentamentos consolidados;
f) Territorialidades dos assentamentos, percebida através das ideologias sustentáveis relacionadas aos bens produzidos (agroecologia e agroextrativismo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o Assentamento do Contestado quanto o Chico Mendes são locais consolidados e organizados, que acessam e desempenham políticas públicas. Possuem suas particularidades, no entanto comungam de práticas sustentáveis. Os assentamentos em questão também enfrentam problemas relacionados aos conflitos do entorno, aqueles que ocorrem fora de suas áreas como a sobreposição de práticas diferenciadas em relação à gestão do território como a produção do agronegócio em localidades próximas ao Assentamento do Contestado e a retirada da floresta visando a exploração madeireira ilegal e a implantação de atividades relacionadas à pecuária próximas ao Assentamento Chico Mendes. No território dos assentamentos manifestam-se as territorialidades, ressaltando os aspectos simbólicos e ideológicos relacionados às práticas de resistência ao modelo capitalista convencional. Isso dá-se pela forma como os assentados desenvolvem e simbolizam seu território. Essa territorialidade desenvolve-se de acordo com as características coletivas e de seus indivíduos.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, B. M. Disputas paradigmáticas e territoriais: leituras dos modelos agrários de desenvolvimento. In: ROSAS, C. A. R. F. (org.). **Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná**: abordagens e enfoques metodológicos. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. p. 85-102.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007.

DINÂMICA DO USO E APROPRIAÇÃO DA PRAÇA PE. ANTÔNIO F. CABALLERO EM PONTA GROSSA-PR

Thaís Samanta de Lima
Angela Stasievski Rochinski
Silvia Méri Carvalho

INTRODUÇÃO

Para compreendermos a funcionalidade e o uso das praças é preciso entender primeiramente que as praças, assim como parques e águas superficiais fazem parte do sistema de espaços livres de construção (BUCCHERI FILHO e NUCCI, 2006).

Os espaços livres podem ser classificados segundo suas tipologias em particulares, potencialmente coletivos e públicos e em áreas verdes, desde que o elemento fundamental de composição seja a vegetação, devendo satisfazer três objetivos principais: ecológico-ambiental, estético e de lazer. A vegetação e solo permeável (sem laje) devem ocupar, pelo menos, 70% da área; devem servir à população, propiciando um uso e condições para recreação (BUCCHERI FILHO e NUCCI, 2006). Portanto as praças podem ser consideradas espaços livres de construção, públicas e em algumas circunstâncias áreas verdes. Toda praça é um espaço livre, mas nem toda praça é uma área verde.

Tentando compreender o espaço público a partir das praças, Santos Eurich (2014, p.15) destaca "que as praças são capazes de se modificar e se adaptar as transformações que ocorrem nas cidades e acabam adquirindo ao longo do tempo diversas formas e funções sem perder sua essência como espaço coletivo".

Pode-se destacar que as praças, enquanto espaços públicos são um dos espaços mais utilizados pela população nas horas de lazer e passam por transformações constantemente ao longo do tempo. Sendo assim:

> Podemos compreender que o espaço público é criado para os propósitos do homem a fim de atender as suas necessidades e anseios e a partir do instante em que surge algo que seja de sua vontade, ou imposto a ele, ocorrerá uma nova modificação daquele lugar para que continue atendendo ao ser humano, o que acaba transformando o lugar em reciclável de acordo com a necessidade do momento. (MELO e ORLANDO, 2013, p.53).

É visível que ao longo da evolução dos espaços nas cidades brasileiras, algumas funções ainda permanecem, como a de convívio social, no entanto outras como uso religioso e militar, estão ausentes, surgindo novas funções como o lazer esportivo e cultural e a contemplação (com o ajardinamento das praças).Esses fatores enfatizam as mudanças nas formas de utilização desses espaços em face aos diferentes períodos da urbanização, pois em cada momento, eles assumem significados diferenciados. Robba e Macedo (2002) enfatizam alguns dos valores atribuídos às praças, os quais podem ser sintetizados em:

> a) Valores ambientais: o espaço livre das praças permite uma melhoria na ventilação e aeração urbana; as praças possibilitam melhoria da insolação de áreas mais adensadas; as árvores presentes nas praças promovem o

sombreamento das ruas e seus canteiros não irradiam tanto calor como o asfalto ou piso de concreto, propiciando o controle da temperatura; a cobertura vegetal das praças permite a melhoria na drenagem das águas pluviais e a proteção do solo contra a erosão.

b) Valores funcionais: muitas praças são as principais, senão únicas, opções de lazer urbano.

c) Valores estéticos e simbólicos: as praças representam objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercer importante papel na identidade do bairro ou da rua. (ROBBA e MACEDO, 2002).

Várias praças na cidade de Ponta Grossa não apresentam uma única função de destaque, sendo assim foi necessário criar uma classificação composta por mais de uma tipologia para preservar a complexidade das funções e a diversidade dos papéis sociais desenvolvidos por estas praças (SANTOS EURICH *et al.*, 2014). As tipologias utilizadas seguiram o critério de categorização, de acordo com a funcionalidade das praças, utilizado por De Angelis *et al*. (2004), como apresentado abaixo:

Praça de igreja: associada a uma construção ou templo religioso.

Praça de descanso e/ou recreação: aquela que se reconhece pelo desenvolvimento de atividades de entretenimento, passeio ou encontro.

Praça de circulação: aquela que, devido à sua localização, converte-se em um lugar de passagem obrigatória de veículos e/ou pedestres.

Praça de significação simbólica: um marco urbano que se recorda com claridade, quase sempre de desenho monumental e se relaciona com algum acontecimento de importância nacional.

Praça de significação visual: aquela que não se recorda por si, senão pelo monumento ou edificação, geralmente pública, que a define e ao qual ela está subordinada.

OBJETIVO

Tem como objetivo geral: Diferenciar as práticas cotidianas na praça Pe. Antônio Caballero, na área urbana de Ponta Grossa e como objetivos específicos: Identificar os perfis dos usuários da praça pública, bem como tipos de uso, padrões de frequência; Relacionar os aspectos positivos e negativos no processo de apropriação da praça

METODOLOGIA

O objeto de pesquisa é a praça Pe. Antonio F. Caballero, localizada na área urbana de Ponta Grossa-PR. Essa praça foi escolhida em função de se uma Praça de Recreação e Descanso, tipologia mais frequente na cidade. Esta pesquisa foi desenvolvida mediante análise quali-quantitativa da praça descrevendo o local trabalhado, sendo que para realização do levantamento dos dados, foi empregada entrevista semi-estruturada com informações necessárias para compreender o uso e apropriação da praça.

As entrevistas foram aplicadas em dois turnos: manhã e tarde durante a semana e aos finais de semana e/ou feriados. O período de permanência foi de uma hora (1 hora) no local entre os meses de Julho a Outubro de 2015. O número de entrevistas feitas por turno foram quatro de manhã e cinco a tarde nos dias de semana, e quatro de manhã e quatro a tarde no final de semana e/ou feriados, resultado em 17 entrevistas. Os horários foram entre às 10 horas às 12 horas de manhã e das 13 horas até às 17 horas. Sendo a pesquisa realizada no período do dia por questão de segurança e a noite apenas foi realizada uma observação para averiguar se havia movimentação de pessoas, mas a análise nesses casos foi realizada por observação indireta, mantendo todos os procedimentos adotados para os outros períodos.

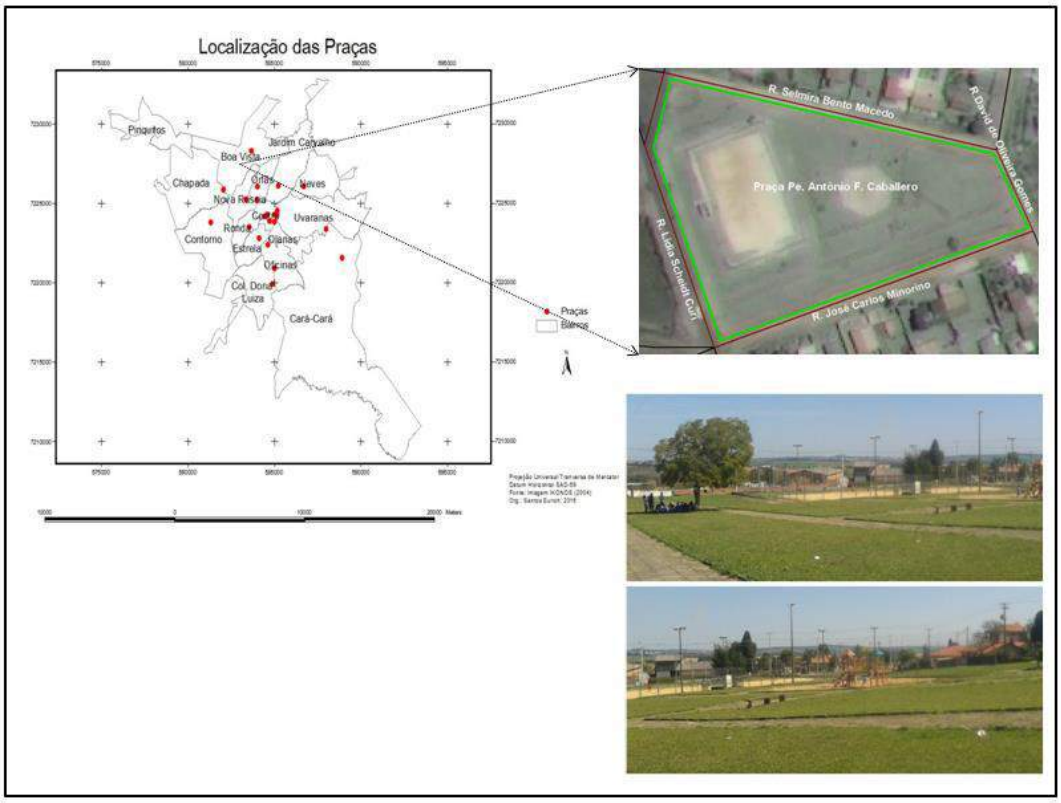
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta praça foi classificada como de Recreação/Descanso e de formato retangular (SANTOS EURICH, 2014), ou seja, conformada por quatro vias, estando localizada no Bairro Boa Vista porção norte da área urbana conforme demonstrado na figura 1.

Traçando o perfil dos usuários que frequentam essa praça, 100% residem em Ponta Grossa e a maioria no mesmo bairro em que a praça se localiza, sendo o sexo feminino que mais utiliza o mesmo. A maioria não tem ocupação declarada, ou seja, estudantes, donas de casa, desempregados e alguns atuam na área de prestação de serviço, como domésticas e manicures e apenas poucos atuam na área do comércio como vendedores (as). A renda familiar desses usuários chega até no máximo dois salários mínimos, notando-se que esses usuários são de classe baixa.

A maioria dos frequentadores da praça são adultos e casados, mas com uma grande porcentagem de jovens e solteiros, mostrando que essa praça tem atrativos para os dois perfis.

Figura 1- Características e localização da Praça Pe. Antônio F. Caballero



Fonte: Trabalho de Campo, Imagem Landasat (2004).

Org: Lima, Rochinski, Santos Eurich 2016.

Todos os entrevistados frequentam as praças, mas preferem o fim de semana, devido à disponibilidade de tempo tendo preferência no verão por ser um período sem chuvas ou frio. Os que preferem dias de semana ou esporadicamente são os estudantes que vem para se divertir. Segundo a tipologia utilizada por De Angelis *et.al.*(2004) foi classificada como praça de recreação e descanso. Como podemos perceber, os usuários confirmaram essa tipologia onde as prioridades de atividades, algumas de entretenimento como levar os filhos e atividades físicas, outras prioridades de encontros ou passeios, que foram citados em segundo e terceiro lugar pelos usuários como encontrar amigos, lazer e a contemplação do espaço.

Alguns usuários tem preferência de frequentar outras praças, mas a prevalência é dessa praça em que foi realizada a pesquisa e alguns usuários utilizam o Complexo Ambiental e a Barão do Rio Branco, ambas localizadas no Centro. Os deslocamentos ocorrem a pé ou de bicicleta devido ao curto tempo que leva até chegar a Praça, como pode ser visto na tabela 1. Os usuários preferiam uma praça mais perto de sua residência que no máximo levariam 5 minutos de deslocamento até o local. Nessa praça, os entrevistados tem preferência de utilizar esse espaço no período da tarde, devido às crianças, a temperatura estar mais amena, e foi no período da tarde durante nosso campo que percebemos que há vários usuários na praça e no fim de semana. Em relação à segurança 53% dos usuários afirmam se sentirem seguros no local.

Tabela 1- Variáveis consideradas para a Praça Pe. Antônio F. Cabellero (Boa Vista).

Tabela 1- Variáveis consideradas para a Praça Pe. Antônio F. Cabellero (Boa Vista).

Perfil	Residência	94% moram no mesmo bairro 6% vêm de outros bairros
	Gênero	65% feminino 35% masculino
	Profissão	65% outra ocupação ou ocupação mal definida. 24% prestação de serviço 12% área do comercio
	Idade	53 % adultos 47% jovem 0% idosos
	Estado Civil	53% casados (as) 41% solteiro (as)
	Renda Familiar (salários mínimos)	82% até 2 salários mínimos 18% entre 2 á 6 salários mínimos
Frequência	Frequenta as Praças	100% dos usuários
	Frequência que visita este espaço	65% no final de semana 18% em dia de semana 18% esporadicamente
	Costuma frequentar mais vezes:	59% preferem tanto no verão como no inverno 41% preferem no verão
Uso	Prioridade de Atividade	1° Atividade Física/ Levar os Filhos 2°Encontrar Amigos/ Lazer 3°Contemplação
	Praças que mais frequenta	1° Praça Pe. Antônio F. Caballero 2° Com.Amb.G.Manoel Ribas 3° Barão do Rio Branco
	Tempo de deslocamento	65% de 6 a 10 minutos 17% de 1 a 5 minutos 12% de 11 a 15 minutos 6% 16 a 20 minutos
	Deslocamento por meio de:	76% a pé 24% de bicicleta
	Horário de preferência:	65% período da tarde 35% período da manhã
	Segurança	53% há segurança 47% não há segurança
	Frequenta com:	59% com a família 41% com os amigos
	Preferência de proximidade da Praça	76% de 1 a 5 minutos de sua residência 24% de 6 a 10 minutos de sua residência
Avaliação	Estrutura da Praça	65% regular 17% péssimo 12% boa 6% ótima
	Satisfação dos usuários	88% satisfeitos 12% não satisfeitos
	Necessidade de melhorias	76% Sim (reforma na praça, no parque para as crianças, na estrutura, e mais arborização) 24% Não
	Aspectos	ASPECTOS POSITIVOS Segurança, Local para futebol e brinquedos para as crianças, Espaço amplo e área para lazer, Arborização. ASPECTOS NEGATIVOS Não possui infraestrutura e manutenção, Nem arborização, pouca limpeza e necessita melhorias na quadra de areia e mais atrativos.
	Sensações	Tranquilidade, calma, paz, relaxamento. Alegria, diversão, distração. Boa,

Org: Lima e Rochinski, 2016.

Sob a ótica dos entrevistados a estrutura do local está regular ou péssima, onde há poucos equipamentos para uso ou estão parcialmente degradados ou depredados, não há manutenção e nem segurança em alguns períodos do dia. Portanto, a maioria afirmou que necessita de reforma, no parque para as crianças, na estrutura e o plantio de mais árvores. Mas com todas essas necessidades de melhorias os usuários ainda afirmam que esse local satisfaz as suas necessidades. Em razão de alguns aspectos colocados podemos perceber que esta praça não possui infraestrutura ou manutenção, necessita de melhorias e limpeza, sendo o órgão responsável por isso é a prefeitura. Como consequência desse descaso há diminuição da frequência e utilização da praça, mas

ainda existem alguns aspectos positivos em que os usuários se sentem seguros, com espaço amplo, com local para futebol e brinquedos para as crianças.

Este local transmite sensações diferentes para cada usuário, como tranquilidade e calma por ser um local mais afastado, sem muito movimento, com amplo espaço, também alegria e diversão proporcionada pelos brinquedos, pelas crianças, os espaços para futebol, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa praça por ser da tipologia de Recreação e Descanso mostrou que os usuários tem preferência de utilizar o local principalmente nos finais de semana e feriados em função da disponibilidade de tempo e é considerado um local seguro para os moradores da região. Em relação à estrutura precisa de maior atenção do órgão responsável, pois manutenção e limpeza ocorrem esporadicamente neste local havendo a necessidade de mais atrativos. Pode ser observado que, quando há limpeza por parte da prefeitura, no local ocorrem atividades como torneio de futebol e campeonato de som.

As praças são benéficas a população mesmo com os problemas citados por eles, todos os usuários consideram as mesmas como um local que traz inúmeros benefícios aos frequentadores.

Portanto, a praça analisada precisa de melhorias por parte do órgão responsável, a prefeitura municipal, que deve investir em novas infraestruturas ou manter as que já existem para que a praça não perca sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCCHERI F., A.T.; NUCCI, J.C. Espaços livres, áreas verdes e cobertura vegetal no Bairro Alto da XV. **Rev. Departamento de Geografia**, Curitiba/PR, n. 18, p. 48-59. 2006.

DE ANGELIS, B. L. D; CASTRO, R. M. de. DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. *Engenharia Civil*, Goiania-GO, v. 1, n. 20, p. 57-70, 2004

MELO, C. A. S. M. de; ORLANDO, P. H. K. Análise na Gestão da Formação e Transformação da Praça Tubal Vilela, Uberlândia – Mg como espaço público. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidade**s, v. 01, n. 01, 2013, p. 45-55

ROBBA, F; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS EURICH, Z.R. **As praças da cidade de Ponta Grossa-PR: arborização urbana, infraestrutura e distribuição espacial.** 2014,98 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território)- Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.